

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

REV. 7 X 525
1325
REV. 102PH 4

SERÕES

N.º 61 — Julho 1910

Assignatura } Semestre.. 1\$200
 } Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial



S. V. S. Souza

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N.º 256 — BELEM

Telegrammas

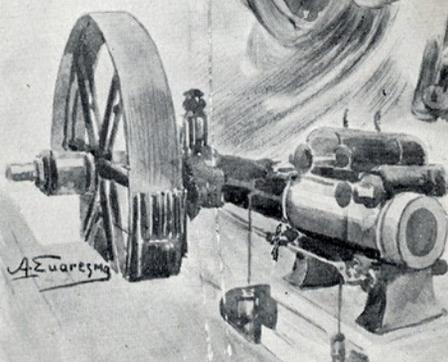
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS

E

RUA VASCO DA GAMA
LISBOA



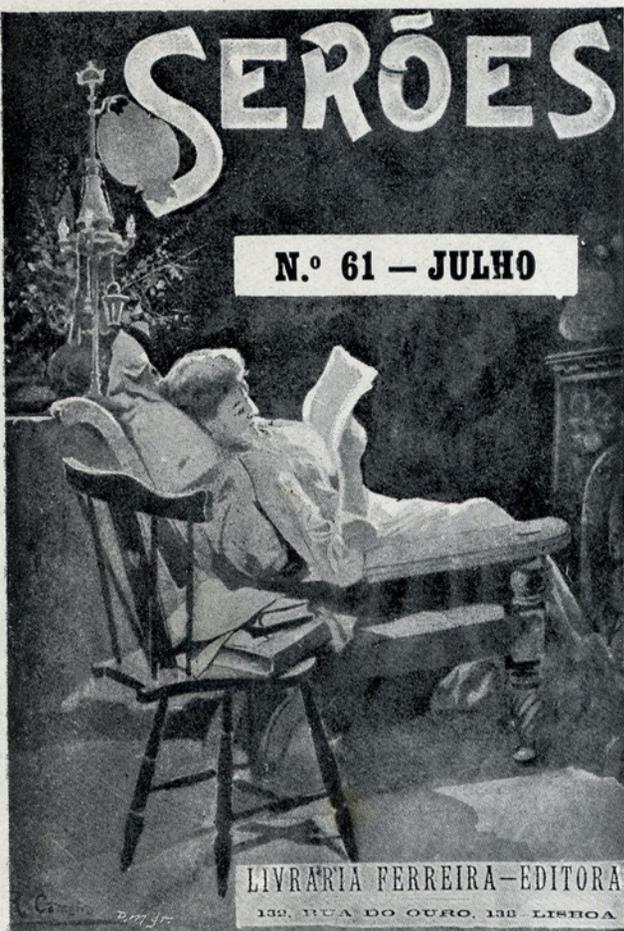
ILLUSTRADORA L. DO CARMO 17, LISBOA



A. Suarezma

SERÕES

N.º 61 — JULHO



LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA

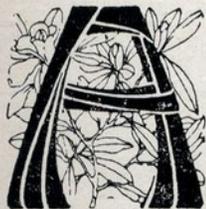
132, RUA DO OURO, 135 LISBOA



UMA APANHA DE CANNA DOCE

O assucar madeirense

Linhas de historia — O assucar é um producto oriental — Quem o introduziu na Europa — O Infante D. Henrique ordena a plantação da canna dôce na Madeira — Christovão Colombo leva-a d'esta ilha para as Indias Occidentaes — O primeiro engenho madeirense e o melhor assucar do mundo — Um vaticano d'assucar com os cardeaes d'alfenim — A doença da canna — Novas plantações — A Fabrica do Torreão — Como se cultiva a canna — A conducção para as fabricas.



CANNA d'assucar é, como geralmente se sabe, d'origem oriental.

Segundo bons auctores, esta planta floresce «em estado selvagem nas regiões trans-gangeticas»; e está averiguado que os chinezes exploraram a cultura e industria sacharinas, dois mil annos antes da Europa as conhecer. Foi depois das conquistas d'Alexandre Magno,

no seculo IV antes de Christo, que o Oriente viu passar os seus dulcissimos productos para as regiões occidentaes.

Os gregos e os romanos davam ao assucar o nome de *sal indico*, apontando n'esta denominação a sua procedencia. Mas este *sal* era de tal maneira desconhecido, em sua essencia e modos de producção, que Strabão o julgava *espontaneo mel vegetal*; Seneca chamava-lhe *celeste orvalho, congelado nas folhas de certa canna*; e outros,

como Plinio, diziam ser o assucar *um succo vegetal transformado ou reduzido a gomma.*

Como se vê, era, ao tempo, quasi completa a ignorancia dos mais doutos europeus relativamente a tal producto, e tudo leva a crêr que nunca seus olhos tivessem encontrado essa *mysteriosa* planta.

O dr. Alvaro d'Azevedo que em suas notas ás «Saudades da terra», de Gaspar Fructuoso, traz uma bem documentada monographia do assucar, diz que, principalmente, «á iniciativa scientifica e agricola dos arabes e á emprehendedora actividade mercantil dos italianos aventureados pelo interior das Indias, entre os seculos XI e XIII, se devem a acclimação e cultura da canna dôce no littoral asiatico e africano do Mar Vermelho, e littoral asiatico, africano e europeu do Mediterraneo».

No seculo XII já na Sicilia se cultivava, abundantemente, a canna e se fabricava o assucar. Os sarracenos levaram-n'o ao sul da Hespanha, ahi pelo seculo XIII, e, no alvorecer do

seguinte, a canna sacharina vegetava em Chypre, Candia e Rhodes, e de maneira notavel nas costas da Moreia.

Ainda que só mais tarde tal noticia viesse á Europa, o certo é que a Arabia, Syria, Egypto, Abissinia e Barbaria foram os paizes que, depois das Indias, primeiro produziram o *sal indico*. O processo creado pelos arabes para a crystalisação e purificação do assucar, era imperfeito; os venezianos, aprendendo de Marco Polo o que elle sobre a materia colhera no Oriente, e melhorando o fabrico arabe, foram os primeiros que obtiveram na Europa o assucar refinado.

E' por esta altura — seculo XV — que o *dôce* começa a vulgarisar-se na Europa, entre as classes ricas, e que apparece a

sub-industria dos confeitos e conservas de variados fructos, á imitação indiana.

A plantação da canna sacharina na Madeira data de 1425, ordenada pelo infante D. Henrique que a mandou vir da Sicilia, expressamente, como a melhor, conhecida. D'aqui passou successivamente ás Canarias, ás ilhas de Cabo Verde, S. Thomé e Principe, e depois, ainda, ao Brazil.

O botanico irlandez Hans Sloane affirma que foi Christovão Colombo quem introduziu na America, por occasião do descobrimento, a cultura da canna dôce. E como o Almirante residira na Madeira — onde casou

com uma filha de Bartholomeu Perestrello, donatario do Porto Santo, por occasião do primeiro periodo da florescencia sacharina, — tudo leva a crêr que o cultivo como o processo fabril fossem por elle levados d'esta ilha para a de S. Domingos.

O primeiro engenho d'espremer canna que se estabeleceu em terra

madeirense foi o de Diogo de Teive, por privilegio concedido em 1452, sendo a pequena fabrica movida a agua. As mais antigas plantações sacharinas fizeram-se no chamado Campo do Duque — hoje, Largo da Sé e de S. Sebastião —, propagando-se, a seguir, a Machico onde adquiriu tal desenvolvimento e tão grande fama a qualidade do producto, que o assucar madeirense foi reputado o melhor do mundo, mesmo em confronto com os primeiros typos orientaes.

O infante D. Henrique, Senhor da Madeira, tributou o assucar por fórma a receber a terça parte do que produzisse o engenho de Diogo de Teive. Subsequentes



ENTRADA GERAL DA FABRICA DO TORREÃO
E O ARMAZEM DAS CANNAS

exigencias do Duque D. Fernando sobre a canna não espremida, determinaram a criação das alçapremas ou prensas manuaes, ainda assim tributadas, cada uma, no valor mensal d'arroba e meia do genero fabricado. Comtudo, e apesar da concorrência das Canarias, a industria madeirense produziu, em 1488, mais de cento e vinte mil arrobas de excellente assucar.

A instituição publica das *levadas*, no fim do seculo xv, conduzindo a agua, o sangue da terra, a vastissimas regiões d'antes estereis, determinára um desenvolvimento industrial e agricola que, enriquecendo os sesmeiros e dando a abastança aos colonos livres, levou a ilha a uma real e opulenta prosperidade.

Mas a rapida riqueza desnor-teou o sesmeiro que, aborrecido da vida agricola, deixou a terra aos cuidados do colono. O *senhorio* por estipulação es-

pecial — «O contracto de colonia» — ficou com metade da producção do sólo, passando, assim, de lavrador activo, a ocioso e presumpçoso morgado. Tal facto marcou um começo de decadencia nas forças economicas da Madeira.

O excesso da offerta sobre a procura determinava um estado que ameaçava degenerar em temerosa crise, se El-Rei D. Manoel não accudisse com promptas e efficazes providencias.

O cosimento e refinação dos *mêles*, prohibidos na ilha pelo Duque D. Fernando, em 1489, d'onde data a origem das «officinas de refinação d'assucar» no continente, e especialmente em Lisboa, teve restabelecimento em 1498, n'um conjuncto de beneficas medidas em que foi abolida a taxa dos assucares, abrindo-se mercados novos e

creando-se alfandegas, policiadas, para fiscalisação dos direitos e exportação dos productos sacharinos. O rasgamento das principaes levadas communs da ilha melhorou por tal fórma o commercio e augmentou a tal ponto a producção, que, em meados do seculo xvi, apesar do contracto de colonia, vinculação da terra e reducção de preços, a colheita e negocio dos assucares chega-



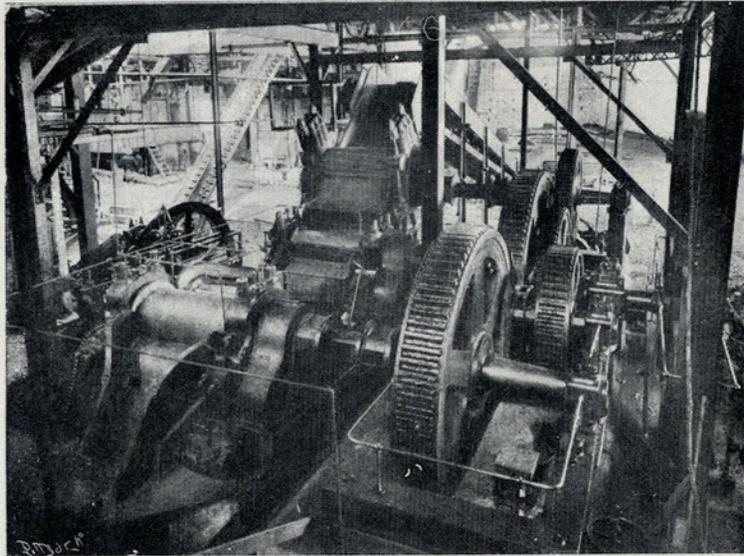
JANTAR OFFERECIDO AOS 360 TRABALHADORES DA FABRICA DO TORREÃO NO ARMAZEM DAS CANNAS, NO 50.º ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA MESMA FABRICA

ram a um maximo notavel, pois o fabrico elevou-se acima de trezentas mil arrobas.

A cultura, industria e commercio sacharinos attingiram por esta época tal desenvolvimento que Simão Gonçalves, então donatario do Funchal, disfructava «a melhor renda de Portugal, tirando a do duque de Bragança e Mestre de Santiago», podendo dispender largas sommas em despezas de guerra, luxuosa ostentação e constantes liberalidades.

A offerta por elle feita ao Papa Leão X, de quem seu filho Manoel de Noronha, bispo de Lamego, era secretario, marca, a um tempo, o grau de riqueza de que fazia alarde, e a que altura chegára, n'esta ilha,

o progresso das sub-indústrias sacharinas. Lê-se na «Historia das Ilhas» que o capitão do Funchal «despachára da ilha um creado seu, por nome João de Leiria, acompanhado de muita creadagem vestida de veludo preto, á portugueza, homem mui honrado, prudente e gentil-homem, e o mandou a Roma visitar o Papa com um grande serviço, que, além de um cavallo persio de muito preço, que levava de cabresto um mourisco muito gentil e de alto corpo, vestido de uma marlota de girões de seda, levou mais muitos



CYLINDROS DE ESPREMER CANNAS

mimos e brincos da ilha, de conserva, o *Sacro Palacio todo feito d'assucar*, e os cardeaes todos feitos d'alfenim, dourados a partes, o que lhes dava muita graça, e feitos da *estatura de um homem*».

Tão ampla architectura e complicada estatuaria doceiras, tiveram por *atelier* e officinas o mosteiro de Santa Clara, cuja fama de saborosos, artisticos e requintados confeitos ainda chegou aos nossos dias.

Em seguida a este periodo de opulencia, o *bicho* devastando as plantações, a *peste* flagellando a população, a invasão dos corsarios francezes pondo a cidade a saque, e o *fogo do céu* (incandescencia atmospherica), em 1593, queimando a vegetação, abalararam profundamente as industrias sacharinas.

O golpe mais decisivo, porém, chegou pelos fins do seculo XVI e seculo XVII, com a concorrência do assucar americano produzido pelo trabalho gratuito dos escravos e pela ligação íntima da propriedade do sólo ao capital, em opposição, entre nós, ao trabalho do colono livre, desmembrado,

ainda, do elemento essencial da industria agricola — a terra.

O assucar do Brazil matava o assucar madeirense.

Com o terramoto de 1748, coincidiu o desaparecimento dos engenhos, e a Madeira principiou a consumir assucar americano.

Durante esta phase de decadencia, a vinha havia triumphado sobre a canna. Mas a producção vinicola florescente até meados do seculo XIX, é anniquilada pela invasão de *oidium-tuckery*, a *mangra*, em 1852.

A necessidade mais extrema faz voltar de novo a attenção e cuidados do lavrador para a canna dôce, cuja cultura se desenvolve e prospéra pela introducção dos engenhos a vapor, e superioridade confirmada do assucar madeirense relativamente ao seu temível concorrente que, por tal motivo e maior distancia do continente europeu, lhe permite um commercio grosso e desafogado. O fabrico da aguardente de canna ajuda poderosamente e muito anima a cultura sacharina, alastrando-se, rapido, por todos os terrenos mais generosamente irrigados.

Entre 1860 e 1870, o preço do assucar subiu tão alto em todos os mercados do mundo, que as fabricas madeirenses exportaram para o continente a quasi totalidade dos seus productos, elevando-se tanto o seu preço, n'esta ilha, que necessario se tornou a intervenção de medidas especiaes difficiladoras da exportação. Os direitos foram, depois, diminuindo com o augmento progressivo das colheitas.

A canna Bourbon, rica de grau, que era a antiga planta da Madeira, principiou a adoecer em 1885, desaparecendo total-

mente ahi por 1888. Foi espantosa a crise agricola d'esta época que levou para as ilhas de Sandwich e Demerara, em emigrações successivas, um avultado numero de braços. Novamente se desenvolve a cultura da vinha, mas a crise apenas sente uma atenuação ligeira.

As attenções não se desviam das industrias da canna dôce; e de 1889 a 1895, trata-se a serio do seu restabelecimento principalmente devido á firma proprietaria da Fabrica do Torreão, impellida pela necessidade de defender os grandes capitaes alli empregados.

Novas castas foram adaptadas ao sólo madeirense, dando porém um menor rendimento fabril, d'onde se reconheceu a necessidade d'um conjuncto de disposições protectoras para se chegar a um resultado proficuo.

Abriu-se uma matricula para as fabricas de assucar e alcool; obrigou-se os estabelecimentos matriculados á compra de toda a canna por um preço que é, actualmente, de 450 a 500 réis por trinta kilos, dando-se-lhes como compensação d'este encargo, o exclusivo da producção do alcool de melão, baixando para essas fabricas o direito sobre o melão exotico.

Era absoluta a necessidade da elevação d'estes preços da canna, superiores, oito vezes, aos pagos na America, Africa e Oceania: as terras, as aguas, as rendas, adubos e salarios haviam encarecido progressivamente.

Mas, por outro lado, a industria fabril para pagal-os teve de receber compensações, pois as novas castas eram, como dissemos, de menor grau, o que se tem tornado mais sensivel pelo esgotamento do sólo não restaurado convenientemente por uma adubação adequada.

De 1904 em deante a plantação da canna foi attingindo proporções nunca vistas, especialmente depois d'aqui introduzida a canna *Yuba*, cujas qualidades de propagação e resistencia são verdadeiramente assombrosas, chegando a vegetar em consideraveis altitudes, — ainda que a sua riqueza sacharina diminue um pouco, á medida que os cannavaes se affastam do littoral.

A carestia da canna Bourbon e, ainda mais, a das substitutas, difficultou o exercicio da industria do assucar na Madeira. Em consequencia d'este facto, tendo-se fundado, n'um periodo de 50 annos, nove fabricas d'assucar, algumas mesmo muito importantes, todas ellas desapareceram ou se arruinaram, mantendo-se unicamente a do Torreão de que foi fundador, em 1859, Mr. William Hinton e de que é proprietario actual, seu filho, o conhecido industrial Mr. Henry Hinton.

Não conhecemos as condições de vida economica d'esta importante fabrica que se diz caminhar na vanguarda de todos os progressos industriaes e scientificos. O facto é

que o seu desenvolvimento, a actual evidencia do seu nome, a sua acção sobre grande parte da nossa riqueza agricola, e ainda a condição de ser unica, entre nós, no fabrico do assucar, dão direito a que d'ella possamos dizer algumas palavras, mais



CANNAS A CAMINHO DO ENGENHO

detalhadamente, pelo que respeita a pormenores de feição puramente industrial.

A capacidade da Fabrica do Torreão,

será este anno, ao que nos informam (1), de 500 toneladas, afim de acompanhar o desenvolvimento crescente do cultivo da canna que, no anno ultimo, attingiu a cifra de 52:000 toneladas em toda a ilha, da qual 33:000 foram n'esta fabrica reduzidas a assucar, durante tres mezes e meio de laboração.

A energia motriz é fornecida por seis grandes caldeiras de vapor, systema *water-tube*, tendo as respectivas machinas a potencia de 600 çavalllos. A fabrica transforma em assucar, diariamente, 500 toneladas de planta, occupando cêrca de 360 operarios.

O transporte da canna, até agora feito em *corças*, ou zorras, puxadas a bois, começa este anno a ser parcialmente feito — para a que chega por mar, — por um cabo aereo lançado sobre a Ribeira de Santa Luzia, da foz até o Torreão.

Das modificações mais notaveis que teem augmentado, desde 1900, a producção da fabrica, deve destacar-se o processo chamado da *circulação forçada*, graças ao qual Mr. Hinton consegue um rendimento sacharino muito vantajoso para o equilibrio economico do seu vasto estabelecimento fabril. Tem elle por fim extrahir da planta a maxima quantidade de assucar crystalisavel.

Foi em 1902 que na Fabrica do Torreão se fizeram as primeiras experiencias da diffusão da canna pelo systema de M. Léon Naudet, introduzindo-se-lhe aperfeiçoamentos, resultantes de longos trabalhos e estudos, que o melhoraram por fórma ao inventor associar-se com o proprietario da fabrica para a exploração do processo que tomou

o nome de Hinton-Naudet, com patente de invenção em Portugal e Inglaterra.

A canna é espremida por dois poderosos engenhos que lhe extrahem a maior parte do sumo. Mas o bagaço sahido d'esta primeira operação ainda contém assucar. Levado por um elevador mechanico, dá entrada, a seguir, no apparelho de diffusão onde, por meio da *circulação forçada*, vae abandonar essa porção de assucar que anteriormente ficava quasi totalmente perdido.

Pelo processo antigo era de 80 0/0 o maximo obtido em sumo de canna, emquanto que por este se alcança 97 0/0, com garapas mais densas, mais puras e transparentes; supprimindo-se as defecadoras, de que resulta grande economia de combustivel; dispensando-se as clarificadoras; e tornando inuteis os filtros-prensas em que as

perdas d'assucar são notaveis. Pelo systema Hinton-Naudet, toda a laboração é feita n'uma mesma bateria de diffusão, sem desperdicio algum, sahindo o liquido sacharino em tal estado de pureza que pode ser immediatamente tratado pela evaporação para a sua transformação em assucar. O producto é obtido em

crystaes, sendo o de primeira qualidade d'um brilho scintillante que polarisa 99,5 0/0.

Na producção do alcool para tratamento de vinhos, a industria fabril tem soffrido tambem uteis modificações, de modo a apresentar no mercado productos de tal pureza que já rivalisam com os similares estrangeiros

O assucar que sahe da Madeira, e n'esta ilha se consome, é crystalisado, o que impede toda a especie de falsificação. Demais, sabe-se que nem a fórma crystalina é possivel de obter-se quando as garapas sejam impuras ou mesmo quando haja n'ellas glucose, natural, acima d'uma percentagem minima, pois o assucar da uva pela sua rebeldia á crystalisação evita que a sacharose a que ande associada adquira a sua feição typica.



A FABRICA DO TORREÃO

(1) Muitas d'estas informações foram-nos amavelmente fornecidas pelo Ex.^{mo} Sr. João Hygino Ferraz, intelligente director tecnico da Fabrica do Torreão. Outras, são extrahidas do artigo «O Fabrico do Assucar na Madeira», publicado no n.º 17, 2.ª serie, da *Illustração Portugueza*, de 18 de junho de 1906.

A planta sacharina reproduz-se na Madeira enterrando-se, a pouco mais d'um palmo, as pontas — a que o povo chama *pranta* — separadas de cada canna prompta a seguir para o engenho.

Os terrenos, que não exigem cavas profundas, especialmente para a canna *Yuba* — no dizer do agricultor, *capaz de dar sobre uma pedra* — são enriquecidos para a plantação e desenvolvimento ulterior com adubos chimicos e de curral, ainda que o uso dos primeiros deveria ser feito com mais criterio quanto á sua composição e quantidade.

A canna, justamente porque não enraiza fundo, exgotta rapidamente os elementos nutritivos de que carece, existentes na primeira camada do sub-sólo. D'ahi a necessidade d'uma adubação contínua e bem apropriada. O amanho da terra torna-se, por isso, e pela necessidade das frequentes irrigações de verão, realmente caro; mas o lavrador tem notavel predilecção por esta cultura que, além de dar-lhe um bom e seguro rendimento, lhe fornece durante o anno, com as desfolhas, uma alimentação muito querida dos gados mantidos para o trabalho e para a producção do leite e dos proprios adubos que hão de servir á canna.

Esta planta dá colheita no seu segundo anno de vegetação, fornecendo a *sóca*, d'ahi em diante, uma colheita annual, até envelhecer.

A apanha começa em março, só terminando em junho ou julho por a abundancia da producção actual não permittir mais rapido consumo fabril. Depois de separadas da *sóca*, as cannas são apertadas em arcos de ferro de dimensões uniformes, consti-

tuindo os *mólhos*, transportados, uns sobre outros, em *côrça*, até ás fabricas.

Essa época é de grande actividade campesina e de gaudio enorme para os rapazes que teem na canna doce, descascada a dente, chupada e engulida a sorvos, uma apreciada guloseima obtida d'entre as que o agricultor põe de parte, como refugo.

Em regra, porém, não se contentam elles com esses caules rijos, pouco assucarados e nodosos: tenta-os os entre-nós, os *canudos* succulentos, d'um amarello saudavel, denunciando fibra tenra, garapa doce e de facil extracção.

Reservam-se, por isso, para, á sahida das *corçadas*, escondendo-se ás esquinas ou detraz das arvores, e illudindo a vigilancia dos boieiros, surripiarem, puxando rapido e com força pelos tróços, as que não podem alcançar da generosidade do lavrador.

As luctas entre conductores e rapazes são constantes. Algumas, apesar da illegalidade do acto que lhes dá origem, não deixam de ser eminentemente comicas: Um garoto furta uma canna a despeito dos cem olhos d'Argus do boieiro. Este, irritado com o caso, corre após o rapaz que, em geral, mais agil desaparece sem poder ser agarrado. Durantè este tempo, os outros da malta apanhando o campo livre e desajustado o mólho pela falta da primeira canna, subtraem facilmente as que teem na vontade, correndo em direcções diversas e deixando ao coletrico boieiro quasi os arcos por favor.

E' claro que, muita vez, a policia intervém e a sua presença impede então o attentado. Ella, porém, não póde estar em toda a parte; e os rapazes, endemoninhados mercurios, teem nos pés ligeiros umas occultas mas verdadeiras azas...

Funchal.

R. GOMES.



Sinceridade

A MÃE (*em tom de ralho*)

Venha cá, seu Joãozinho!
O menino é um guloso:
foi furtar um bolo. . .

JOÃOZINHO

Eu não!

A MÃE

E por cima mentiroso!
Ai! que desconsolação!
que triste que eu vou fiçar!
Ha boccado um passarinho
meu amigo,
que andava alli n'um raminho
a espreitar,
Sabe o que me disse? . . . Digo?

JOÃOZINHO

O que lhe disse?

A MÃE

Que o vira

com o tal bolo na mão.
Elle é que falla verdade
e sabe bem que a mentira
é a mais feia maldade!

JOÃOZINHO (*triumphante*)

Pois, olhe, não «verdadou»;
não goste d'elle esta vez!
Disse que eu comi um bolo?
Que passarinho tão tolo!
Não comi um, comi trez!

Candida Ayres de Magalhães.



HISTORIA D'AMOR

DE Helena e Páris

POR Alice e Claude Askew

«Deixae-me esconder o rosto» — suspirou Helena, a mulher divina. — «Foi terrível, supportar o olhar dos Gregos, esses heroes que outr'ora, eu recebia como hospedes no palacio de Menelau a quem offerecia as taças de vinho e as iguarias. Chamavam-me então *Helena dos braços de neve*, e cantavam em meu louvôr; agora chamam-me vil, e apunhalam-me com os seus olhares, com as suas ironicas expressões». — Ergueu a voz e chorou; os seus soluços eram como o lamento das vagas, as suas lagrimas corriam, como chuva de tempestade.

O velho Priamo, o rei de Troia, impo-nente na sua velhice, collocou a mão tremula no hombro d'aquella mulher abatida, arrependendo-se quasi de a ter conduzido ás muralhas da cidade, para lhe dizer quem eram os chefes gregos. Mas desejava tanto saber-lhes os nomes, quem era o rei Agamemnon, o chefe, e quem era Ulysses; Ajax tambem; Ajax, um gigante ao pé d'elles; por isso tinha chamado Helena.

Esta tinha olhado e respondido, observando todos os senhores da Grecia, que tinham sido vassallos da sua belleza, até que Menelau a tinha desposado, e feito rainha de Sparta.

Tinha-se encostado ao muro do terraço, aquecendo com o seu niveo còlo, a pedra a que se encostava, e tinha olhado para aquelles que esperava não mais tornar a ver, até que a vergonha entrou na sua alma; e purpureou-se aquella carne que era a mais pallida, a mais rara que jamais existiu no mundo.

«Querida filha» — disse o velho rei, o bom rei de Troia — «não te censes por toda esta desgraça, por esta guerra san-

grenta que devasta as muralhas de Troia. Só os deuses são culpados, e não tu, linda Helena, que és innocente».

«Sim innocente» — respondeu ella n'um soluço — «tão innocente, como uma creança que còlhe um fructo prohibido, simplesmente, porque lhe está ao alcance da mão. Oh! meu pae! Antes queria ter morrido, d'uma morte tranquilla, na minha Grecia, antes de ter visto o vosso filho!»

Alinhou as pregas da sua longa tunica branca e ficou-se triste em face das muralhas de Troia; o seu cabello louro cahindo-lhe pelas espaduas, vestia-a de ouro e exhalava um aroma mais doce, que todos os perfumes da terra. «Sou eu a culpada!» — murmurou, unindo as niveas mãos e erguendo os olhos. — «Como pude eu abandonar o meu senhor, o meu filhinho, a minha casa, e fugir com Páris aavez de mares tempestuosos; Páris, que me conquistou d'uma maneira tão mysteriosa, que decerto o auxiliou a deusa Aphrodite; auxiliou-o tambem o seu rosto viril, a sua brilhante juventude, os seus musculos de marmorea brancura; auxiliou-o a sua doce e meiga voz, porque ha uma magia de cantos e melodias nas notas graves que eu adoro ouvir unida ao seu coração!»

Calou-se, depois inclinando o seu lindo corpo, sentou-se, rojando no chão o cabello d'ouro.

«Vistes» — disse ella — «como o rei Agamemnon me olhou? Elle que me chamava sua irmã! Ha tanto tempo que quasi me parece um sonho; mas agora, que me chamará elle? Ulysses escarneceu-me; vi os seus labios franzirem-se e o seu olhar brilhar; Menelau, chorou. Senti as suas lagrimas, cahirem-me no coração». Estremeceu; longos

soluços abalaram Helena, a deliciosa Helena, por quem tantos homens brandiam as espadas e morriam; morriam, defendendo o seu nome, a sua graça e a sua divina belleza.

molharem de lagrimas; és noiva e Páris é o teu senhor; vem para ti nas azas do amor. Aquella juventude que nasceu de Priamo e que bebeu o leite de Hecuba, ensinar-te-ha

a esquecer que deixaste a tua patria, os seus beijos hão-de confortarte, e os seus braços proteger-te».

Assim falou o velho rei, o pallido Priamo, erguendo o seu manto de púrpura, enquanto o vento lhe agitava o cabello de neve, que mais tarde se havia de ensanguentar, cahindo á ira de Pyrrho; mas só quando Troia se rendesse em fogo, sepultando n'elle o seu rei.

«Páris acaba de chegar». — Helena repetiu as palavras de Priamo, depois ergueu-se, compoz o cabello revoltado, e olhou para o joven que corria para ella. Páris, o pastor das montanhas que o sol beijava, cujos cabellos cahiam em aneis ao longo da bella cabeça, cujos labios eram humidos e vermelhos como as petalas d'uma rosa, cujos olhos eram profundos e escuros como as placidas

ribeiras em que o luar brilha, illuminando-lhes o fundo, Páris, vestido sumptuosamente, approximou-se sorrindo, e uniu-a a si sorrindo, sempre sorrindo.

Helena quiz recuar mas não pode; deixou



TINHA-SE ENCOSTADO AO MURO DO TERRAÇO...

«Páris acaba de chegar» — disse Priamo. — «Mulher, não te lamentes mais; isto havia de succeder; podem acaso os mortaes combater contra os deuses? Enxuga os teus olhos que são demasiado azues para se

pende as mãos ao longo do corpo, enquanto elle beijava os seus labios, como uma abelha que aspira o mel das flôres.

«Oh! senhor!» — murmurou ella — «os homens estão luctando, morrendo; todo o dia me tem perseguido o ruido da batalha, toda a noite vejo phantasmas que me exprobam, me mostram as suas feridas e me assustam com os seus suspiros, censurando-me as suas existencias perdidas. Chorêmos, em vez de nos beijar, porque attrahimos sobre Troia a ira dos deuses, e todos os que deixaram a Grecia não voltarão mais; cada beijo que trocamos, causa um golpe mortal, cada longo abraço, pagam-n'os os teus irmãos com o sangue. Deixa-me voltar para Menelau, para que a guerra medonha acabe; deixa que eu volte para aquellea quem me roubaste. Ha-de perdoar e voltará a paz, a serena paz que succede ás tormentosas guerras».

«A paz da morte» — disse Páris —. «Por mim o juro, não me abandonarás, mulher sobre todas divina, até que eu seja reduzido a pó, que o meu coração cesse de bater e o meu corpo não tenha vida; quando os beijos de Helena me acharem e me deixarem frio». — Tomou-lhe as mãos e retirou-a

brandamente do terraço, levando-a com gentileza para o palacio.

Passaram o limiar, Helena suspirou anciosa, e disse a Páris que fechasse as portas, isolando-a da côrte e de seus irmãos.

«Quero estar só, só contigo. Temo os teus irmãos, e os homens de Troia. Só Priamo me mostrou affecto; as tuas irmãs escar-

necem-me deixa-me ficar só contigo, para te ouvir dizer que sou bella e que te agrado. Embala-me n'um sonho delicioso d'amor, toma-me nos teus braços e protege-me; o unico bem que nos resta agora, é o amor. Esqueçamos o que aconteceu, o que acontecerá, o ruido da batalha e a marcha do tempo. Esqueçamos, é o que te peço, esqueçamos!»

Disse as ultimas palavras em voz baixa, n'uma voz que era doce e meiga como o som d'uma harpa; depois, ergueu as cortinas

vermelhas que pendiam á entrada do seu quarto e entrou apressadamente; Páris seguiu-a; seguiu a mais linda mulher do mundo.

Reclinou-se então voluptuosamente n'um coxim, ornado de ricas encrustações, brilhante de bronze dourado, e começou a brincar com os aneis do seu cabello, espalhando-o como um véo, sobre o rosto, lan-



PARIS APPROXIMOU-SE E AJOELHOU AO SEU LADO

çando-o depois sobre os hombros, como ondas douradas e sedosas.

«Páris» — murmurou ella — «quando o sol se puzer para nós, quando a nossa estrella desaparecer no horizonte, o que dirão, o que escreverão de nós, de Páris, que raptou a mulher d'um corajoso principe que lhe tinha dado hospitalidade, o nobre Menelau; e de Helena, que fugiu uma noite, ao mesmo tempo tremula e corajosa, para seguir o amor, e dizer adeus á paz e á honra?»

Páris approximou-se e ajoelhou ao seu lado, apertando entre as suas, as mãos d'ella, aquecendo-a com o seu halito perfumado; os cabellos exhalavam um agradável aroma e a sua tunica era bordada com o mais complicado labôr, rica de sedas brilhantes e d'ouro.

«Helena, minha amada» — respondeu elle — «não temas que os homens te censurem, porque os deuses, que n'elles mandam, ordenaram que tu e eu nos amassemos, Não fui eu a Sparta pelo desejo d'uma deusa? Fui impellido como a poeira pelo vento; o Destino decretou a minha viagem e levou-me; cré, os tempos futuros não nos condemnarão, estamos acima da maldade humana. Os deuses tiveram o poder de nos fazer amantes; são elles o nosso escudo, a nossa defeza». Acariciando-lhe os longos cabellos, Páris chegou-a para si, sorrindo d'amor.

«Deixa que Troia se incendeie» — continuou elle — «que se reduza a cinza, que levem os thezouros de meu pae para terras distantes, ilhas desconhecidas. Deixa-os levar ricos coxins, vasos trabalhados, tunicas bordadas, ouro, prata, unguentos raros, todo o saque da cidade; pallidas virgens e mulheres perdidas, jovens, encantadoras escravas, arrancadas a braços de amantes. Deixa que a Grecia clame o tributo pela divina Helena, isso honra-te, minha amada.» — E riu, inclinando para traz a cabeça encaracolada, mostrando as linhas firmes, arrojadas do seu busto. — «E' este o preço porque eu te devia ter, insignificante preço, da ruina da minha patria; a morte d'aquelles que minha mãe creou; meu pae, esse velho, assistindo á derrota de Troia; Hecuba chorando no captivo; minhas irmãs, gemendo nas tendas dos seus captivos, e erguendo as mãos á clemencia dos deuses; é este o preço que eu dou alegremente, porque a tua belleza

está acima de todas as bellezas: e Troia viverá em cantos, na posteridade, pelo teu divino encanto, até que tudo se reduza a pó e o silencio se faça». — Calou-se, vermelho de entusiasmo, tremulo de alegria.

Helena lançou os seus braços em torno d'elle; braços tão brancos que envergonhariam a propria neve.

«Será assim? Viverá Troia eternamente?» — murmurou ella — «Falarão de ti e de mim sem censura, com sorrisos, como de apaixonados amantes, atravez dos seculos? Mas Páris, pensa bem, teu pae, e a sua patria, — a tua patria, — quererão perder-se por mim, que virei certamente a morrer na Grecia? Porque, quando as muralhas de Troia cahirem, o meu senhor, o poderoso Menelau, levar-me-ha nos seus possantes braços. Sei isso, é-me segredado pelos deuses, assim como eu sei que has-de morrer trespassado por uma setta; morrer e deixar-me. Oh! meu amado Páris, quando entrares as tristes portas da Morte, arrepender-te-has do que fizeste por mim; e eu, que te amo agora, como hei-de supportar a minha antiga casa e Menelau sempre severo, sem endoidecer? Todos hão-de odiar-me na Grecia e hei-de curvar a cabeça, suspirar e chorar; os dias serão tão longos, as noites tão escuras, que o proprio mar me ha-de entristecer e a luz do dia».

Páris inclinou a fronte sobre o peito de Helena, e sorriu, como só sorri a mocidade.

«Nada temas, Helena; hei-de morrer, mas a morte é apenas uma transformação; a minha carne ha-de florir, em hervas e flôres, aquecida pelo sol, banhada de frescura e orvalho; e o meu pallido phantasma, contente por ter possuido todos os bens da terra, ha-de gozar ainda, lembrando-os, que os deuses não podem roubar-me a memoria.

Quanto a ti, amada Helena, quanto a ti» — a sua voz tornou-se um murmúrio, — «volta para a tua antiga morada na Grecia, depois da derrota de Troia; sê de novo a esposa do poderoso Menelau; ouve o murmúrio das ondas e o doce suspirar da briza; sombra da Helena que foi, da Helena que morreu!»

«Morta» — murmurou ella — «Não, estarei viva, e a mais infeliz das mulheres!»

«Morta!» — respondeu elle. — «Serás apenas uma linda imagem, vestida de tunicas bordadas, quente ao contacto, mas fria no

coração, porque a minha morte será a tua. O teu altivo senhor ha-de apertar apenas uma mão sem nervos, sem calor, entre as suas, porque Helena de Troia só pertenceu a Páris. E's minha pela magia do passado».

«Se fôsse assim!» — disse Helena — «Parece-me que dizes a verdade, e creio-te».

— Sorriu, sorriu encantada, e fechou os olhos.

Elle curvou-se e uniu os seus labios aos d'ella; a sua bocca vermelha entreabriu-se como uma flôr, e Páris aspirou-lhe a alma, enquanto a batalha continuava em Troia.

Trad. de B. DE SALLES.

SUPPLICA

(Do poemeto «Mãe»)

Oh! primavera! mostra-nos agora
 Esse lindo clarão da meiga aurora!
 Atavia os mil prados de boninas
 Formosas, orvalhadas, matutinas!
 Põe murmúrios nas fontes de crystal,
 Rouxinoes na ramagem do choupal
 E beijos de luar no lago quedo
 Onde, á noite, se espêlha o arvoredos!
 Manda surgir das ondas lá dos mares
 As ondinas e os lindos nenuphars,
 Confidentes de poetas contristados
 Que vão chorar em bergantins doirados.
 E, se reinas em prados e em jardins,
 Se és bella como os bellos cherubins,
 Muda, transforma as petalas das rosas
 Em labios de creanças graciosas
 E as azas das phalenas prateadas
 Em leques de princezas encantadas...
 Depois inspira o poeta, o sonhador,
 Que vae cantar o maternal amor!

Mario Florival.



No ultimo quartel do seculo XVII



ARRREDADO do supremo governo da nação o rei D. Affonso VI em 1667, sabido é que o infante D. Pedro, seu irmão, assumiu desde logo a regencia do reino, que por elle foi exercida até o falle-

cimento d'aquelle, em 1683, sendo então proclamado novo rei sob o nome de D. Pedro II.

Por morte de D. Pedro de Lencastre, 5.^o duque de Aveiro, arcebispo titular de Sida, o logar de Inquisidor geral do Santo Officio vagara em 25 de abril de 1673 e vago continuou por espaço de cerca de cinco annos.

Em harmonia com o estatuido no respectivo Regimento, era o Conselho geral do mesmo Santo Officio que desempenhava então as funcções d'aquelle supremo e omnipotente cargo inquisitorial.

N'esta conformidade é que, por exemplo, Manoel da Costa Brito, notario na Inquisição de Lisboa, foi nomeado secretario d'este

Conselho em 21 de maio do anno de 1675.

A resuscitada questão dos *Christãos novos* acabava de entrar n'uma phase aguda, tendo a defendel-os contra o Santo Officio, em Roma, além do seu agente Francisco de Azevedo, o grande padre jesuita Antonio Vieira — que, a 22 de dezembro de 1667, fôra condemnado

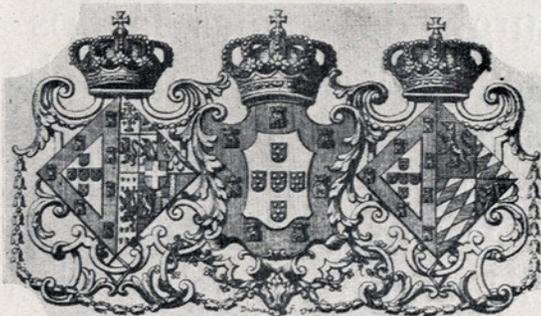
pela Inquisição de Coimbra, mas que desde 1669 se achava n'aquella cidade — e, em Lisboa, principalmente os padres, tambem jesuitas, Manoel Fernandes, confessor do regente, e Balthasar da Costa, provincial da Companhia no Malabar, chegado ao reino recentemente.

Até os fins do anno de 1674, o regente conservara-se abertamente ao lado dos *Christãos novos* e patrocinará as pretensões d'estes perante o papa — que em 3 de outubro d'esse anno expediu um breve em virtude do qual ficava supprimido todo o exercicio das Inquisições de Portugal até que em Roma fossem decididas as queixas, as reclamações e as solicitações da gente hebreá relativamente ao Santo Officio. Uma inludível prova de

quanto o negocio d'aquelles interessava o regente está no breve que a 3 de novembro seguinte Clemente X lhe dirigiu, «louvando-lhe a constancia com que havia resistido á representação que o Congresso das côrtes lhe tinha feito, para não proteger a causa dos christãos novos».

O breve inhibitorio de 3 de outubro havia, porém, sido notificado ao Conselho geral do Santo Officio pelo nuncio em 17 de novembro, sem que previamente houvesse sido obtido nem solicitado o regio beneplacito.

Este facto, as vivas instancias de uma



ESCUDOS DE D. PEDRO II
E DE SUAS DUAS CONSORTES

grande parte dos membros das côrtes ainda reunidas, os protestos e as reclamações d'aquelle Conselho geral por tal forma impe-raram no espirito de D. Pedro que este entendeu dever mudar de rumo e deixar de attender os seus até então protegidos *Christãos novos*, para apoiar o Santo Officio.

De ahi o não chegar a ter completa execução a inhibitoria pontificia.

De passagem seja dito que, aliás dentro da logica da sua politica contra a Companhia de Jesus, o marquez de Pombal a verberou como causadora d'estes acontecimentos no que elles tinham de prejudiciaes e de attentatorios do funcionamento do tribunal do Santo Officio e por se abrir «mais hum novo e deploravel conflicto entre esta Côte e a Curia de Roma: discordia, e conflicto, que deram necessarios motivos ás muitas Consultas, que então se fizeram sobre aquelles delicados Pontos»! . . .

No denominado Cartorio jesuitico existente na Torre do Tombo encontram-se elucidativos documentos d'aquella longa pendencia. Alguns d'elles estão reproduzidos a paginas 135-153 da «Collecção das provas que foram citadas na parte primeira e segunda da Deducção chronologica e analytica» — Lisboa, 1768.

Foi ainda a pendencia entre os *Christãos novos* e a Inquisição que levou a Roma, por parte d'esta, o dr. Jeronymo Soares, deputado do Conselho geral, e, da parte do regente, um embaixador extraordinario, D. Luiz de Sousa, então bispo de Lamego, deputado do Santo Officio na Inquisição de Coimbra (por provisão de 3 de junho de 1668), per-

tencente ao ramo dos Sousas de Calhariz, filho de D. Antonio de Sousa e de sua esposa D. Joanna de Mello, e irmão mais novo de D. Francisco de Sousa, capitão da guarda real de D. Affonso VI e de D. Pedro II, do qual foi trisneto o 1.º duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein.

Tendo partido de Lisboa a 17 de setembro de 1675, o novo embaixador, depois nomeado arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas, chegou a Roma a 23 de janeiro seguinte. A Bibliotheca Real da Ajuda possui,

em manuscrito, a «Relação enviada de Roma da solemnissima embaixada, que em fevereiro de 1676 por mandado do Serenissimo e Invictissimo Principe D. Pedro Nosso Senhor, Successor, Governador de Regente dos Reynos de Portugal & fês á Sanctidade do Papa Clemente X o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Luis de Sousa, bispo de Lamego, do Conselho, e Sumilher da Cortina de Sua Alteza, eleyto Arcebispo Primaz, e Embaxador extraordinario em Roma á Sanctidade do Papa Cle-

mente X». Ahi se encontra igualmente um volume com muitas das cartas originaes que este embaixador escreveu de Roma ao secretario de Estado e ao regente sobre o assumpto da sua missão.

Cinco annos e meio se consumiram ainda na resolução d'este negocio.

Poz-lhe termo a bulla de 22 de agosto de 1681, firmada por Innocencio XI (1676-1689), successor de Clemente X, por virtude da qual as Inquisições de Portugal voltaram a funcionar, porventura mais activamente que antes.



O CARDEAL INQUISITOR GERAL
D. VERISSIMO DE LENCASTRE

Não se julgue, porém, que entretanto não se tivesse realizado mais nenhum auto de fé em Portugal. Para só falarmos da Inquisição de Lisboa, houve um em 17 de junho de 1675 e outro a 6 de agosto de 1676. Ambos se effectuaram na sala das audiencias do palacio da Inquisição ou antigo paço dos Estaos, ao Rocio. Em qualquer d'elles figurou todavia um unico réu. O mesmo succedeu a 10 de junho de 1678, em que foi lida a sentença de Simão Sutil Rendeiro, familiar do Santo Officio, condemnado a degredo por tres annos para o Algarve e privação do seu cargo, por prender um homem, da parte do Santo Officio, sem ter recebido ordem para isso.

Ao passo que aquelles dois se celebraram durante o largo interregno do Conselho geral, o terceiro consumou-se quando o lugar de Inquisidor geral se achava já occupado por D. Verissimo de Lencastre, arcebispo de Braga.

Filho de D. Francisco Luiz de Lencastre (da casa da Sortelha) e de sua esposa D. Filipa de Mendonça (dama da rainha D. Marianna de Austria) e irmão do 2.º conde de Figueiró, D. Pedro de Lencastre, o novo Inquisidor geral nascera em Lisboa em 1615, recebendo o baptismo na igreja parochial dos Martyres a 15 de novembro d'este anno. Havia sido nomeado deputado da Inquisição de Evora por provisão de 12 de novembro de 1664, na Sé de cuja cidade era conego e thesoureiro mór. Depois fôra inquisidor da mesma inquisição (1649), passando por todas as cadeiras, e mais tarde da de Lisboa (1660), e por fim era deputado do Conselho geral (1664). Governou o arcebispado de Braga desde 1671 até 27 de março de 1677, succedendo-lhe o já referido D. Luiz de

Sousa, bispo de Lamego, que então se achava em Roma, mas que tomou posse por procuração a 3 de junho de 1677 e fez a sua entrada solemne na diocese em 3 de julho de 1683, vindo a fallecer na mesma cidade de Braga a 29 de abril de 1690, com 53 annos de idade.

D. Verissimo de Lencastre foi confirmado Inquisidor geral por bulla de 22 de novembro de 1676 e tomou posse a 9 de abril do anno immediato. Dez annos depois (2 de setembro de 1686) era nomeado cardeal—

—dignidade a que desde D. Henrique, cardeal rei, não tornara a ser elevado nenhum filho de Portugal. Não tendo, porém, ido a Roma, deixou de receber o barrete e o titulo cardinalicio que lhe andava annexo. O seu fallecimento occorreu em 13 de dezembro de 1692. Nove mezes antes havia-lhe sido dirigido um requerimento de Manuel de Carvalho de Mello e Athaide (pae do 1.º marquez de Pombal) supplicando a mercê de o fazer familiar do Santo Officio, como já o era seu pae, Sebastião de Carvalho e Mello. A respectiva carta só veio a ser passada

em 6 de maio do anno seguinte.

Como disseemos, foi em agosto de 1681, isto é, mais de quatro annos depois de D. Verissimo haver tomado posse do seu lugar de Inquisidor geral, que foi publicada a bulla pontificia resolvendo a pendencia a favor do tribunal do Santo Officio. Similhanamente ao que lhes succedera no 2.º quartel do seculo xvi, com D. João III, os *Christãos novos* ficaram vencidos n'esta altura da regencia de D. Pedro.

Poucos mezes volvidos, recommçaram os autos publicos da fé: em Coimbra, no Pateo de S. Miguel, a 18 de janeiro de 1682; em



O CARDEAL-ARCEBISPO DE LISBOA
D. LUIZ DE SOUSA

Evora, na Praça Grande, a 15 de fevereiro; e em Lisboa, no Terreiro do Paço, a 10 de maio do mesmo anno.

No de Coimbra figuram 27 homens e 33 mulheres—ao todo 60 condemnados; no de Evora, 50 homens e 58 mulheres, além de 1 homem relaxado em carne á justiça secular, isto é, que esta mandou queimar.

A lista do de Lisboa menciona 106 condemnados—66 homens e 40 mulheres—incluindo 6 homens e 2 mulheres fallecidos nos carceres da Inquisição durante a formação dos respectivos processos e por isso absolvidos da instancia, e mais 4 homens entregues ao braço secular ou civil, condemnados como convictos, confessos, affirmativos, profitentes da lei de Moysés, pertinazes e impenitentes, ou revogantes e variantes, ou negativos e pertinazes. As penalidades impostas aos outros 94 individuos foram: degredo para Castro Marim, Algarve, Angola, Brazil ou galés, por 3 a 5 annos; açoutes, mordada, carcere e habito penitencial perpetuo; carcere ao arbitrio. Crimes: judaismo, heresia, relapsia, feitiçaria, visões, pacto com o demonio, sodomia, bigamia, solicitações no acto da confissão.

De 18 de janeiro de 1682 a 24 de julho de 1691, a Inquisição de Coimbra condemnou 162 homens e 173 mulheres, sendo queimadas 10 mulheres e relaxados em estatua 8 homens e 12 mulheres.

As listas da Inquisição de Evora relativas ao periodo decorrido desde 15 de fevereiro de 1682 até 10 de dezembro de 1690 mencionam 173 homens e 158 mulheres, relaxando em carne 8 homens e em estatua 8 homens e 10 mulheres.

No espaço de dez annos, contados de 10

de maio de 1682 até 23 de fevereiro de 1692, celebraram-se em Lisboa 14 autos de fé: 2 no Terreiro do Paço, 3 na Igreja de S. Domingos e 9 na sala do despacho do tribunal do Santo Officio. O numero de sentenciados n'este lapso de tempo ascende a 322; 24 d'estes foram julgados em condições de terem de ser, como foram, entregues á «benignidade e piedade» dos desembargadores do tribunal da Relação, aos quaes, nos termos das Ordenações do reino, competia fazer as execuções dos criminosos de heresia e de apostasia depois de examinarem as respectivas sentenças (Livro V, titulo 1.º das Ordenações Filipinas, ou 2.º das Manuelinas, impressas pela 1.ª vez em 1521, isto é, 15 annos antes do estabelecimento da Inquisição entre nós).

Tivemos occasião de manusear por mais d'uma vez alguns d'estes processos.

Preenchida e assignada pelos inquisidores uma folha impressa, tambem subscripta pelo notario, e que constituia o mandado de captura contra o denunciado ou accusado, era este procurado e preso por um *familiar* ou *official* do Santo Officio e depois entregue ao *alcaide dos carceres* da Inquisição. Um rectangulo de papel, tendo impresso o sello do Santo Officio e collado na parte inferior do mandado, authenticava-lhe a proveniencia. Executada a prisão, se esta fosse com sequestro de bens, o *juiz do fisco* (ou o *corregedor*, ou o *juiz de fora*, ou o *juiz da terra*), era prevenido para

que opportunamente fosse proceder ao inventario e pôr sua fazenda em segurança, podendo entretanto ser entregue a um familiar do Santo Officio a casa, as chaves e os bens do preso. Recolhido este no car-



ESCUDO DO CARDEAL ARCEBISPO D. LUIZ DE SOUSA
(Reproduzido da «Polyanthea Medicinal»)

cere, o *promotor* enviava para a *meza dos inquisidores*, que eram tres, o requerimento com as culpas do accusado. Passados dias, este era chamado á presença d'aquelles e tomavam-se-lhe as declarações de inventario, debaixo de juramento. Dias depois realisava-se na sala das audiencias e perante os inquisidores da meza, a sessão de *genealogia*, do preso; mais tarde, até um mez depois da prisão, a sessão das declarações *in genere*, e, passado mais algum tempo, a sessão *in specie*. Por fim, o promotor, tendo previamente consultado o processo, apresentava o seu *libello* contra o réu. Apareciam então o *procurador* ou *defensor*, as contestações, as contradictas, as testemunhas de defeza, as instancias e as demais formalidades que são de uso em direito criminal e veem igualmente prescriptas nos Regimentos do Santo Officio.

Um dos meios adoptados n'este tribunal, e consignados ainda no Regimento de 1774 pelo marquez de Pombal, para obter dos réus a confissão das culpas ou crimes imputados, era, como se sabe, o *tormento* — meio este que aliás, mesmo entre nós, era já empregado desde tempos muito anteriores ao estabelecimento da Inquisição por D. João III em 1536, como se vê nas Ordenações Manuelinas, por exemplo, no Livro V, titulo 64.^o (ou titulo 134.^o das Ordenações Filippinas, depois confirmadas por D. João IV, D. Pedro II e D. João V), onde se estatue o tormento ao «arbitrio do julgador» e com direito de o mandar repetir as vezes que lhe parecer justo.

Entre os processos que consultámos, encontra-se um em que o réu Pedro Serrão de Castro, estudante de theologia, accusado de

judaisar, foi submettido a esta prova em março de 1682. O documento que a ordena vem assignado pelo Ordinario da diocese, pelos tres inquisidores da mesa e mais cinco deputados da Inquisição.

Satisfeitas as demais formalidades regimentaes — em que não figuram acareações de testemunhas e em que o sigillo é condição essencialissima — fazia-se a prova da justiça, procedia-se ao auto de notificação ao preso, que era chamado á casa do despacho pelo notario, em companhia do alcaide dos carceres, e ahi ouvia o accordão dos *inquisidores, ordinario e deputados*.

Os accordãos e as sentenças eram depois lidos no chamado auto de fé, que umas vezes se celebrava dentro d'uma das salas do proprio tribunal (e não no carcere), e outras em logares pu-

blicos, como eram, em Lisboa, o Terreiro do Paço, o adro de S. Domingos, o Rocio.

Algumas das sentenças envolviam sequestro de bens. Depois de ellas proferidas é que o sequestro se effectuava; e não antes.

Ao auto de fé de 10 de maio de 1682, no Terreiro do Paço, assistiram Suas Altezas, o arcebispo inquisidor geral, os membros do Conselho geral do Santo Officio, inquisidores, deputados e mais ministros inquisitoriaes, o nuncio apostolico, prelados e religiosos de varias congregações e grande parte da nobreza, além de uma grande massa de povo.

Um dos 106 nomes que figuravam n'este auto de fé foi o do já citado estudante de theologia, Pedro Serrão de Castro. A Relação condemnou-o ao garrote, mandando que o seu cadaver fosse depois queimado. Tres dos seus companheiros tiveram mais horripilante sorte: foram queimados vivos.



DR. JOÃO CURVO SEMEDO

(Reprodução da sua «Polyanthea Medicinal»)

Lembre-mos, porém, de que a fogueira era a pena final imposta pelo direito portuguez da época não só aos crimes de heresia e apostasia, senão também aos sodomitas, aos quaes eram também confiscados os bens, tornando «inhabeis e infames» os filhos e demais descendentes (Livro V, titulo 12.^o, respectivamente titulo 13.^o). A bigamia e a feitiçaria — dois outros crimes cuja investigação pertencia também á alçada do Santo Officio — eram da mesma fórma punidos com pena de morte, pelas Ordenações (Idem, titulo 3.^o e 19.^o). O crime de adulterio — que aliás não entra no numero dos que pertenciam á esphera do Santo Officio — era igualmente punido com a pena de morte (Idem, titulo 25.^o). Pelo titulo 2.^o, os que «arregam e blasfemam de Deus» eram castigados com degredo, ou com «uma agulha d'albarda pela lingua» e «vinte açoites com barço e pregão», tendo a agulha na lingua enquanto lhes dêssem os açoites.

Dos processos a que acima nos referimos apenas em um encontrámos a intervenção do Inquisidor geral: foi no processo do poeta Antonio Serrão de Castro, pae do estudante dos mesmos appellidos. Ainda assim, convém advertir que essa intervenção é a de um despacho n'um requerimento que teve de subir áquella instancia suprema. Em nenhum d'elles (ou em qualquer dos outros) ha, porém, um unico sello de chumbo do Santo Officio, ou sello pendente,

*

Por morte do cardeal D. Verissimo de Lencastre em 1692, o lugar de Inquisidor geral foi provido, no anno seguinte, em seu seu irmão D. Fr. José de Lencastre, frade carmelita calçado, bispo de Miranda e ultimamente de Leiria (1681-1693). Exerceu aquelle logar — rejeitado por D. José de Menezes, arcebispo de Braga — até 1705, fallecendo a 13 de setembro d'este anno.

De 24 de julho de 1691 a 11 de setembro de 1693, não temos noticia de autos de fé na Inquisição de Coimbra. O mesmo dizemos da Inquisição de Evora, relativamente ao lapso de tempo que vae de 10 de dezembro de 1690 a 9 de outubro de 1695. Em Lisboa continuaram, a partir de 8 de janeiro de 1693; não obstante isto, o numero dos seus condemnados até 1701 foi quasi

metade dos de Coimbra. Assim, ao passo que em Lisboa foram sentenciados 124 homens — 1 dos quaes relaxado em carne e 2 em estatua — em Coimbra esse numero é de 353 individuos, entre os quaes houve 12 homens e 10 mulheres relaxadas em carne e 6 homens e 1 mulher relaxados em estatua. Em Evora, também até 1701, as minhas estatisticas accusam 45 homens e 25 mulheres, sem que houvesse entre elles alguém entregue á justiça civil. Os autos celebrados foram: Evora, 5; Lisboa, 15; Coimbra, 16.

Tambem manuseámos alguns processos destes ultimos annos do seculo xvii. N'um d'elles encontrámos igualmente a interferencia do Inquisidor Geral: é também n'um despacho de deferimento á petição de uma condemnada pelo Santo Officio em 1698, para que lhe fosse dada como cumprida a pena em que incorrera e de que já havia satisfeito metade do tempo.

*

Muito se tem dito e escripto, especialmente entre nós, ácerca do Tribunal da Inquisição no nosso paiz, onde o seu funcionamento se estendeu desde 1536 até 1821.

Raros, bem raros, porém, são — oradores e escriptores — os que o teem feito por fórma a não manifestarem o desconhecimento, por vezes o mais crasso e absoluto, dos Regimentos do Santo Officio e das noções que indispensavelmente deve adquirir e possuir dos processos dos cartorios da Inquisição, quem sobre o assumpto pretende falar ou escrever honestamente para o publico — ou de maneira a respeitarem os registos incontestaveis da Historia e os seus ensinamentos, levando a sua condemnavel liberdade e audaciosa mystificação, ou a sua lastimosa ignorancia, ao excesso de nos apresentarem como devassos e satyros caducos e crueis, personalidades que em vida foram authenticos exemplos da mais authentica virtude, e cuja memoria veneranda merece ainda impôr-se a mais respeitosa veneração.

Nem sobre verosimeis presumpções historicas se apoiam uma grande parte d'esses escriptos com pretenções a historia.

Em outro logar, e por mais de uma

vez, me occupei já, detidamente, de um drama, — em que é de particular e calculado destaque o papel do *Cardeal-Inquisidor Geral* — que o auctor diz ter-se desenrolado precisamente no ultimo quartel do seculo xvii.

Cardeal-Inquisidor Geral no seculo xvii, e portanto na regencia e no reinado de D. Pedro II, apenas existiu um: D. Verissimo de Lencastre, de quem acima me occupei e cuja biographia, no desempenho d'aquelle cargo, é assim synthetizada pelo auctor do «Gabinete Historico» (Tomo 5.º, pag. 48): «mostrou a sua prudencia, o seu zelo e a sua rectidão, tanto na escolha dos ministros como na administração da justiça... Foi um varão de excellentes virtudes, casto, sabio, douto, prudente e benigno». «Os mesmos réus do Santo Officio (observa o seu contemporaneo D. João de Athayde), confessavam achar a Sua Eminencia sempre mais

inclinado á oliveira do que á espada, mais á brandura da misericordia do que á severidade da justiça.»

As crueldades do antipathico e frascario *Cardeal Inquisidor Geral* d'esse drama, tão pouco se podem personalisar em D. José de Lencastre, que, aliás, nunca foi cardeal e se assignava «Bispo Inquisidor Geral».

O mais extravagante, porém, é que a D. Luiz de Sousa, irmão do 1.º marquez de Arronches, arcebispo de Lisboa desde 1676, cardeal desde 1697 — mas que, n'esta situação, não esteve em Roma, nunca foi *Inquisidor Geral*, nem simples inquisidor, nem mero official do Santo Officio — tivesse de ir buscar-se «o escudo esquartelado dos Sousas», para o collocarem sob o chapéu do *Cardeal Inquisidor Geral* na sala do Tribunal do 3.º acto do drama e nos fardamentos dos creados que ahi entram em scena!...

JORDÃO DE FREITAS.



A nossa terra

A nossa terra! um ponto abençoado...
 Muitas vezes no mappa mal se vê,
 Mas para nós avulta illuminado,
 Em letras de ouro, que a noss'alma lê.

Tudo é nosso na terra em que nascêmos:
 — O céu, o campo, o sol que nos aquece.
 Tudo nos fala, tudo conhecêmos,
 E tudo nos conhece.

Quanto mais o destino nos arrasta
 Para longe do lar,
 E mais da nossa terra nos afasta,
 Como a saudade ao coração não basta,
 Maior é o desejo de voltar.

A nossa terra está sempre ligada
 Aos sonhos da ventura procurada
 A's idéas do Bem.
 Para nós, sempre bella e sempre amada,
 A nossa terra é como a nossa Mãe.

MARIA DE CARVALHO.



Quatro jornalistas

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — Antonio Rodrigues Sampaio
— Eduardo Coelho — Manuel Pinheiro Chagas



ORAM quatro habeis esgrimistas da imprensa, manejando finas laminas de Toledo, inquebraveis, luzidias, com segurança de pulso, defendendo-se com energia, atacando com firmeza.

Teixeira de Vasconcellos era a graça personificada, escrevendo sem a minima preocupação, simulando attender pouco o adversario, mas vigiando-o de soslaio, sem lhe perder o menor movimento; Sampaio, um colosso, servindo-se da penna de maneira que atordoava o seu antagonista, atontava-o; Eduardo Coelho, o homem de sorriso são, e se o seu vigor não se traduzia aos ataques de que era alvo, deve-se á sua extrema bondade; Chagas foi o jornalista francez, leve, subtil, muito habil, desarmava com a ironia, mal roçando a epiderme, sabendo retirar a tempo o ferro antes que elle profundasse.

E é d'esses jornalistas que eu tento deixar os *croquis* n'esta revista.

O Antonio Augusto

Gago... — dizia-se mesmo que elle affectava esse defeito, para ter o tempo necessario de responder certamente — era um con-

versador infatigavel, e a sua physionomia como que se illuminava, encantando, seduzindo, conquistando quem muito bem lhe aprazia.

Vestindo com a maxima elegancia, com uma physionomia de destaque, onde o bigode branco como que constituia uma caracteristica, calvo, cabello cortado rente, quem o visse nunca mais o esqueceria, tanto elle se destacava dos rostos vulgares que por ahi andam.

Gastronomo, admirando as mulheres não só como artistas, era visto ás noites nos camarins dos theatros, e quantas vezes a actriz faltou á deixa, porque aquelle *charmeur*, o primeiro conversador de Portugal, fazia com que ella se esquecesse do seu dever.

De maneira que Francisco Palha, esse fino espirito, mandou pôr na tabella o seguinte:

«Como a actriz F... continúa fazendo do seu camarim um centro de cavaco, e a empreza já se encontra cansada de a multar, não seria melhor ella transferir o centro para outro ponto, ou então estabelecer o centro onde não causasse prejuizo?»

Teixeira de Vasconcellos foi um dos primeiros jornalistas da sua epocha — e então elles abundavam! — escrevendo o portuguez como poucos, dando aos artigos uma feição muito sua, devendo especialisar-se na im-

prensa o primitivo *Jornal da Noite*, onde se cercou d'um nucleo d'escriptores de primeira agua.

Atacaram-o vehementemente, censuraram-o por vezes, como a poucos, mas defendeu-se sempre como um leão, e embora nas discussões nunca sahisse dos limites da cortezia, se cravava as garras, ai do adversario!

Os seus brilhantissimos artigos — não é um nariz de cera! — podem tambem ser lidos na *Opposição Nacional*, na *Illustração*, no *Arauto*, na *Gazeta de Portugal*; os seus romances: *Roberto Valença*, *Prato d'Arroz Doce*, *Duas Facadas*, *Ermida de Castromino* e *Lição ao Mestre*, de ha muito deviam ter merecido a honra d'uma edição popular; em theatro, alcançou um successo no Gymnasio com o *Dente da Baroneza*, uma comedia lindissima, primorosamente executada por Lucinda Simões.

São innumeradas as anedotas d'este jornalista; infelizmente não se me torna possivel dá-las a publico, tão verdes são algumas e outras tomar-se-hiam por provas de cynismo, embora me pareçam mais demonstraões d'um scepticismo mordaz.

Escolherei tres, embora uma muito conhecida.

No *Jornal da Noite* estava-se varias vezes sem cobrar. Teixeira de Vasconcellos, sempre muito digno, passava em direcção ao seu gabinete, dando as boas-noites ao pessoal que quasi não tinha forças para lhe responder.

Os redactores, sentados em volta d'uma comprida mesa na casa da rua da Paz, estavam todos tão pallidos e tão fracos, que pareciam moscas atravessadas pelo frio do inverno, e as pennas, ao correr pelo papel,

semelhavam patas d'aranha rachiticas e tremulas. Uns mostravam-se verdes, outros vermelhos, estes côr d'azeitona, e quando algum apresentava, por acaso, bom aspecto, murmurava-se:

— E' capaz de ter jantado!

— Miseravel!

— Provavelmente vendeu-se ao governo!

O director curava com elogios os doentes do seu hospital-redacção. Paravam-o sempre na rua, contava em voz alta, para lhe elogiarem algum artigo.

Mas, um dia, o Quirino Chaves, traductor encartado de romances e que fazia o folhetim, não pôde mais e foi ter com Teixeira de Vasconcellos.

— O que o traz por aqui, meu amigo?

O Quirino Chaves, que era muito timido, mal sabia como sahir da resolução heroica que tomara.

— E' que eu...

— Diga, diga... nada de cerimoniaes...

— Desejava... precisava... tinha necessidade de duas libras...

— Duas libras! E para que?

— Olhe, sr. Teixeira de Vasconcellos, uma é para pagar ao

padeiro, e a outra para uma passeata ás hortas com os amigos.

— Pois... voltou o director do *Jornal da Noite*, gaguejando a mais não ser, tome lá a libra para a passeata e quanto á do padeiro, elle que espere...

Em Cauterets, contava elle na occasião em que se estava na *terrasse* tomando café:

— Uma occasião, viajava eu pela Russia...

E, interrompendo-se, perguntou:

— Algum dos senhores já esteve na Russia?

— Não, não estivemos, repetiram todos os presentes.



TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

— Então posso mentir á minha vontade.

E narrou, no meio da gargalhada geral, o que lhe acontecera na Russia... onde nunca tinha ido.

Os credores não largavam a porta do Antonio Augusto.

E o mais curioso era que elle não deixava de os receber, animando-os, desculpando-se com modos de *grand seigneur*, e rindo, creio firmemente, da serie de subterfugios a que recorria e que sempre davam resultado.

N'uma noite de janeiro estava elle jantando, quando lhe annunciaram um dos taes.

— Manda lá entrar o homem!

O credor appareceu muito risonho.

— Já sei a que vem.

— Adivinhou, sr. Vasconcellos, tinha ámanhã uma lettra a pagar, e era favor se v. ex.^a liquidasse agora aquella continha.

— Tem razão, tem... Já lhe avultam os cabellos brancos... Mas verdade, verdade, não calcula em que horrivel situação me encontro... Estou mesmo na ultima. . . Imagine a peor e ainda fica longe da realidade. . .

N'isto abre-se a porta, e o creado de saca e lenço branco colloca sobre a mesa um enorme peru, lindamente alourado, que exhalava um magnifico perfume.

O credor não soltou palavra, mas os seus olhares fixavam-se significativamente na ave que ainda n'essa manhã despedia com alegria o seu *glu-glu*.

E como Teixeira de Vasconcellos comprehendesse o que se estava passando n'aquelle cerebro, atalhou logo:

— Olhe, vê este peru? pois fui obrigado a mandá-lo matar para não morrer de fome.

Era uma razão tão convincente que o credor retirou-se lamentando a pobre ave que succumbira ao facalhão do cozinheiro para evitar as torturas em que falara o Antonio Augusto... que pouco depois a saboreava, sorrindo, acompanhando-a d'um magnifico vinho do Porto...

O Sampaio da «Revolução»

Foi em 1834 que appareceu um jornalista que adquiriu nome insigne, e o mais attribulado nas perseguições feitas á imprensa, começando as suas lides na *Ve-*

deta da Liberdade, do Porto, de que era redactor o ex-monge beneditino Antonio do Carmo Velho Barbosa, abbade de Valbom, sendo, passados mezes, nomeado redactor-chefe.

Os paes destinavam-o para padre, e assim seguiu os estudos, tornando-se uma auctoridade em latim, e ajudou á missa chegando a prégar sermões.

Vindo para Lisboa entrou para a *Revolução de Setembro*, fundada por José Estevão Coelho de Magalhães, e principiou alli a combater as tentativas da renovação cartista. O governo mandava processar os jornaes que lhe eram desaffectedos.

De 1840 a 1842, Costa Cabral preparou a restauração da Carta.

A guerra civil tornou-se inevitavel, e emquanto os chefes da revolta fugiam, Sampaio ficava em Lisboa, continuando na *Revolução* com artigos violentissimos.

Prendem os distribuidores, os impressores, prohibe-se a circulação do jornal, na officina são postos sellos. E sempre, todas as manhã durante onze mezes e quatro dias, encontravam-o sem se saber d'onde sahia, não conseguindo ninguem obrigar Sampaio a calar-se.

No decurso dos acontecimentos politicos vem a intervenção estrangeira, e outra guerra civil.

O governo ordena a prisão de Rodrigues Sampaio, mas este occulta-se de tal maneira que os esbirros não dão com elle, e com o seu desaparecimento surge o pamphleto *O Espectro*, largamente distribuido por todo o paiz.

E para bem justificar o seu titulo apparece até nos gabinetes dos ministros desconhecendo-se a mão occulta que alli o punha.

A officina mudava de logar todos os dias, e é o maior exemplo de coragem e de resistencia que eu conheço de jornalista.

Restabelecido o socego, eil-o de novo na sua muito amada *Revolução*, onde os seus artigos se conhecem pela fórma como desvairava, feria e prostrava os adversarios.

Foi liberal até morrer e não se offuscou nunca com a gloria dos mais.

Como polemista era temivel, e em breves palavras punha o contrario n'um estado miserando.

D'uma inalteravel serenidade gostava de ouvir os outros, para no final, dizer a ul-

tima palavra sobre o assumpto ou dar o golpe de misericórdia.

Falava-se uma vez na redacção ácerca d'um funcionario muito conhecido que se suicudara. Constituiria a *scie* da noite e não entrava ninguem que não contasse o caso ou não o ouvisse cada vez mais pormenorizado, emquanto uns censuravam o facto e outros defendiam.

Por fim Sampaio, que estava ao fundo da casa mal illuminada, observou:

— Ora deixem-se d'isso! Cada um come do que gosta.

Em Carrazeda de Anciães havia um semanario que não se fartava de debicar com o grande jornalista.

Este fingia não o ler, não se importando com os apodos que elle lhe punha ou resuscitava.

Mas um dia, por desfastio, vae-se ao jornalista e começa com estas palavras:

«Ha uma cavalgada lá para os lados de Carrazeda, que desconhecendo a grammatica, a falta de senso, busca aggre-dir-nos, vomitando toda a bilis que lhe reside no corpo.

«Afinal o homemsinho no que nos diz teria razão... se não obtivessemos a prova provada que quem lhe comer os miolos fica em jejum natural.»

Resposta do homem da provincia:

«Na brilhante contenda que temos sustentado com o redactor principal da *Revolução*, e onde de lado a lado as armas da cortezia...»

Soldado fiel do partido regenerador, foi uma lucta o conseguir que elle entrasse no governo, e só devido aos esforços de Fontes é que as difficuldades se debellaram.

Uma noite em que sahia d'uma reunião de ministros, acercou-se d'elle um deputado muito curioso e perguntou-lhe:

— V.^a ex.^a vem do conselho?

— Venho.

— O que se passou lá?

— Passaram-se duas horas, retorquiu o ministro pachorrentamente.

Quando Sousa Bastos teve uma revista do anno no Principe Real, era então governador civil de Lisboa, D. Luiz da Camara Leme. O auctor, por um motivo qualquer, poz em scena a Emilia das Neves, e ninguem ignora as relações que prendiam o par do reino com a actriz.

A caricatura no palco e uns elementos desordeiros contractados a promoverem tumulto, sendo a representação suspensa.

Sousa Bastos procurou o ministro do Reino, que então era Sampaio, — protestando contra a conjura.

— Olhe lá! Tenho informações que na peça entra o D. Luiz da Camara.

— Não, senhor, quem entra é a Emilia das Neves.

— Então é ainda muito peor! Tire-a e ponha-me a mim. O publico gosta de me ver em scena e que lhe falem no *Espectro*.

— Mas tudo isso já lá está.

— Tudo é que não póde ser. Deixe-me ficar e tire a Emilia e verá como tudo se arranja.

Era assim.

Latinista d'enorme erudição, costumava

tanto nos seus artigos como nos seus discursos, paramentá-los com phrases latinas.

Atacado uma vez na Camara, o deputado exclamou:

— *Exegi monumentum ære perennius...* Se o sr. Sampaio dá licença que eu cite esta phrase de Virgilio...

— Não dou, não, senhor. O seu a seu dono. A phrase é de Horacio.

Antonio Rodrigues Sampaio principiou a vida em guarda da Alfandega, foi secretario geral, governador civil, deputado, par do Reino, ministro, Presidente do Conselho, conselheiro d'Estado, gran-cruz das ordens de Portugal, Hespanha, Prussia, Italia, Rus-



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

sia e Japão, socio correspondente e honorario de varias academias... e morreu tão pobre que o governo teve que lhe fazer o enterro.

Eduardo Coelho

Foi a organização mais accentuada do seu tempo, e o desenvolvimento da imprensa deve-se a elle, que com a sua tenacidade, a sua correcção, a sua rapida maneira de ver, conseguiu crear entre nós o jornal verdadeiramente popular.

Ceci tuera cela.

Por 1858 distribuia-se com uma certa profusão pela cidade um jornal denominado o *Gratis*, em papel de varias côres, propriedade do avô materno de quem escreve estas linhas — Manuel Antonio Ferreira Portugal.

O que o *Gratis* era, descreveu-o Julio Cesar Machado n'um dos seus inolvidaveis folhetins.

Vivia dos annuncios que inseria e que davam excellentes lucros.

Veiu, porém, uma folha mais completa, o *Jornal do Commercio*, e o annuncio debandou para ella, o que mais tarde lhe

aconteceu, quando appareceu o *Diario de Noticias*.

O seu programma era sympathico, mantendo-se — o que ainda hoje faz — alheio á politica, tratando apenas da noticia em si, pormenorizando-a, e expondo nas suas columnas a vida de Lisboa, cultivando a occorrença estrangeira, procurando a informação.

Parece que uma folha assim orientada não devia ser nunca atacada.

Nem sempre tal succede. Todas as vezes que alli se regista um facto desapassionadamente, se ha alguém ferido, esse eil-o desde logo revoltado, mas se esta expõe a

sua opinião, os outros enchem-se d'indignação, como se não fosse a norma adoptada pelos fundadores do *Diario de Noticias* o estribar-se na maxima imparcialidade.

Eduardo Coelho possuia a segura philosophia de comprehender a sua epocha e sobre tudo os seus contemporaneos, e não o incommodavam nem as diatribes nem as atoardas, porque tinha a consciencia segura que não se afastava do trilho que traçara, e assim não se importava com queixumes que obedeciam apenas a interesses não justificados.

Baixo, de thorax desenvolvido, rosto redondo, olhos salientes, vivos, alegres, bigode e pêra, de calva respeitavel, muito bem educado, tratando toda a gente affavelmente, conquistava logo á primeira vista, e se uma por outra vez se utilisava da ironia, fazia-o com tanta subtileza, envolvia-a de tal maneira, que ninguem se poderia melindrar.

Tinha a sympathia de toda a Lisboa que não se esquecia que elle viera de Coimbra, aos 12 annos, para marçano da loja de ferragens do Verde da rua da Alfandega, e onde trabalhava como um mouro, entretendo os seus limi-

tados ocios a conversar com as Musas, o que lhe deu ensejo a publicar um livro de *Versos*.

N'uma suave camaradagem de pobreza com o Antonio Augusto Nazareth, o actor Joaquim d'Almeida, o Henrique Van-Deiters, tiveram que fazer uma vez a mudança; e com a escripturação do *Café Aurea* conseguiu obter alli almoço e jantar, e, ao café offereciam-lhe um charuto, o que o levava a dizer:

— Quando não tinha dinheiro fumava charutos... e quando o tinha era tão pouco que não chegava para cigarros!

E expunha tudo isto com a maxima bo-



EDUARDO COELHO

nhomia, como a historia d'uns colletes que elle e os seus amigos tinham deixado n'um almoço em Cacilhas, visto que a conta era superior ao que possuíam.

E como viera do nada não se envaideceu, era o prototypo do homem de bem, o povo queria-lhe e acompanhava-o, ao vel-o, com um olhar humido.

Nos seus *Passeios ao Estrangeiro* encontra-se tudo quanto de notavel havia para se relatar, á noticia dava-lhe um sabor genuinamente popular, e tão bem conhecia aquelles para quem escrevia que basta dizer que tendo cultivado o theatro, não se conta o numero de vezes que se representou a sua comedia em 1 acto *Amor aos bofetões*, e o drama *Oppressão e Liberdade*, scenas da restauração de Portugal.

N'elle residia um grande amor pelo seu paiz, todas as iniciativas que se traduzissem em progresso, tinham alli um defensor strenuo, e o jornal abria as suas columnas para dar cabida ás questões onde resaltava o patriotismo, e ninguem mais do que Eduardo desejou o engrandecimento da sua terra, ninguem empregou mais esforços para lhe ser util.

A fortuna que angariou é das honrosas, unicamente devida ao trabalho constante, não se lhe deparou nunca um só inimigo, e no jornalismo foi um elemento d'alta valia honrando a classe a que pertencia.

Por isso, Lisboa n'uma romaria de saudade, por occasião do seu passamento, acamnhou a pé o seu cadaver até ao cemiterio, e ao entrar o corpo no jazigo ouviu-se uma violenta detonação n'uma pedreira proxima.

Era o trabalho salvando no funeral d'um trabalhador!

Pinheiro Chagas

A individualidade mais extraordinaria, mais subtil, mais rendilhada do seculo XIX a d'este jornalista que foi tudo... n'uma terra onde se não é nada...

Militar, folhetinista, poeta, academico, auctor dramatico, romancista, historiador, politico, orador, jornalista, ministro, traductor...

Nos seus discursos avulta a ironia, por vezes a indignação, e quem o ouviu — diga-o a Hespanha, fale a França — ficava embalado por essa voz que sabia ser elo-

quente, commover, enthusiasmar, cuja palavra era ouro de lei, conceituosa, e para illustrar o nosso nome devia ter sido mandado ao estrangeiro como enviado de Portugal todas as vezes que se tornasse necessario afirmar a nossa individualidade!

E que melhor embaixador a escolher! como o paiz aproveitaria, em vez de o ter gasto nas luctas estereis de S. Bento!...

Não teve uma mocidade tumultuosa nem agitada, e o seu grande amor concentrou-se na familia e no theatro.

Pinheiro Chagas viveu durante algum tempo para as bandas de Campo d'Ourique na companhia d'um antigo impedido de seu pae, de nome Braz, com o qual travava discussões interminaveis, buscando provar-lhe que a transmissão das almas não era uma phantasia, e conforme a disposição em que se encontrava dizia que elle era herdeiro da d'um guerreiro, d'um sapateiro d'escada, d'uma virgem d'Ossian... ou da do Telles Jordão!

Mas contra esta ultima hypothese o impedido protestava, porque:

— O Telles Jordão, meu alferes, era um burro, e os burros não teem alma nem para a deixar ao diabo, quanto mais a mim, que nunca faltei ao recolher.

O seu *Poema da Mocidade* foi onde mais se traduziu o estro de Chagas, um cantico á natureza, e que bem traduz o seu espirito todo bondade.

Na Academia Real das Sciencias não houve ninguem tão trabalhador como elle; como secretario geral, como relator, fazendo conferencias, discutindo com a sua *verve* inexgottavel nas sessões de 2.^a classe, e assim deixou tambem alli um rasto d'enorme pezar.

Não é muito vasta a sua galeria theatral.

Assim esse *lever de rideau* a *Roca d'Hercules* é um verdadeiro primor; a *Morgadilha de Val-Flor* que ha um anno — depois de 40 d'existencia — foi a peça que durante a epocha mais rendeu no theatro de D. Maria constitue ainda um salvaterio das empezas no Brasil e a este respeito ha um dito admiravel de Chagas.

A primeira vez que o marido de Lucinda Simões veio a Portugal foi-lhe apresentado por um amigo.

— O sr. Furtado Coelho.

— Conheço-o ha muito de nome.

— Eu tenho representado a sua *Morgadinha* centenas de vezes.

— N'esse caso, o Coelho é o senhor e o Furtado sou eu.

Note-se que Chagas nunca recebeu um real de direitos d'esta peça no Brasil, e se assim não fosse teria deixado uma enorme fortuna aos seus.

O insucesso — quem tal previra! — do *Drama do Povo* levantando uma grande discussão afastou-o do theatro, tal foi o desgosto que soffreu, e só vinte annos depois regressava com o seu canto de cysne ao Gymnasio, uma *Lição Cruel*, para festa de Beatriz Rente — a actriz que possuia os olhos mais formosos entre as suas collegas — e na 1.^a representação veiu-lhe uma syncope que seria fatal se não fosse a intervenção rapida do seu medico.

José Joaquim Pinto, o ex-empresario d'aquelle theatro, por lembrança do estimado camaroteiro Sant'Anna que alli está empregado ha 40 annos, offereceu a 15.^a recita da *Lição Cruel* ao auctor — e foi o inicio d'essas homenagens futuras.

Chagas referindo-se ao assumpto teve o seguinte desabafo:

— Como sabem nunca fui d'invejas, nem de mesquinhos sentimentos. Lamento que nos tempos da *Morgadinha* e da *Magdalena* não estivesse já instituida essa consagração aos auctores dramaticos. Deve-se sentir realmente um grande prazer em ser durante um espectáculo todo, alvo d'estrepitosos applausos, de calorosas ovações e tanto mais que não ha as incertezas nem as commoções d'uma *première*.

Mas não lhe foi concedida essa alegria.

Na 15.^a da *Lição Cruel*, o seu estado era

de tal ordem, que poucos dias depois conduziam-o para o cemiterio.

Tendo educado o seu espirito com Bernardin de Saint-Pierre, Octave Feuillet, Georges Sand, Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas pae, de quem era um fervoroso admirador, os seus romances pertencem á eschola idealista, nas figuras que nos apresenta ha uns tons de leveza, um delineamento de contornos que nenhum escriptor, a não ser Julio Diniz, conseguiu apresentar.

Foi Pedro Correia — essa tão grande alma quanto excelente coração — quem propoz a Chagas a publicação d'uma *Historia de Portugal*.

Como a vaidade nunca assoberbara o moço escriptor, apresentou varias objecções, mas Pedro Correia tanto instou, tanto argumentou com aquella pertinacia que lhe era peculiar, que accedeu, sob a condição que no frontispicio dir-se-hia que era escripta por *Uma sociedade d'homens de letras*, para, se fosse disparate, poder ser distribuido por um anonymato.

O que é a *Historia de Portugal* calcula-se, sabendo-se que

tem tres edições, e é considerada como um trabalho d'alto valor, e a que tantas vezes recorrem ainda hoje os estudiosos.

Como ministro da Marinha disse um estadista do valor de Serpa Pimentel qual foi o seu papel:

«Fez uma politica verdadeiramente illustrada, porque entendeu que o nosso futuro está ainda em algumas das nossas colonias, e sobre tudo nas da Africa Occidental. O que é hoje a provincia d'Angola, as vantagens que tira o commercio da metropole foi devido a elle, assegurando a realisação do caminho de ferro d'Ambaca, além de ter dotado Loanda com o abastecimento d'aguas



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

e ter contractado a construcção do telegrapho submarino.»

Quando Rodrigues Sampaio pela primeira vez foi chamado aos conselhos da corôa — 13 de setembro de 1871, e onze annos depois em egual dia era a data do seu fallecimento—escolheu-c—contava então 29 annos — para assumir a direcção do jornal, do qual se afastava em 1875, devido a um acto de lealdade referente ao caminho de ferro da Beira-Baixa.

Mas o Chagas não era homem para desanimar, elle que foi o primeiro jornalista do seu tempo.

Assim, tratou de pôr na rua a *Discussão*, convertida mais tarde em *Diario da Manhã*, e ainda passado a *Correio da Manhã*, jornal a que votou toda a sua boa vontade e a sua enorme energia.

Felicissimo nos apodos que empregava, ao ministro das Obras Publicas, Barros e Cunha, que a cãda momento citava factos passados na Inglaterra classificou de:

— *Sir John Bull and Cunha*.

A sua memoria era prodigiosa.

Assim, uma noite recebeu-se um telegramma noticiando a morte de George Sand. Pois elle sentou-se á sua secretaria no jornal, e, cinco quartos d'hora depois tinha escripto um artigo de tres columnas apreciando a escriptora, as suas obras principaes e tudo isto sem o menor apontamento.

Zeloso como poucos da sua dignidade, eil-o uma vez em frente de Magalhães Lima n'uma discussão com o *Seculo*, e são d'este as seguintes palavras:

«Terminado o duello, Pinheiro Chagas estendeu-me a mão e dirigiu-me palavras affectuosas que guardo religiosamente no meu coração. A' coragem e ao denodo do homem physico, quiz juntar a hombridade e a elevação do homem moral.»

Os seus apartes na Camara dos Deputados — e que pena dá não figurarem no respectivo *Diario* — são tudo quanto ha de mais original e imprevisto.

Uma vez falava um orador notavel, e a certa altura do discurso diz:

— Eu já tenho mais de 50 annos, sr. presidente...

— Pois não parece! observou Chagas.

E o orador agradecendo proseguiu:

— E por isso estudei logica pelo Geneense...

— Pois tambem não parece! volveu Pinheiro Chagas, no mesmo tom amavel e por entre a hilaridade do auditorio.

Se quizerem conhecer a bondade do seu coração, leiam este traço e é possivel que aos olhos lhes acudam as lagrimas.

Um empregado da Alfandega teve uma vez uma pretensão que corria pelo Ministerio da Fazenda, e lembrou-se de recorrer ao Chagas que então era ministro da Marinha e com quem mantivera em tempo relações cordiaes, mas que havia muitos annos não via.

Quando o ministro ia a entrar para a carruagem, acercou-se e, estendendo-lhe um papel, disse respeitosaente:

— Sr. conselheiro, permitta v. ex.^a que implore a sua protecção para este memorial. Se quizesse recommendá-lo ao seu collega da Fazenda?

Passou-o pela vista, e respondeu seccamente:

— Não, senhor, não recommendo.

E o outro, com um tom em que o respeito não occultava a indignação:

— Desculpe v. ex.^a o tel-o importunado, mas nunca pensei que o meu pedido o podesse molestar tanto!

Mas o Chagas então, bondosamente, retorquiu-lhe:

— A minha excellencia não recommenda pretensões d'estas ao seu collega da Fazenda; agora se tu queres que eu fale n'isso ao Fontes, vem d'ahi commigo.

*
*
*

Teixeira de Vasconcellos falleceu em Paris, em 1878, com 62 annos; Sampaio em 1882 com 76; Eduardo Coelho em 1889 com 54; Chagas em 1895 com 53.

A gratidão e a amizade de dedicados amigos levantou aos tres ultimos um monumento afim de perpetuar o seu nome; resta Teixeira de Vasconcellos a quem é justo prestar identica homenagem, sendo um dever da imprensa metter hombros a esse emprehendimento.

A liturgia em scena

I

A igreja e o theatro

Drama liturgico e religioso — «Paixão de Christo» — S. Gregorio de Nazianze — Hroswitha — A representação do drama monastico — Mimos, jocaltores, jongleurs, jograes — Menestreis — Trovadores e trovairos — «Milagres» — O «Milagre de Theophilo» — «Mysterios».

O drama liturgico teve a sua origem nas ceremonias do Christianismo. O drama religioso, por excellencia, é aquelle cujos elementos estão comprehendidos dentro da liturgia catholica. Existe, com effeito, um germen dramatico poderoso, de um lado nas ceremonias da missa tão expressivas na sua simplicidade, do outro no cyclo annual das festas, que desenham de uma maneira viva os differentes episodios da vinda ao mundo e da estada de Jesus Christo entre os homens. Este germen desenvolveu-se, cêrca do seculo x, nas representações ingenuas que o clero principiava então a intercalar nas ceremonias do culto. Por exemplo, no dia da Paschoa representava-se, embora com simplicidade, o mysterio da resurreição. Da mesma maneira, no dia da Ascensão, para representar Jesus Christo ascendendo ao céu, um padre subia á tribuna, e até, ás vezes, á galeria exterior por cima do portal. No dia de Pentecostes, simulava-se o descendimento do Espirito Santo soltando na igreja passaros e pombos. Uma procissão recordava, nas festas do Natal, a visita dos pastores ao presepio. Este drama essencial-

mente religioso, este drama liturgico, compunha-se no inicio, de um texto muito curto, em prosa, tirado do Evangelho ou do officio do dia, e que era em latim. Pouco a pouco a versificação introduziu-se na prosa, que chegou mesmo a dominar; a lingua vulgar foi admittida, o texto desenvolveu-se, o drama, emfim, desprendeuse do officio e deu origem aos *mysterios*.

Applica-se o titulo de *drama religioso* ás composições mais letradas, que alguns eruditos imitaram tomando para modelo peças antigas. O mais antigo d'estes dramas é o *Christos paschon*, A paixão de Christo, attribuida, talvez inexactamente, a S. Gregorio de Nazianze, e que parece ter sido escripto por um monge grego do seculo v. Podem citar-se como typos do genero, os seis dramas que Hroswitha, abbadessa de Gandersheim, compoz em latim, cêrca de 980, baseados em assumptos da historia ecclesiastica, para desviar as suas religiosas da leitura muito assidua das comedias de Terencio.

A *Paixão de Christo*, a que muitos criticos chamam tragedia biblica, é attribuida por alguns historiadores, como acima informamos, a S. Gregorio de Nazianze. E' o mais antigo monumento existente nascido da inspiração da fé christan, e uma producção muito curiosa no ponto de vista da historia litteraria, pois ahi se encontra em germen a concepção dos *mysterios* da Edade Media. A acção principia no momento em que Maria sabe da prisão do filho e da sua condemnação. Acompanhada do côro, dirige-se ao Calvario para o ver uma derradeira vez; encontra-o pregado á cruz e ajoelha-se a seus pés. Assiste-se á morte de Christo e ao seu enterramento. O côro canta, Christo

ressuscita. Ha quem duvide que este drama seja do seculo iv.

S. Gregorio de Nazianze, cognominado o *Theologo*, nasceu em Nazianze, em Cappadocia, em 328, e morreu em Nazianze em 389. Foi amigo do imperador Juliano e de S. Bazilio. Em 372 recebeu a sagração de bispo de Sasimo. Patriarcha de Constantinopla em 380, presidiu ali ao primeiro concilio ecumenico em 381. As suas *obras* comprehendem cinquenta e sete *discursos* ou *homilias*, diversos *poemas*, *epigrammas* e *cartas* interessantes.

E' um curioso typo de poetisa e de religiosa essa Hroswitha ou Hrotsuit, que nasceu na Saxonia em 932 e morreu entre 973 e 983. Foi freira no mosteiro de Ganderheim, do qual era abbadessa Gerberge, sobrinha do imperador Othão I. Escreveu tres livros. O primeiro contém *Lendas*, em hexametros e disticos leoninos; o segundo *Dramas* em prosa; o terceiro *Poemas* historicos em hexametros. Os seus *Dramas*, imitados de Terencio, a parte mais original da sua obra e cujo assumpto é tirado da *Vida dos Santos* apocryphos, sem designação no manuscripto, teem por titulos o nome do seu heroe principal: *Gallicanus*, *Dulcitus*, *Calimachus*, *Abrahão*, *Paphnutius* e *Sapientia*. Não estão divididos em actos e parecem não ter sido representados. Encontram-se ali scenas interessantes, dialogos cheios de vivacidade e mesmo de graça, mas uma inexperiencia absoluta dos processos de theatro.

O drama monastico ou era representado por creanças, ensaiadas pelos religiosos dos conventos ou pelos proprios monges e monjas. No anno 1000, os pupillos de Frei Godofredo, normando, depois abbade de Santo Abbarss representaram em Dunstable uma peça intitulada *Santa Catharina*, e presume-se que outras o tinham sido antes.

Como traço de união entre o theatro latino e o theatro medieval apparecem os *mimos* ou *joculatores*, como se designavam nessas épocas recuadas, e em seguida, no norte da França, os *jongleurs*. A palavra *jongleur*, no caso sujeito *jonglere*, que se converteu com o andar dos tempos em *jon-*

gleur, jogral, designava na Edade Media musicos, cantores, pelotiqueiros ambulantes. Esta classe, mencionada desde a época gallo-romana, recrutava-se por um lado nos *mimos* e *histrões*, que a queda do theatro, no seculo v, privou do seu emprego, por causa da guerra que lhe era feita pelo fanatismo, e por outro nos bardos ou harpistas germanicos ligados ao exercito ou aos principes. Como estes ultimos, os *jongleurs* cantavam, acompanhando-se com um instrumento de musica, ordinariamente a sanfona, poesias lyricas ou épicas, canções de *gesta*, e, mais tarde, recitaram poesias alegres, de fadas, ou mesmo contos em prosa; como os *mimos* romanos, eram tambem acrobatas, mostravam animaes ensinados, etc. Alguns eram sedentarios, mas a maior parte iam de cidade em cidade, de castello em castello, para alegrar as festas, os torneios. No seculo XIII, como adeante veremos, formavam em muitas cidades, nomeadamente em Paris, poderosas corporações. Primitivamente limitavam-se a recitar poesias d'outrem, depois alguns instruíram-se o preciso para as compôr elles proprios. Estes ultimos depressa adquiriram riqueza e consideração: tornaram-se menestreis, arautos, historiographos, acolhidos pelos grandes senhores; os outros depressa viram a sua profissão aviltar-se cada vez mais. Existiam tambem *jongleresses* cuja profissão ainda era mais deprimemente.

O termo menestrel, do latim vulgar *ministeriumalis*, significava na sua origem, servidor ligado á pessoa de um amo; pouco a pouco veio a significar o servidor especialmente encarregado dos divertimentos. Durante muito tempo, empregaram-se indifferentemente os dois termos *jongleur* e *menestrel* para indicar todos os tocadores de instrumentos, excursionistas, cantores ou recitadores publicos. No seculo XIV o termo *menestrel* começou a reservar-se para os cantores ou musicos contractados por um grande senhor. Froissart foi menestrel. A moda de ter a seu soldo individualidades d'esta especie espalhará-se de tal modo que o proprio Luiz IX se submetteu a ella. Os menestreis tornaram-se tão numerosos em



S. GREGORIO DE NAZANZE

certas cidades que se organizaram em corporações. Em Paris só se creou uma associação d'este genero em 1328. Os *jongleurs* acabaram por se separar em 1397, e os menestreis, chamados tambem desde então *menestriers*, reuniram-se sob o titulo de *Communauté des joueurs d'instruments tant haut que bas*. Esta corporação, reorganizada em 1407, tinha á sua frente homens bons, eleitos pelos confrades e um «rei» cuja nomeação pertencia ao soberano de França. A corporação residia toda n'uma mesma rua e possuía a sua igreja e o seu hospital, Saint-Julien-des-Ménétriers, collocados sob o oraculo de S. Julião, patrono d'essa corporação; mas um dos seus reis, Guilherme II, ambicioso e emprehendedor, imaginou reunir debaixo do seu sceptro todos os musicos. Desde esse momento a *menestrandie* iniciou uma época de interminaveis desavenças com as outras corporações de musicos. Luiz XIV regulamentou em 1707 a turbulenta corporação de menestreis e mestres de dança, que devia, porfim, desaparecer com a Revolução.

Agora algumas linhas sobre trovadores e troveiros, vocabulos que andam intimamente ligados. Os trovadores e os troveiros descendem em linha recta dos *jongleurs*; passaram-se a designar assim logo que compuzeram versos. Os trovadores andavam de côrte em côrte, demonstrando-se mais ou menos tempo em cada uma d'ellas, segundo o exito que ahi obtinham. No norte da França, pelo contrario, os troveiros ligaram-se muito cedo á pessoa dos grandes senhores. No seculo XIII Roberto de Artois e Carlos de Anjou mantinham uns poucos a seu soldo. Foi sobretudo neste meio senhorial que o papel e a condição dos troveiros se transformaram. Não levou muito tempo que alguns fossem julgados capazes de escrever e de transmittir á posteridade os factos e as façanhas dos seus protectores: converteram-se então em verdadeiros historiographos, taes como em

França, Froissart, Chastellain, Molinet e Meschinot.

A condição do troveiro era muito preeminente se tinha estudos e sabia latim. Solicitavam-lhe que traduzisse ou imitasse obras da antiguidade, que se julgava conterem toda a sciencia. E' o papel que desempenharam nas côrtes do rei de Inglaterra Wace e Benedicto de Saint-More. Emfim, não será preciso dizer que a arte de compôr não constituia privilegio d'esta casta mais ou menos servil; varios burguezes e até grandes senhores adquiriram nesse genero o que se chamaria hoje uma bella vocação de amator, como foram por exemplo, no seculo XIII Jacques Bretel, Thibaut de Champagne, o castellão de Covey, e, no seculo XV, Carlos de Orléans.

Não é facil citar aqui os nomes nem mesmo os mais conhecidos dos troveiros e trovadores. Limitar-nos-hemos a classificá-los por grupos, indicando sumariamente os caracteres dominantes de cada um d'estes. Em França foram Limousin e Périgord o berço da poesia cortesan; é tambem a essa região



«JONGLEURS» DO SEculo XIII. JONGLEUR ACTUAL.

que pertencem os poetas mais antigos e mais apreciados no genero: Bernart de Ventadour, Guiraut de Borneil, Arnaut de Mareil, Arnaut Daniel. Alguns dos trovadores mais antigos são originarios da Gasconha e tinham começado por ser *jongleurs*: Cercamon, Marcabrun e Marcoat. A Auvergne e a Velay pertencem Peire d'Auvergne, Peire Cardinal e o monge de Montaudon; ao Languedoc, Peire Vidal, Raimon de Miraval, Aimeric de Peguilhan, Guilhem Figueira e Guirant Riquier; á Provença, Rambaut d'Orange, Folquet de Marselha, Rambaut de Vaqueiras e Bertran d'Alamanon. Os trovadores receberam bom acolhimento no meiodia, sobretudo na Provença, no condado de Tolosa, nos solares dos senhores de Foix, de Rodez, de Narbonne, etc.

No norte, as côrtes onde os troveiros

gosaram de mais efficaz protecção foram as da Normandia, da Champanha, de Blois, de Flandres e de Hainaut. A Picardia e o Artois foram tambem centros de intensa producção poetica; os poetas encontravam nestas grandes cidades commerciaes, um publico burguez de um gosto menos requintado, mas mais rasgado que o dos grandes senhores; os proprios burguezes constituídos em corporações, umas vezes piedosas outras profanas, cultivavam a litteratura e levavam muito longe a veia satirica e a observação maligna dos caracteres. Houve em Arras uma escola completa de poesia lyrica, e esta região, que produziu innúmera quantidade de contos em verso ou ditos moraes e satiricos, tornou-se tambem o berço do theatro francez profano e comico, como por exemplo no *Jeu de la Feuillée, Robin e Marion* d'Adam de La Halle. Foram as provincias mais proximas de Flandres e do Hainaut que viram surgir, nos seculos seguintes, a escola historica tão brilhantemente representada por Jean Le Bel, Froissart e os chronistas da côrte de Borgonha. A partir do seculo xiv, o papel dos trovadores acaba, por isso que a lingua nacional foi, no meiodia, substituida pelo francez na administração e na litteratura. Com relação aos troveiros, não ha motivo para prolongar a sua historia para além do seculo xv, visto como, pelo que se sabe, a sua condição se transforma e que o nome porque eram designados a principio cede o logar a outros, que correspondiam melhor ao seu estado social.

N'outro capitulo, no que tratar dos inicios do theatro portuguez, falaremos dos trovadores e troveiros portuguezes.

Os *milagres* que appareceram primeiro que os *mysterios* e são differentes d'estes pela sua natureza e suas dimensões. São-n'ó tambem pela sua origem: os *mysterios* sahiram da liturgia das festas do Natal e da Paschoa; os *milagres* nasceram dos canticos em honra dos santos ou da leitura ácêrca da sua vida que se fazia nas egrejas. Em épocas muito remotas, a mocidade das escolas habituou-se a representar scenas tiradas da vida dos santos mais populares, ordinariamente para solemnizar a sua festa. Em 1119, um abbade S. Alban, em Inglaterra, como já dissemos, fazia representar pelos noviços do seu convento um milagre de Santa Catharina; sabe-se tambem que o mi-

lagre de S. Nicolau, de João Bodel, datando de 1200, não era o primeiro composto sobre esse assumpto. Este *milagre* e o de *Theophilo*, de Rutenboeuf, são unicos specimens que nos legou o seculo xiii. Do seculo xiv existe em França uma collecção consideravel, que comprehende quarenta *milagres*, publicados pela *Sociedade dos antigos textos francezes*, de mediocre valor litterario, mas que abundam em situações patheticas. No seculo xv, a voga do *milagre* desaparece ante a dô *mysterio*.

O *Milagre de Theophilo*, de Ruteboeuf, atraz citado, é a historia lendaria, posta em scena, do escrivão Theophilo, mordomo da egreja de Adana na Cilicia, no seculo vi, que tendo perdido o seu logar, vendeu a alma ao demonio para o recuperar, e se furtou ás consequencias d'este pacto impio pela intervenção da Virgem. A peça, composta entre 1260 e 1280, escripta num estylo rebuscado e pretencioso, contém entretanto algumas scenas verdadeiramente patheticas.

O *mysterio*, que surge quasi no fim da Edade Media, era uma vasta composição dramatica baseada n'um assumpto religioso. Não é anterior ao seculo xv. Até ahi os dramas religiosos chamavam-se *jogos* ou *milagres*. Differiam profundamente do *mysterio*. O drama sagrado nasceu, portanto da Egreja e foi por ella, até certa época, altamente protegido. N'um velho documento latino, diz a *Encyclopedia Portugueza*, compara-se o sacerdote que officina no altar, a um tragico, que, no «theatro da egreja» figura ao povo a lucta de Christo contra o Inimigo e o seu triumpho na Redempção. Este drama virtual tendia, pois, a realizar-se theatralmente como de facto se realizou quando se reuniram os elementos indispensaveis á sua formação e representação. O mais consideravel dos dramas antigos é o *Christos Paschon*, como atraz fica dito, do theatro grego, origem e fundamento de muitos outros que successivamente appareceram sobre a Paixão de Jesus Christo e a vida dos Santos. D'essa fórma dramatica brotaram os *mysterios*, explorados no seculo xv pelos *Confrades da Paixão*, que não se limitaram unicamente a explorar a vida de Christo, mas apropriaram ainda mais tarde outros assumptos da historia religiosa quando reconheceram que o gosto do povo exigia variantes.

Até ao século XIV as representações, organisadas pelo clero, effectuadas primeiro nas igrejas e depois nos adros, tinham por objectivo o ensino e, por assim dizer, a demonstração dos dogmas. As que se relacionavam com o cyclo da Natividade faziam desfilar por deante dos espectadores os prophetas que communicavam a vinda de Christo, como por exemplo nos *Prophetas de Christo*, em latim, no século XI, e no drama *Adão*, no século XII. As que formavam o cyclo da Paschoa exhibiam, não a propria resurreição, mas scenas que preparavam ou mostravam o modo como ella se realizara, taes como o *Jogo da Resurreição*, no século XII.

Os auctores d'estas composições, que eram vastas, tinham o cuidado de não fazer figurar as pessoas divinas de Jesus Christo, Deus Padre e a Virgem. Só nos meados do século XIV é que, em certas circumstancias solemnes, appareciam, sob a fórma de quadros vivos, scenas religiosas que comportavam um grande numero de personagens como a *Paixão* e o *Julgamento final*, e em que eram reproduzidos os episodios do nascimento e morte do Redemptor. N'esses tempos de fé mais pura as auctoridades ecclesiasticas não permittiam que as figuras de Jesus e sua mãe fossem exhibidas em palcos de qualquer natureza, e se, mais tarde, auctorizaram que ellas apparecessem foi porque esses actos se realizavam com a gravidade com que se praticavam as ceremonias do culto christão. Com o andar dos seculos, porém, taes foram os abusos, que os bispos intervieram prohibindo que a ideal figura do Nazareno fosse representada. Essa prohibição perpetuou-se, pois que ainda hoje se conserva.

Foram a esses quadros mudos que se applicou o termo *mysterio*. Mais tarde alguem se lembrou de fazer dialogar as persona-

gens. Creara-se o *mysterio* dramatico, que obteve logo extraordinaria voga.

Sabemos que os *mysterios* datam do século XV, por isso que foi em 1402 que na igreja da Trindade, em Paris, se fundou a *Confraria da Paixão e Resurreição de Nosso Senhor*, com caracter permanente. Os *mysterios* eram escriptos e precisavam de auctorização especial para serem representados. Para se avaliar do modo como eram exhibidos, basta dizer que a montagem de um *mysterio* denominado *Trois Dons*, relata o erudito escriptor Theophilo Braga, em Romans, França, consumiu dez mezes de tra-



UM «MILAGRE» NO SÉCULO XIII — DRAMA N'UMA EGREJA «A NATIVIDADE»

balho e custou mil setecentos e trinta e sete florins de prata ou sejam novecentos e tal mil reis da nossa moeda. Esse theatro de Romans, construido no convento dos frades franciscanos comportava cerca de quatro mil e seiscentos espectadores. Tinha bancadas e camarotes. Mas havia-os ainda muitissimo mais vastos, como o que se construiu em Autun, em 1516, para a representação do *mysterio de S. Lazaro*. Tinha esse theatro duzentos e quarenta camarotes, dispostos em varias ordens e comportava oitenta mil espectadores. Em Ruão, em 1474, para se representar o *Mysterio da Natividade* gastaram-se quantias enormes. N'essa occasião foram observadas com a maior fidelidade as mais insignificantes minudencias.

A representação dos *mysterios* era annunciada com grande apparatus, n'uma especie de programma impresso, e em verso, citando-se a pessoa ou pessoas que tomavam a iniciativa d'esse espetaculo sensacional. Os mais antigos *mysterios* conservados, *Mysterios ineditos do seculo xv*, publicados por A. Jubinal em 1834, são relativamente curtos e de uma grande simplicidade de estylo, mas depressa alongaram as suas dimensões. Em dezembro de 1540 os *Confrères de la Passion*, annunciaram com um ruido e um pregão que deixa a perder de vista os mais fantasistas emprezarios de hoje o *Mysterio dos Actos dos Apostolos*, d'Arnoul e Simon Gréban, que conta sessenta e um mil e novecentos versos, declamados por quatro centos e noventa e quatro personagens; a *Paixão* d'Arnoul e Gréban, escripta em 1450, tem trinta e cinco mil versos. Quasi todos os acontecimentos da historia sagrada foram aproveitados para scenas especiaes, e d'ahi a divisão em tres cyclos: do Antigo Testamento, do Novo Testamento e dos Santos.

Os *mysterios* tambem dramatizaram alguns episodios mais importantes da historia de França ou da historia antiga como o *Cerco de Orléans*, isto é, o seu levantamento por Joanna d'Arc, e *A destruição de Troia*, por J. Milet, em 1450.

Mas voltemos á industria dos annuncios retumbantes. Esse *cry*, como então se chamava a taes apregoamentos, era verdadeiramente estupendo. Escripto em prosa e verso, como já se disse, enumera as entradas das personagens, as situações mais patheticas, a riqueza dos vestuarios, etc. Nero, por exemplo: *estava vestido de um saio de velludo azul todo entretecido de ouro com grandes folhagens á antiga, e aberto de cima abaixo, por onde apparecia e fluctuava em grandes folhos o forro que era de setim carmesim*, etc. As representações d'estes *mysterios* constituíam verdadeiras festas, alterando-se até as horas dos officios divinos e das funções officiaes para que toda a gente pudesse assistir a tão famoso espetaculo. E como o movimento nas ruas era grande, todas as casas appareciam illuminadas, com lampeões nas janellas, para que a «noite parecesse igual ao dia».

A parte decorativa dos *mysterios* podia considerar-se uma maravilha. O que hoje se faz, em materia de encenação, é nada

comparado com o extraordinario luxo com que eram exhibidos os grandes *mysterios* do seculo xv e xvi. Os mais afamados pintores, architectos e esculptores taes como Jehan Fouquet, Jehan Poyet, Michel Colombe, Jehan Perreal, etc., trabalharam para esses espectaculos. Mais de quinhentos miniaturistas se occuparam tambem, em Lyão, no seculo xv, na parte decorativa dos *mysterios* que ahi se representaram. O trabalho dos machinistas era um assombro, offuscando em muito o que hoje se ostenta. N'um dos *mysterios* mais celebrados da época, a cabeça de S. Pedro, depois de decepada dava tres saltos, e de cada um d'elles jorrava uma fonte de limpidissima agua. Em certa passagem, o apostolo caminhava sobre a agua não se vendo a prancha que o sustentava. Jesus subia ao céo, com as almas dos eleitos entre grupos de anjos, ao mesmo tempo que uma legião de demonios desapparecia nas profundezas dos infernos, etc. As grandes magicas modernas, conclue o illustre historiadore, chegam a afigurar-se-nos pueris, a não passarem de meras brincadeiras de creanças.

II

Confrarias dramaticas

«*Mysterio da Annuniação*» — *Decadencia dos «mysterios»* — *Os «mysterios» em Inglaterra* — «*Vierges sages*» — «*Moralidades*» — «*Griselidis*» — *Basoche, Confraria da Paixão e Enfants sans souci* — «*El Ateista fulminado*» — «*A falsa adúltera*» — «*A filha do rei da Hungria*» — «*Adão*» — «*Non Pendigaid*» — «*O Aridosio*» — «*Os infantes de Lara*» — «*Maitre Patelin*».

A Paixão de Christo, como se disse no capitulo anterior, segundo as palavras do mesmo illustre critico, constituiu a base da litteratura dos *mysterios*, como o dogma da Resurreição foi o fundamento da religião christan. Do drama grego *Christos paschon*, partiu toda uma enorme e espectacular litteratura que enche grande parte da historia do theatro. Essas *Confrarias da Paixão* exploraram tudo quanto podiam explorar, nos apparatusos *mysterios*. Convém registrar aqui um *mysterio* do seculo xv, baseado no nascimento de Jesus Christo, onde a poesia po-

pular comparou o dogma da virgindade de Maria ao sol que atravessa uma vidraça, sem a macular. Essa comparação, felicíssima, procede do *Mysterio da Anunciação*, estudado por Eugenio Lintilhac na sua *Historia geral do theatro em França*.

A obra das *Confrarias da Paixão* começou a declinar, como já se expoz, quando o povo já se não entretinha com os *mysterios*. O seu merito litterario era insignificante. Tornava-os enfadonhos a prolixidade, um misto que dispunha mal, de emphase e de jogralidade. O elemento comico occupava ali vasto logar, e alguns papeis, como os dos loucos, dos carrascos, etc., eram meramente grotescos. Foi a invasão progressiva do comico que determinou em grande parte a ruina do genero. Os excessos tornaram-se taes, as discussões tão apaixonadas, que o parlamento, em Paris, por sentença datada de 1548, prohibiu aos *Confrères de la Passion* representarem a *Paixão* e outros *mysterios* sagrados. Esta decisão foi a sentença de morte do theatro religioso. Ficava-lhe aberta, é verdade, a provincia, mas não tardou muito que a voga dos dramas imitados da antiguidade lhe desse o derradeiro golpe. Tiveram então, temporariamente, mais acceitação, as *moralidades* e as farças dos *basochianos*, até que estas producções desapareceram tambem com o rodar dos seculos.

Os *mysterios*, assegura o erudito escriptor Theophilo Braga, não existiam no theatro portuguez. Em Gil Vicente não se encontra nenhum auto da *Paixão*. Quando o fundador do nosso theatro principiou a escrever, a sua primeira fórma foi a das *Vigilias do Natal*. Entre nós houve os *momos* e os *arremedilhos*. Gil Vicente seguiu mais directamente as *moralidades basochianas* e adoptou o *villancico*. Apenas Ribeiro Chiado explorou a fórma do *mysterio*, cahindo, porém, nas *sotties*, com que o gosto popular sympathisava mais.

Os *mysterios* pertencem quasi exclusivamente á litteratura franceza, italiana, allemã, ingleza e hespanhola. Em Inglaterra, esta fórma dramatica teve tanto esplendor como em França. Os *mysterios* escriptos pelos frades e por elles representados nos conventos, tinham por assumpto o Velho Testamento e a vida de Christo. Representavam-se tambem nas egrejas, e a elles assistiram os proprios soberanos, como em 1463

Ricardo III, em 1492 Henrique VI e a rainha, etc. Mas, como succedeu em França e em Italia, os abusos fôram tão consideraveis que bem depressa a Egreja interveio. Gregorio IX, nas suas famosas *Decretaes*, prohibiu os espectaculos nos logares sagrados, e em 1384 o bispo de Winchester prohibia os *mysterios*, o que não obstou comtudo a que, mais tarde, em 1426, o frade Melton prégasse em favor d'elles, o que deu em resultado levantar-se a interdicção, popularizando-se tanto essa fórma dramatica que, em 1589, tendo já apparecido *Henrique IV*, o *Mercador de Veneza*, *Romeu e Julieta*, etc., de Shakespeare, ainda se representavam *mysterios* nos conventos e cathedraes.

Em Inglaterra, os *mysterios* estiveram em voga cerca de cinco seculos. No seculo XII eram representados por officiaes de officio, que se encarregavam de os pôr em scena com o esplendor que exigiam, como se deprehe de das quatro collecções que chegaram até nós: *Mysterios de Chester*, de *Country*, de *Townley* e de *Digby*. Como os *mysterios* francezes, os inglezes abundavam em passagens altamente divertidas. No *mysterio* da collecção Digby, chamado *Mary Magdalene*, Herodes jura por Mahomet e oferece-lhe sacrificios. E no *Processus Talentorum*, da collecção Towneley, Pilatos pronuncia um discurso em versos latinos... e inglezes, e Herodes pergunta aos seus conselheiros qual era a opinião de... Homero a respeito do nascimento de Jesus Christo. A historia do theatro inglez é altamente curiosa, especialmente no periodo tão interessante dos seus *mysterios* e das suas *moralidades*. De tal especialidade trataremos quando chegarmos ás producções dramaticas d'esse paiz.

E curioso vêr como nas grandes obras dos escriptores mais notaveis do tempo, se perpetavam erros tão grosseiros como os apontados. E não menos curioso é acompanhar a evolução dos espiritos através dos seculos.

Um dos *mysterios* mais caracteristicos da Provença intitula-se *Vierges sages*. Baseia-se na parábola evangelica denominada *Virgens previdentes* e *Virgens levianas*. Essa parábola visa a demonstrar que o homem deve estar preparado para o julgamento de Deus e que os imprudentes que não estão promptos para isso serão excluidos do céu.

A parábola baseia-se n'um antigo uso d'essa época: o esposo dirigia-se a casa da esposa para a conduzir ao seu lar onde os esperavam o festim das bodas. Corriam ao encontro do cortejo rapazes e raparigas com archotes,

Eis agora a parábola:

«Então (quando Deus nos vier julgar), o reino dos céos tornar-se-ha semelhante ás dez virgens que, empunhando as suas lampadas, se encaminhavam ao encontro da esposa e do esposo. Cinco d'ellas eram levianas e cinco previdentes. As cinco levianas, pegando nas lampadas, não levaram azeite consigo. As cinco previdentes, pelo contrario, transportaram azeite nos vasos proprios com as suas lampadas. E como o esposo se demorava, deixaram-se adormecer. A meia noite, porém, ouviu-se

um grande grito: «Lá vem o esposo, vão ao seu encontro.» Todas as virgens se levantaram immediatamente e prepararam as lampadas. As levianas disseram para as previdentes: «Dêem-nos do seu azeite porque as nossas lampadas apagam-se». As previdentes responderam-lhes: «Temos medo que elle não chegue para nós e para vós, ide a quem o vende e compra o que vos é preciso». Mas, enquanto ellas o fôram comprar, appareceu o esposo. As que estavam precavidas acompanharam-no á boda, fe-

chando-se logo a porta. Porfim appareceram tambem as outras virgens, e disseram: «Senhor, senhor, abri a porta». Mas o esposo respondeu: «Declaro-vos, em boa verdade, que não vos conheço.» Velae pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora (em que o juiz virá)»,

O *mysterio das Virgens previdentes* ou *Mysterio do esposo* foi composto no oeste da

França, em Anjou, Maine, ou Poitou, nos principios do seculo XII. Limita-se a pôr em scena a parábola cantada por S. Matheus (cap. XXV, 1-13). Pelo rythmo, estribilho, movimento geral, pertence ao genero lyrico e em character aproxima-o dos mais antigos *mysterios* francezes imitados da tragedia grega, e que n'essa época principiava a surgir. O anjo exprime-se em lingua vulgar, as virgens, os negociantes e



OS «MYSTERIOS» REPRESENTADOS EM CARROS NA EDADE MEDIA

Christo empregam as duas linguas; o côro é todo em latim.

Falámos em *moralidades*, diremos succintamente o que ellas são.

A tendencia edificante e a tendencia didactica são muito anteriores á apparição da *moralidade* propriamente dita. A primeira foi sempre inherente ás obras escriptas pelos ecclesiasticos; a segunda, que apparece desde os primeiros seculos do christianismo, principalmente em Claudiano e Boecio, adquiriu, a partir do *Roman de la Rose*, immensa

extensão. Ambas apparecem reunidas com frequencia na mesma obra: tal é o «ditié» moral do seculo XIII, que bastava recortar em scenas para arranjar uma *moralidade*.

A do *Bem-Avisado* e *Mal-Avisado*, por exemplo, recorda de uma maneira frisante o *Songe d'enfer*, de Raul de Hondan. As *moralidades* mais antigas datam do começo do seculo XV; a maior parte das que chegaram até nós, francezas, umas sessenta, escaionam-se entre 1450 e 1550, pouco mais ou menos. A moral andando intimamente ligada, na Edade-Média, á religião, a maioria d'estas peças são, ao mesmo tempo, moraes e religiosas.

As do *Homme juste*, do *Homme mondain* e do *Homme pêcheur* mostram que o inferno é a conclusão necessaria de uma vida desregrada, a salvação, a de uma vida christã. Na *Condamnation de Banquet*, do medico Nicolau de La Chesnaye ataca-se a glutonaria. Outras são puramente religiosas, como a *Assomption de Notre Dame*.

Algumas enveredam pela polemica, e, encontram-se nas mais recentes, disputas entre catholicos e protestantes. As mais interessantes tratam de assumptos lendarios ou historicos e mal se differenciam dos *milagres* ou dos *mysterios* profanos. E' para lastimar que esta variedade do genero, d'onde podia sahir um theatro original, não se tivesse desenvolvido; o proprio genero foi suffocado pela concorrência dos grandes *mysterios* cyclicos e, pouco depois, como já se disse, pelo dos dramas imitados da antiguidade.

As *moralidades* francezas mais interessantes fôram reimpressas em diversas colleções d'antigos textos dramaticos, principalmente na de Leroux de Lincy e F. Michel, em 1837; P. L. Jacob, em 1859 e E. Fournier, em 1872. Todos fôram analysados no *Repertoire du théâtre comique en France au moyen âge*, de Petit de Julleville, publicado em Paris, em 1886.

Nas peças mais celebres da Edade-Média avulta a intitulada *Griselidis*, *Grisla* ou *Griselda*, heroína de uma commovedora lenda. A acção decorre nos principios do seculo XI. Griselidis é uma pobre pastora. O marquez de Saluces, apaixonado pela sua belleza, casa com ella. Depois para experimentar a sua fidelidade, submete-a ás peores provas. Roubam-lhe um filho, obrigam-na a servir uma concubina, etc., mas Santa Ignez pro-

tege-a e a juvenil mulher triumpho de todas as experiencias. A lenda tem sido explorada, com addições e modificações, por todas as litteraturas. Maria de França fez d'ella o *Lai du Frêne*; Boccaccio aproveitou-a para o *Decameron*; Petrarca narrou-a em latim; Perrault toma-a para thema de um dos seus contos; Dumanoir adapta-a, em 1848, para o scenario d'um baile-pantomina em tres actos com musica de Adolpho Adam; por fim, recentemente, em 1891, Armand Silvestre e Eugenio Morand escreveram para a Comédie-Française um *mysterio* em tres actos, em verso, onde os auctores souberam reproduzir a candura da época sem que a arte e a poesia perdessem nada da sua belleza.

Tres corporações se fundaram em França, que muito concorreram para o desenvolvimento do theatro. Fôram ellas a *Basoché* ou *Bazoche*, a *Confrérie de la Passion*, tantas vezes citada, e a dos *Enfants sans souci*.

A *Basoché* era a corporação dos empregados do tribunal. Alguns historiadores fazem ascender a sua fundação a Philippe o Bello; a unica coisa que parece certa, é que, cêrca de 1303, esse monarcha tornou mais definida a organização da *Basoché* e concedeu-lhe privilegios. O mais importante de taes privilegios era o que outorgava a esses funcionarios uma jurisdicção autonoma, a que os collocava fóra do direito commun. Esta jurisdicção era muito ampla em materia civil; em materia criminal reduzia-se a desordens e rixas. A *Basoché* recebeu o titulo de *reino*, e o seu chefe, como os de muitas outras associações, foi auctorizado a usar o de *rei*. Os dignitarios, que constituíam uma verdadeira côrte d'este soberano mais de uma vez temivel e temido, arvoraram-se necessariamente em *principes* da *Basoché*. Deviam preito e homenagem ao seu *rei*; eram obrigados a obedecer aos seus mandatos, e a appellação dos seus julgamentos subiam até elle e ao seu chanceller. O *rei* da *Basoché* resolvia em ultima instancia as dissidências entre os empregados. Os membros da *Basoché* celebravam annualmente grandes festas, que lhes valeram na historia um titulo folgasão. Realisava-se no fim de junho a *mostra* do *rei* da *Basoché*, imitada das *mostras* da cavallaria. Como estas festas se tinham convertido em saturnaes, o *rei* da *Basoché* viu o seu throno derrubado e a

sua corôa confiscada no tempo de Henrique III; a *Basoche*, porém, subsistiu até á Revolução.

A *Confrérie de la Passion*, composta de burguezes e de artífices de Paris, é a mais celebre das corporações dramaticas da Edade-Media. Dedicava-se á representação de dramas sacros e principalmente do mysterio da Paixão. O documento mais antigo que lhe diz respeito, e que demonstra a sua existencia anterior, é uma prohibição que lhe fez o preboste de Paris, datada de 3 de junho de 1398, de representar «quaesquer jogos de personagens». A corporação appellou para o soberano e, em 1402, obteve não só a auctorisação pedida, mas um verdadeiro monopolio. A confraria explorou esse monopolio durante mais de um seculo no hospital da Trinité, perto da porta Saint-Dénis, estabelecimento destinado primitivamente a albergar os peregrinos e os viajantes que chegassem a Paris depois de fechadas as portas. Conglobou em si com frequencia outras confrarias, nomeadamente, a dos *Enfants Sans Souci*, que representavam na mesma scena *moralidades*, *soties* ou farças. Em 1539 emigrou para o palacio de Flandres, depois, em 1548, para o palacio de Bourgogne, na rua Mauconseil. Apenas se estabeleceu ahi o Parlamento, que não a via com bons olhos, proferiu, em 17 de novembro de 1548, uma sentença, que continuando a manter os seus privilegios, lhe interdizia o representar *mysterios* sagrados, isto é, privava-os de facto, do seu reportorio. Foi curta esta situação anormal em que a confraria se debateu durante perto de um seculo. Depois de ter tentado representar peças profanas, deram o seu privilegio a explorar, mediante uma somma fixa, a uma companhia de comediantes. Estes, locatarios obrigados da confraria, protestaram sem detença, desde 1615, contra este fôro. Depois de meio seculo de lucta, acabaram por vencer; um decreto publicado por Luiz XIV, em dezembro de 1676, declarou dissolvida a sociedade da Paixão e mandou entregar os seus bens ao Hospital Geral, ao qual os comediantes tiveram de satisfazer o aluguer que pagavam antes á confraria. E' esta a origem do direito dos po-

bres, a que os theatros francezes estão ainda adstrictos.

Vejam agora mais algumas peças curiosas da Edade-Media. Uma d'ellas, um drama hespanhol, *El Ateista fulminado*, versificado por auctores desconhecidos, foi representado nos conventos. E' a origem do *Don Juan* de Zamora, de Molière, Byron, Mozart, etc. O assumpto primitivo foi bebido n'uma lenda tirada das chronicas da Andaluzia.

A *Falsa Adultera* é um drama medieval dos mais famosos. Passa-se no tempo das cruzadas. O cavalleiro João, de regresso da Palestina, encontra a princeza Helena, a quem amava, casada com o velho conde Arnold, que não passa para ella de um pae terno e affectuoso. Um miseravel, Rudolfo, tambem apaixonado por Helena, para se vingar das suas negativas, accusa-a publicamente de adultera. A infeliz mulher, que tem o marido ausente, encontra-se sem meios de defesa. O tribunal condemnal-a-ha, a menos que não se apresente um cavalleiro para confundir o seu accusador. O cavalleiro João offerece-se para comparecer no «julgamento de Deus»; provoca Rudolfo e mata-o. Helena salva-se, e, como o velho conde Arnold morre, ella pode casar com o seu paladino. D'esta peça fizeram Luiz Gallet e Eduardo



GRANDE SELLO
DO REINO DA BASOCHE

Blau um drama lyrico, com o titulo de *Le Chevalier Jean*, em quatro actos. O primeiro escreveu o poema e o segundo a musica.

A *filha do rei da Hungria*, é um *mysterio* anonymo, em verso, do seculo XIV, da ordem dos «Milagres de Nossa Senhora». O rei da Hungria, enviuvando, jurou não tornar a casar senão com uma mulher que se parecesse com a precedente; e é justamente a filha que apresenta o seu vivo retrato. O viuvo solicita então do papa que auctorisasse esse casamento incestuoso, no que o pontífice consente após prévia consulta dos cardeaes. A pequena, indignada, corta uma das mãos e foge. O accaso condú-la á Escocia. Ahi, o rei acha-a formosa e desposa-a. Este casamento atrahe sobre a pobre rapariga o odio da rainha mãe que, aproveitando a ida do rei a França a um torneio em Seulis, lhe escreve participando que a mulher lhe dera um monstro por filho. O soberano responde que não póde fazer nada a tal respeito, ma

a perversa mulher imita-lhe a letra e transforma a carta n'uma sentença de morte. A desventurada esposa, com o filho, que está muito longe de ser um monstro, é abandonada, n'um barco fragil, ao capricho das ondas. Após mil peripecias, chega a Roma, onde encontra o pae chorando o seu amor criminoso, o marido que a procura por toda a parte e a sua mão cortada, que fôra encontrada n'um rio por um cle-
rigo que ali se abastecia d'agua para as pias baptismaes. Intervem então Nossa Senhora, a mão pega-se-lhe ao braço, sem deixar nenhum vestigio de ter sido decepada. Este *mysterio*, mais que licencioso, demonstra a liberdade que gosava o *theatro falado* no seculo XIV.

Outro *mysterio* celebre o de *Adão*, drama rimado, um dos mais antigos monumentos da litteratura dramatica, data do seculo XIII e parece ter sido escripto em Inglaterra. O auctor possuia um real merito poetico. O manuscripto da bibliotheca de Tours contém indicações scenicas escriptas em latim, e do mais alto interesse para a historia dramatica. O *mysterio* divide-se em tres partes: a queda original, terminada pela esperança prophetica de Adão; a morte d'Abel, symbolo da immolação do Redemptor; finalmente, o desfile dos prophetas. Este drama foi publicado em 1854 por Victor Luzarches.

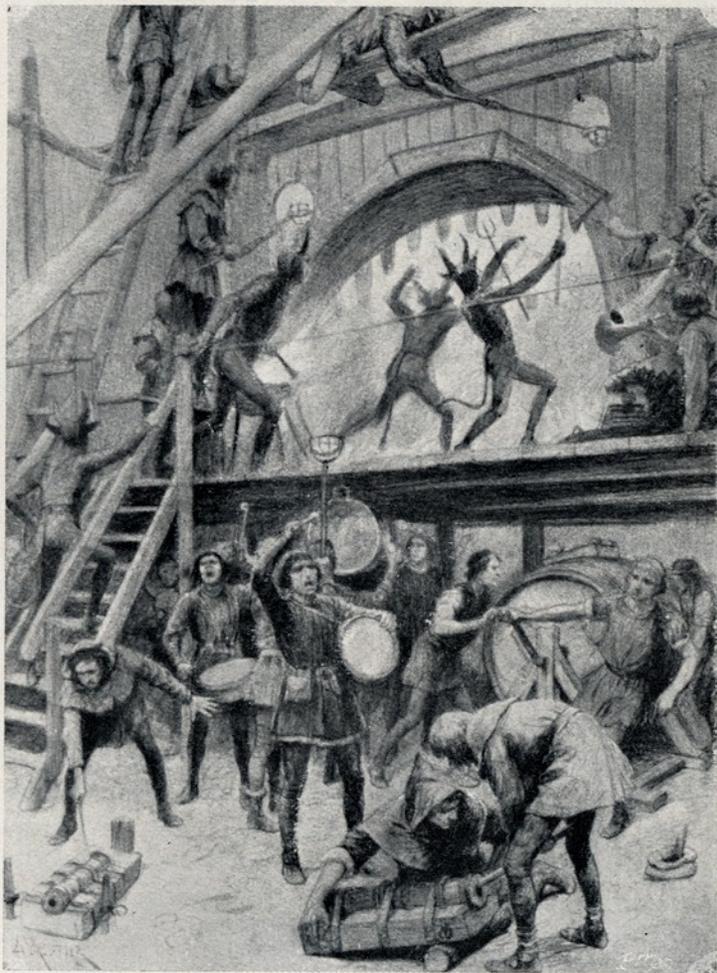
Non Pendigaid, chamado tambem *Nonna* ou *Nonnita*, é o thema de um antiquissimo

mysterio chamado *Buhez santez Nonn*. *Non Pendigaid* era uma santa do seculo VI, Filha de Caer Gawch, principe de Pedibiog, foi violentada por Sant, rei de Ceredigion, Cardegaushire, Inglaterra. Teve um filho que foi S. David ou Dewi, bispo de Merevia. Retirou-se mais tarde para a Bretanha e diz a lenda que morreu em Dirinon, perto de Landerneau. E' venerada no paiz de Galles, Cornouaille e Bretanha. Foram os episodios da sua vida que deram origem ao *mysterio*.

O italiano Pedro Francisco de Medicis, denominado o *Laurenzaccio* ou *Magnifico*, escreveu uma comedia intitulada *O Aridosio*, imitada dos *Adelphos*, de Terencio, e da *Mostellaria*, de Plauto. Foi impressa em Bolonha, em 1548.

Os *infantes de Lara*, lenda castelhana, que teve a sua origem em Burgos e na *Tierra de Lara*, no fim do seculo X e principios do XI, inspirou um

grande numero de obras litterarias. Os sete filhos de Gonzalo Gutios, senhor de Salas, na Terra de Lara, desaveem-se em Burgos com a gente de dona Lambra, casada com seu tio, Rodrigo de Lara, e insultam esta ultima. D. Lambra, para se vingar, leva o marido a entregar aos mouros os seus sobrinhos, que são massacrados em Almenar. O pae fôra enviado n'uma missão junto d'Almanzor, califa de Cordova, que devia mandá-lo matar. Mas Almanzor, impressionado com a angustia de Gonzalo, a quem mos-



O «MYSTERIO» INGLEZ DO SEculo XV «O BEIJO DE JUDAS»
— AS REGIÕES INFERNAES VISTAS DO INTERIOR DO TABLADO

traram as cabeças dos sete filhos, contenta-se em o encarcerar. Durante o captiveiro, Gonzalo tem da princeza, filha do califa, um rapaz, Mudarra, que, crescendo, sabe de quem provém, e jura vingar seus paes e seus irmãos. Dirige-se a Castella, mata Rodrigo e Lambra e encontra em Salas seu pae velho e cego.

Esta lenda, depois de ter sido o thema de uma canção de *gesta*, anterior a 1250, e provavelmente tambem de uma segunda *gesta*, antes de 1314, foi inserida na chronica d'Affonso X, em 1252, e na de 1344. Esta dupla fonte, épica e historica, deu origem aos mais antigos *Romances*, seis ou oito, entre os trinta e cinco que compõem o cyclo dos infantes. Os romances posteriores, adaptações ou imitações artisticas, Roumanus de Sepulveda, 1551, e de Timoneda, 1573, proveem d'outras chronicas, principalmente da de Ocampo, 1554. Doze peças de theatro hespanhol se baseiam n'este assumpto e entre ellas uma de Lacueva, 1579; *El Bastardo Mudarra*, de Lope de Vega, 1612; uma de Matos Fragoso, antes de 1650. A lenda inspirou ainda, em 1834, ao duque de Rivas, um poema celebre, *El moro exposito*, e, em 1853, um romance a Fernandez y Gonzalez.

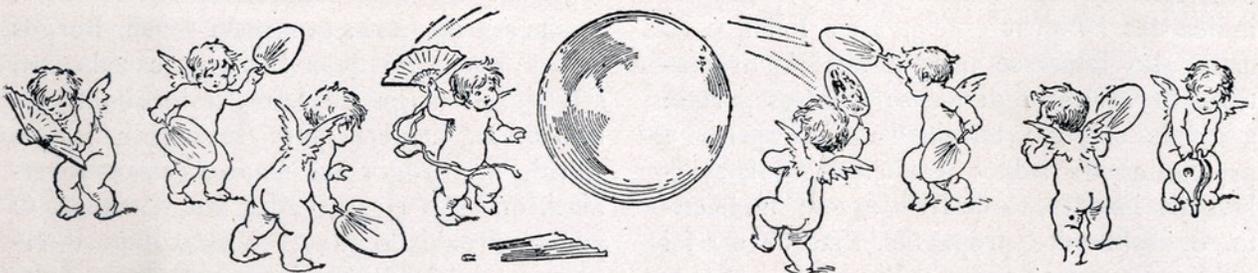
Maître Patelin é uma farça franceza do seculo xv. Não foi possivel encontrar-se-lhe o auctor, e é sem provas que a teem attribuido a Antoine de La Salle, ao comediante Pierre Blanchet, e até a Villon. O advogado Patelin, á força de cumprimentos, apanha ao fanqueiro Guillaume uma peça de panno de trinta escudos, que leva sem

pagar. Quando o mercador vae a casa de Patelin reclamar o seu dinheiro, Guillemette, mulher do advogado, sustenta que seu marido não se levanta da cama ha quinze dias. Patelin desempenha tão bem o seu papel de doente atacado de febre e de delirio, que Guillaume acaba por se ir embora, persuadido que foi victima de uma extraordinaria parecença. Apenas sae, o seu pastor Aignelet, que matou e vendeu os carneiros do amo, vem pedir a Patelin que o defenda no tribunal. O advogado aconselha-lhe que se finja idiota e que responda *mée!* a todas as perguntas. No tribunal, Guillaume, que reconhece no advogado do seu pastor o gatuno da peça de panno, confunde constantemente o roubo dos carneiros com o da fazenda. Pelo seu lado, Aignelet só responde *mée!* de modo tal que o juiz, depois de ter baldadamente repetido ao mercador: «Vamos lá, voltemos aos nossos carneiros!» phrase que se tornou proverbial, acaba por mandar em paz as partes. Patelin reclama então ao pastor os seus honorarios, mas Aignelet continua a responder *mée!*, e o advogado encontra-se colhido nas suas proprias malhas. Pelo encadeamento natural das situações, pela pintura exacta dos caracteres, alegria do dialogo, vigor e vivacidade do espirito, a farça de *Maître Patelin*, obra unica do seu tempo, é já uma verdadeira comedia. Foi adaptada duas vezes ao theatro moderno, em 1706 por Brueys e Palaprat, e em 1872 por E. Fournier.

E eis o que de mais importante existe no theatro medieval.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.



O serviço telegrapho-postal portuguez através os tempos

1.^a PARTE — CORREIOS



serviço dos correios, em Portugal, sem duvida, um dos mais importantes, data definitivamente de 1520.

Foi el-rei D. Manuel I que, por carta de 6 de novembro

d'esse anno, fez mercê, ao cavalleiro de sua casa, Luiz Homem, do officio de correio-mór, cedendo-lhe todas as vantagens que, em outros reinos, usufruiam os que se achavam investidos de igual categoria.

Sómente, porém, no reinado de D. João III, em 1525. começou a vigorar o serviço dos correios, sendo em um diploma, quasi igual ao expedido por D. Manuel I, regulamentadas as disposições, que as circumstancias da época determinavam, e que foram, como que os alicerces onde assentaram as posteriores organizações até ao desenvolvimento em que hoje se encontram as instituições postaes.

Por fallecimento de Luiz Homem foi investido n'esse mesmo cargo, por diploma de 22 de dezembro de 1532, expedido da cidade de Evora pelo filho de D. Manuel, o seu moço de estribeira, Luiz Affonso, com o ordenado de quinze mil reaes percebidos aos quartéis. Não regulamentava, porém, esse diploma, como o Correio-mór deveria cumprir as obrigações do seu cargo, o que só um anno depois se fez. A titulo de curiosidade extractamos o seguinte, d'um livro que a Direcção Geral dos Correios publicou em 1879: — «Os correios deviam exercer o seu officio bem e fielmente, prestar juramento, guardar segredo, pagar ao

Correio-mór os direitos de aposentação — dois reaes de prata ou tres vintens de dentro de Hespanha, e um de fóra. O Estado monopolisava os correios de Lisboa e cinco leguas ao redor. Qualquer pessoa, não obstante, tinha o direito de mandar por proprio as correspondencias que lhe pertenciam, mas não as alheias. O Correio-mór recebia o dizimo dos portes e lucros que tivessem os correios; e só elle podia mandar entregar as cartas que trouxessem; respondia pelos proventos que pertenciam áquelles, tomava-lhes juramento, e, quando o não davam, impunha-lhes a pena de 20 cruzados. Os empregados d'esta classe usavam das armas reaes nos vestidos; podiam trazer espada e punhal; eram escusos dos cargos e serviços do concelho, de peitas, finitas e talhas; não eram obrigados a dar aposentação a ninguem, nem lhes podiam tomar as roupas da cama, nem outra coisa contra sua vontade; não eram presos por dividas em viagem e, pelo seu dinheiro, todas as auctoridades lhes deviam facilitar mantimentos, bestas, guias e o mais que carecessem».

Além d'isto o cargo de Correio-mór era considerado, n'essa época, como uma herança, e assim passou o cargo de Luiz Affonso para seu genro, Francisco Coelho e d'este para seu genro, Manuel de Gouvêa. Antes, porém, de haver fallecido Manuel de Gouvêa, mandou Philippe II, que se vendesse o officio, e assim, em 16 de julho de 1606, foi feito o contracto de venda por setenta mil cruzados, ou sejam trinta e tres contos approximadamente, com Luiz Gomes da Matta, que ficou com o cargo e para seus



CONSELHEIRO ALFREDO PEREIRA

sucessores com pleno domínio, podendo, a seu talento, nomear e prover esta-fetas, mestres de posta e assistentes, e, considerar-se mesmo isento da sujeição ao reino de Castella.

Pelo preço da venda facilmente se ajuiza da importante renda do officio e do desenvolvimento que alcançara n'aquella época, que d'uma fórma progressiva se manifestou nas seguintes.

Depois de ser dada a maior plenitude possível ao serviço postal dentro do paiz, se estabeleceu em Londres, um tractado entre Portugal e Inglaterra, que veio dar ainda maior incremento ao regimen. Tomaram parte n'esse tractado, o Correio-mór Luiz Victorino de Sousa da Matta Coutinho e os grãos-mestres das postas inglezas, Robert Cottan e Tho-

maz Franklan, sendo por esse convenio obrigada a Inglaterra a mandar n'um paquete, a expensas suas, a correspondencia de Londres pela via de Falmouths; as cartas eram alli pesadas e

mettidas em saccos, devidamente selados e com cadeia; toda a correspondencia era entregue á pessoa indicada pelo Correio-mór, que pagava a quantia de 600 réis por cada onça de cartas. De Lisboa partia, em igual periodo, o paquete, devendo ser

observados em Londres, os mesmos preceitos que acabamos de expôr. — Em 1753 iniciou-se a remessa de dinheiro por meio de vales de correio, pagando-se 1 % da importancia remetida, para o Correio-mór e seus assistentes, o que motivou novas disposições e garantias para os empregados postaes.

Como era de prever, não podia um serviço de tão grande importancia estar entregue a particulares e tudo se impunha para que, de novo, elle passasse para o Estado. Foi D. Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da marinha, encarregado pelo rei de propôr ao Carreio-mór a cedencia do officio para o Estado, mediante uma valiosa indemnisação. Essa indemnisação constou do

seguinte: — O titulo de conde de juro e herdade em tres vidas; conservação da honra de creado de S. M.; uma renda de 40:000 cruzados; pensões vitalicias de 400:000 réis a diversas pes-

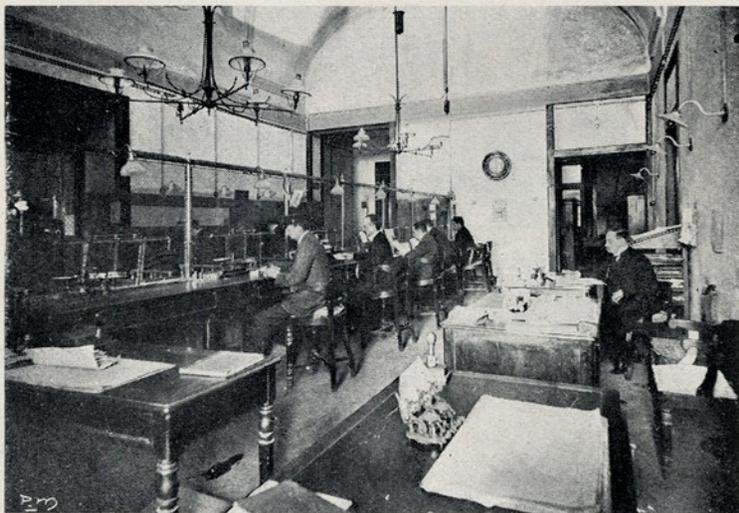
soas; um ou dois postos no exercito.

Manuel José da Maternidade Matta de Sousa Coutinho foi o ultimo Correio-mór d'esta familia e 1.º conde de Penafiel.

Assim voltou para o Estado a administração do correio que ficou a cargo do ministerio

dos negocios estrangeiros, e já pela sua situação official, já pelo influxo de novas idéas, o correio alargou a sua esphera de acção. São estabelecidas as diligencias entre Lisboa e Coimbra e estabelecidos os correios maritimos, sendo expedidos, em cada dois mezes, dois paquetes: um, para Assú, servindo as capitancias de Pernambuco, Parahiba, Oernohiba, Maranhão, Rauhy e Pará, e que, depois de ir ás Solinas, voltava ao reino; outro, para a Bahia e Rio de Janeiro.

Era então Superintendente do correio, o distincto jurisconsulto José Diogo de Mascarenhas Neto, o qual com acertadas disposições, dera' ao serviço postal um extraordinario desenvolvimento, cujas vantagens



1.ª SECÇÃO

Venda de sellos, emissão de vales, etc.



2.ª SECÇÃO

Posta restante e abertura das malas para Lisboa

mais se avolumariam se outras causas não perturbassem a normalidade dos negocios publicos. O exíguo espaço d'um simples artigo não nos permite relatar a serie de providencias promulgadas por esse habil jurisconsulto, que marcou na historia postal um periodo brilhante e de proficuos effeitos. A 16 de março de 1797, foi nomeado inspector do correio, o ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, Antonio de Araujo e Azevedo, que expedira tambem diversos diplomas, tendentes a melhorar alguns dos serviços e a desenvolver outros; mas baldado intento; quanto se fez, após o fallecimento de José Diogo de Mascarenhas Netto, não produziu a menor utilidade e antes marcou um completo retrocesso no serviço postal. — A convenção pactuada com a Inglaterra,

durante cinco annos, se manteve uma situação deploravel para os correios, até que, um importante documento regulando os seguros de cartas, encommendas e dinheiro,



3.ª SECÇÃO

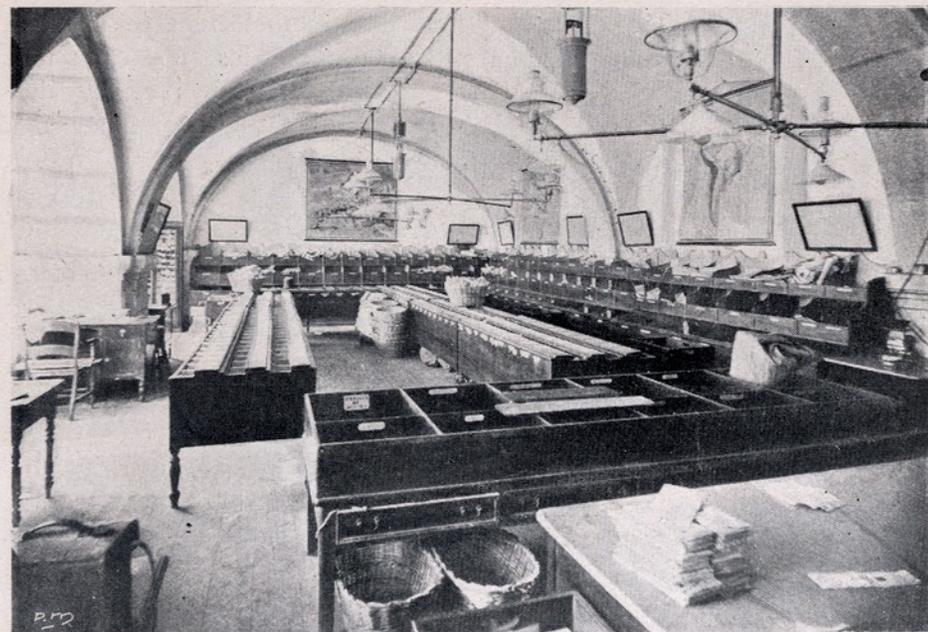
Expedição de correspondencia para o reino

firmava um novo passo para a melhoria do regimen postal; a elle se seguiu o alvará, de 8 de junho de 1816, publicado pelo ministro dos negocios estrangeiros, D. Miguel Pereira de Forjaz pelo qual eram coarctados os abusos e evitados os damnos, que resultavam para a fazenda publica, as infracções da lei, que auctorisava sómente a distri-

buição das cartas pelos empregados officialmente d'ella encarregada. Após este alvará, só, em 1824, apparece um novo documento que merece especial menção: — consistiu elle n'um decreto expedido do Paço da Bemposta, pelo grande estadista Marquez de Pal-

mella, em que eram attendidos os interesses dos empregados postaes, no respeitante a ordenados, gratificações e aposentadorias, estabelecendo um encargo annual d'uns quinze contos approximadamente.

Tal encargo dá uma idéa precisa de quanto desenvolvimento teve o serviço postal, n'um periodo de 86 annos, que no decurso d'esta nossa exposição procuraremos demonstrar.



4.ª SECÇÃO

Expedição do serviço internacional ultramarino e ilhas

em fevereiro de 1810, no Rio de Janeiro entre D. João VI e Jorge III, foi, de todos os tratados postaes, celebrados n'esse seculo, o mais lesivo e o menos digno. E assim,

A este alvará seguiu-se-lhe logo outro regulando o modo como os filhos e viúvas desamparadas dos correios do real gabinete, ou das secretarias, deviam pedir pensões, e quaes lhes eram devidas.

Atravessava, porém, uma enorme crise a politica do paiz; as perseguições e os odios reflectiam-se em todos os ramos do serviço publico, não respeitando as leis, nem os proprios direitos individuaes, cujas victimas cahiam sob o cutello implacavel das paixões violentas da época. O segredo da correspondencia era violado, a que deu triste exemplo o Conde de Barbacena mandando, em nome d'el-rei, abrir, perante o juiz do bairro, todas as cartas dirigidas a D. Prior-

a ordem nos serviços, e conferir aos que n'elle intervinham, a sua anterior auctoridade; e tão alto foi elevado o prestigio, foi tão demonstrativa a attenção dos governos, d'aquelle tempo, pelo funcionalismo postal, que um major de infantaria de Estremoz foi reprehendido por maltratar um postilhão, que representava, na escala dos empregados do correio, a mais baixa categoria, e o fiel da administração do Porto, Henrique Maria Xavier d'Oliveira, pediu uma



5.^a SECÇÃO
Registo

mór da ordem de Christo; e se este aviso ficou sem effeito, pela disposição do art.º 145 da Carta Constitucional de 17 de maio de 1826, eram retidas as cartas ou queimadas, como fôra feito aos impressos do lettrado Gordo e a outras muitas correspondencias. O abuso alastrava-se assustadoramente por todo o paiz creando uma atmosphera de desconfiança, que trouxe como consequencia, os empregados postaes perderem, um pouco, do seu antigo prestigio.

Passageiro, porém, foi este estado anormal; novas providencias vieram restabelecer

syndicancia aos seus actos, de que foi absolvido, pelo simples facto, de lhe constar que alguém punha em duvida a sua probidade profissional.

Não estavam comtudo, de todo aniquiladas as causas que agitavam o paiz, de que se resentia a instituição postal, considerada primaria, n'essa época a que vimos de nos referir. E como consequencia d'esse periodo revolucionario, surgiram as difficuldades financeiras que os governos pensaram debellar com varias modificações nos serviços publicos, que trouxessem como resultado especial,



UMA APANHA DE CANNA DOCE

O assucar madeirense

Linhas de historia — O assucar é um producto oriental — Quem o introduziu na Europa — O Infante D. Henrique ordena a plantação da canna dôce na Madeira — Christovão Colombo leva-a d'esta ilha para as Indias Occidentaes — O primeiro engenho madeirense e o melhor assucar do mundo — Um vaticano d'assucar com os cardeaes d'alfenim — A doença da canna — Novas plantações — A Fabrica do Torreão — Como se cultiva a canna — A conducção para as fabricas.



CANNA d'assucar é, como geralmente se sabe, d'origem oriental.

Segundo bons auctores, esta planta floresce «em estado selvagem nas regiões trans-gangeticas»;

e está averiguado que os chinezes exploraram a cultura e industria sacharinas, dois mil annos antes da Europa as conhecer. Foi depois das conquistas d'Alexandre Magno,

no seculo IV antes de Christo, que o Oriente viu passar os seus dulcissimos productos para as regiões occidentaes.

Os gregos e os romanos davam ao assucar o nome de *sal indico*, apontando n'esta denominação a sua procedencia. Mas este *sal* era de tal maneira desconhecido, em sua essencia e modos de producção, que Strabão o julgava *espontaneo mel vegetal*; Seneca chamava-lhe *celestes orvalho*, congelado nas folhas de certa canna; e outros,

uma larga economia. E' sob esta orientação que o governo nomeou uma commissão, composta: do brigadeiro do real corpo de engenheiros, Bernardino Pereira do Lago; do antigo official maior da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, Paulo Midosi; e do negociante da praça de Lisboa, Antonio José Serzedello, afim de elaborar um plano de reforma do correio. Os trabalhos, pois, d'essa commissão assentaram sobre as influencias da occasião, e d'esta maneira, o decreto de 10 de janeiro de 1837, que subscreevou o visconde de Sá da Bandeira, reduziu o numero dos empregados de 64 a 45 e a despeza de dezenove a treze contos de réis; creou tambem o lugar de sub-inspector, chefe da administração do correio de Lisboa, a qual ficou dividida em quatro seguintes repartições: — Administração das cartas, seguro, contadoria e secretaria.

Os perniciosos effeitos d'este decreto não se fizeram demorar muito. O serviço quasi retrogradára para a sua época inicial; diminuiu a despeza, é certo, mas, em maior proporção, diminuiu igualmente a receita. Foi como o desmoronamento de quanto se havia feito de util e que tantos annos levára a edificar; e atóra umas portarias que trouxeram ao serviço alguns insignificantes melhoramentos, se conservou estacionario o regimen postal até 1852, em que o ministro Gervis de Athouguia expediu um decreto nomeando para compôr a commissão de reforma do correio, os conselheiros Paulo Midosi, Eduardo Lessa, José Ignacio Pereira Derramado, Augusto Xavier Palmeirim e José Maria Casal Ribeiro. Cumpriu bem a commissão o seu mandato, pois que a reforma que apresentou e foi decretada, em 27 de outubro de 1852, realisou um largo progresso postal e foi, sem duvida, d'entre

todas effectuadas, a que trouxe maior desenvolvimento, sendo n'ella introduzidas importantes modificações, que a experiencia e a longa pratica do serviço ha muito dictavam.

Por esta reforma a sub-inspecção ficou subordinada ao ministerio das Obras Publicas, o correio passou a ser diario para todas as capitães de districto, e tres vezes por semana para todos os concelhos; foi creada a estampilha de 25 réis, fabricada na casa da moeda, para a correspondencia de cartas e a de 100 réis para as cartas registadas, com a indemnisação de 5:000 réis no caso de extravio; os jornaes franqueados pagavam 5 réis por cada folha de impressão, e

10 réis, quando não franqueados; eram admittidos saques até 20:000 réis. Foi creada a unidade postal do reino e provincias ultramarinas e o paiz, sob o ponto de vista postal, foi dividido em 10 administrações, 219 direcções, 183 delegações e 6 distribuições. O pessoal era composto de um director,



6.ª SECÇÃO

Encommendas postaes

que tinha a seu cargo a responsabilidade technica do serviço; um sub-director nas secções; feitores e moços nas estações de muda; cocheiros e conductores nos caminhos. Nenhuma auctoridade podia suspender ou demorar os correios, e estes não podiam receber gorjetas. As carruagens podiam conduzir passageiros, quando munidos d'um passaporte legal, os quaes pagavam 45 réis por cada kilometro de percurso, indo dentro da carruagem, e 35 réis indo fóra, podendo tambem, em qualquer dos casos, levar 15 kilogrammas de bagagem gratuitamente, pagando, pelo excesso até 7 1/2 kilogrammas, 5 réis por kilometro e 10 réis até 16 kilogrammas no mesmo espaço.

Outras varias disposições regulamentares compunham a reforma do correio de 1852,

que conferiu á commissão que a elaborou e ao governo que a referendou innumerous louvores de todo o paiz, pois que, abriu um vasto horizonte ao serviço postal, n'essa época em que a estrada entre Lisboa e Coimbra se achava quasi concluida, e o primeiro caminho de ferro portuguez chegava ao Carregado.

No anno seguinte, por um diploma referendado pelo marquez de Loulé, foi ampliada a transmissão de vales, cujas sommas se elevaram a centenas de contos de réis; ao mesmo tempo foram bastante melhorados os vencimentos do pessoal, entrando-se depois, largamente, no campo das convenções postaes.

Tanto quanto nos foi possível, historiamos o serviço postal, n'um periodo de tres seculos, para que, ao fallarmos do seu estado actual, o leitor pudesse ajuizar da somma de esforços empregados para conseguir o extraordinario desenvolvimento, que hoje tem, o que representa uma exuberante prova, de como os seus dirigentes tem sabido acompanhar os progressos da civilização.

Uma exposição pormenorizada das modificações porque passou o serviço postal desde 1853 até hoje, seria a mais clara demonstração da sua marcha progressiva, edaria a medida exacta do seu valor através estes ultimos tempos; para isso, porém, teriamos que lançar mão de diversas estatisticas, cuja descriminação das suas verbas ultrapassaria os limites d'este artigo. Não deixaremos, comtudo, de citar as importantes reformas decretadas pelo grande estadista Saraiva de Carvalho, em 1880, e por Emygdio Navarro, em 1886, ás quaes, Elvino de Brito e Conde de Paçõ Vieira juntaram alguns diplomas tendentes a melhorar certos serviços e augmentar os vencimentos do pessoal. E para melhor se calcular do proficuo beneficio que presta ao paiz a direcção geral dos correios, apresentamos, aos nossos leitores, os seguintes dados estatisticos referentes ao anno de 1908, que,

d'uma forma mais precisa, o provam sobejamente:

«O pessoal dos correios consta de 7:318 empregados; ha 3:853 estações postaes em Portugal, Açores e Madeira, e 7:439 caixas para recepção da correspondencia. As estradas exploradas abrangem uma extensão de 33:602 kilometros, e o percurso kilometrico annual é representado por 19.312:828 kilometros.

O movimento da correspondencia postal, comprehendendo cartas, bilhetes postaes e outros objectos, foi:— Serviço interno, 83.655:024 — Serviço internacional (de recepção e expedição), 20.911:478; houve, além d'isso, 3.066:313 correspondencias em transito, a descoberto pelo paiz. As encomendas postaes ordinarias tiveram o seguinte

movimento:— Serviço interno, 220:421 — Serviço internacional: recepção, 99:074; expedição, 25:388, e em transito, 55:916. Elevou-se a 1.327.991:540 réis, a importancia de venda de sellos e outras formulas de franquia; foram na quantia de réis 20.143.982:869, os valores confiados ao correio, entre cartas e encommendas com valor declarado, recibos,

letras e obrigações, vales do correio, correspondencias e encommendas sujeitas a reembolso. Das correspondencias cahidas em refugio, procedentes do continente e ilhas, bem como as que foram devolvidas do estrangeiro e ultramar, no total de 172:765, puderam ser entregues aos remetentes, 9:118.

Por ultimo a receita dos correios e telegraphos no anno economico de 1907-1908, foi de 2.102.930:887 réis, e a despeza de 1.647.392:409 réis, o que produziu o saldo de 455.538:478 réis.»

Perante a eloquencia d'estes algarismos, não ha, por certo, quem ponha em duvida, da importante missão que desempenha nos negocios publicos de Portugal, a prestimosa direcção dos correios, de cujos louvores, justamente partilha o seu director, sr. conselheiro Alfredo Pereira, funcionario dis-



POSTA

Distribuição da correspondencia pelos carteiros

tinctissimo que allia á sua vasta intelligencia, profundos conhecimentos do serviço postal, justeza de character e uma captivante affabilidade no trato. E não é sómente dirigindo os serviços, na sua enorme complexidade, que o sr conselheiro Alfredo Pereira se tem evidenciado, como um dos mais distinctos funcionarios da burocracia portugueza, tambem no estrangeiro, se acha d'uma forma notavel comprovada a sua proficiencia no assumpto, producto d'um trabalho persistente e dedicação professional.

Acompanhando o mais insignificante aperfeiçoamento, equiparando ao que haja de melhor no estrangeiro, o serviço dos correios em Portugal prima pela correcção de norma, preceituada e cumprida por todo o seu funcionalismo, com merecido e justo elogio. E assim, Portugal não tem descurado de quanto possa interessar a este importante ramo de serviço publico, fazendo-se repre-

sentar em todos os congressos e mantendo n'elles o prestigio da briosa classe e garantia de lucros.

Impõe-se, porém, para o cabal e harmonico desempenho d'um serviço de tanta magnitude, que as diversas repartições se achem convenientemente installadas em edificio apropriado; tal não succede; é nos baixos dos ministerios das Obras Publicas e Fazenda que funcionam as differentes estações, em recintos acanhados e até, alguns, anti-hygienicos, prejudicando o andamento regular dos serviços e pondo em risco a vida dos empregados. Oxalá se pense um dia a serio n'este assumpto, e tambem no facto de que alguns empregados estão longe de perceber em harmonia com o trabalho que produzem e com as responsabilidades que lhes são exigidas.

Brevemente nos occuparemos da telegraphia.

HENRIQUE D'OLIVEIRA.



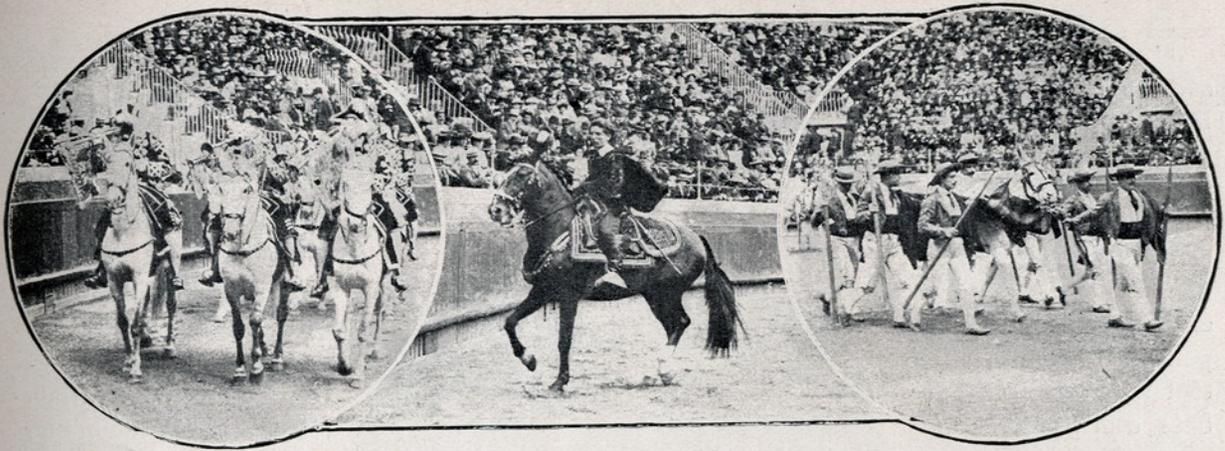
CANTO AO SOL

Ó sol deslumbrador, ó sol divino,
 Apaixonado noivo glorioso
 Que num olhar amigo e luminoso
 Aqueces todo o espaço cristallino!

Da terra ergue-se a ti um immenso himno,
 E saúda-te o bosque rumoroso,
 E o oceano revolto e grandioso
 Offerta aos beijos teus o collo fino.

Por ti as vidas, no caminho insano
 Da perfeição, passaram sem cessar
 Da rocha á planta, á fera, ao ser humano.

Por ti, a terra tem encanto e côr,
 E p'lo beijo de luz do teu olhar
 Sente um poder materno e creador.



OS CHARAMELEIROS

O «NETO»

ENTRADA DA AZEMULA

As touradas de fidalgos

*No illustre aficionado e meu dilecto amigo,
Senhor Prof. C. da Cunha Bellem.*

TAMBEM foi um espectaculo, genuinamente portuguez, que acabou, póde dizer-se, com a praça do Campo de Sant'Anna.

Que enthusiasmo que se notava sempre n'essas festas!

Só por ellas se podia avaliar verdadeiramente quanto o nosso povo se apaixona por este divertimento, pois nem um só logar ficava devoluto, havendo até quem o fosse occupar com duas e tres horas de antecedencia para ter a certeza que lograria ser testemunha do que de mais

bello e esplendoroso era dado admirar em torneios tauromachicos.

Mas n'esse tempo havia gosto verdadeiro pela nobre arte de Marialva, e havia tambem amadores que podiam rivalisar com os melhores artistas!

O luxo exhibido nas touradas de fidalgos corria parelhas com o valor d'esse punhado de rapazes que descia á arena a defrontar-se com as feras, da mesma fórma como o arrebatamento da assistencia tocava sempre o delirio.

N'essas festas que deixaram a mais grata impres-




PRAÇA
DO
CAMPO DE SANTA ANNA.

TERÇA FEIRA 13 DE JUNHO DE 1848.
EM BENEFICIO
HAVERA' UMA CORRIDA DE TOIROS.
Toda executada por Curiosos de distincção.

SOL-240 R.º

UM BILHETE

(Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Rozendo Carvalheira)

são nos frequentadores do popular divertimento, o apparatus d'ellas começava logo nas *cortezias*, pela fórma rica e deslumbrante como os cavalleiros apresentavam as suas montadas, ajaezadas com um luxo desusado, e que eram trazidas á mão pelos seus criados, ostentando geralmente librés com as côres da casa a que pertenciam.

O grupo de peões, como o de cavalleiros, era tudo o que havia de mais distincto na sociedade elegante da época.

Os forcados, campinos, e demais pessoal da arena, também descendentes das melhores famílias, completavam o vistoso conjunto, irreprehensível de elegancia, vendo-se em seus rostos a convicção de que sahiriam victoriosos da lucta.

As touradas de fidalgos eram então dadas a expensas da *Sociedade Tauromachica Permanente* e dos amadores que tomavam parte n'ellas, sendo os bilhetes gratuitos; e, por excepção, em beneficio, muitas vezes a pedido do fallecido rei D. Luiz e de sua augusta consorte a rainha D. Maria Pia, por demais entusiastas do divertimento.

Grande foi o numero de lidadores, fidalgos uns, e filhos das mais distinctas famílias outros, que mais brilharam n'es-

tas deslumbrantes festas, que até hoje não se egualaram.

O conde de Vimioso, D. José de Mello e Castro, o *Cazuza*, e D. João de Menezes, deixaram por demais assignalada a sua passagem pela tauromachia. Os primeiros foram mestres irreprehensíveis, o ultimo uma figura esbelta que fez andar ás voltas a cabeça a muitas donzellas . . .

O conde de Pombeiro (em cujo tempo evidentemente se distinguu mais do que depois quando marquez de Bellas), o marquez de Castello Melhor, Frederico Ferreira Pinto Basto e o visconde da Graça

foram o prototypo da galhardia e da elegancia na arena.

Depois appareceram D. José d'Avillez (pae do actual conde das Galveias), D. Caetano de Bragança, D. Antonio de Portugal, Alfredo Tinoco da Silva, Carlos Relvas, Antonio Vellez Caldeira, D. Antonio de Mello e Castro (Galveias) e D. José de Mascarenhas (pae).

Bello e sympathico grupo!

A enumeração só por si de seus nomes aviva-nos a idéa do que todos elles foram, fazendo realçar um por um qualquer festa em que entravam.

Mais tarde vieram Alfredo Marreca, D. Luiz do Rego, Alfredo Anjos (actual conde de Fontalva), Fiuza Guião e Henrique Martins.



MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR



D. ANTONIO DE MELLO E CASTRO (GALVEIAS)

Tempos saudosos esses, em que o garbo de tão gentis lidadores se impunha ás bancadas, replectas de verdadeiros entendidos!

Mas a lista ainda não terminou. Jeronymo Teixeira Vianna, Carlos Kruz, Victorino Froes, D. Antonio de Siqueira (S. Martinho) e os viscondes de Varzea, do Tojal, de Alverca e de Alferrarede reuniam-se ao bello conjunto, dando a cada corrida em que lidavam, um tom distincto, verdadeiramente irreprezível.

Uma parte tão importante como característica, n'estas corridas, era tambem a do *neto*, que se apresentava sempre vestido a rigor.

Alfredo Tinoco e Luiz Martins foram dos que mais vezes se encarregaram do espinhoso cargo, sobresahindo entretanto o primeiro pela finura e o ultimo pela graça com que sempre cumpriram essa parte.

Se deixarmos o toureio a cavallo e nos dirigirmos para a parte desempenhada a pé, ahi encontramos tambem as melhores revelações, como Frederico Pereira Nunes, o conde da Vidigueira, os irmãos Maniques (Antonio, Diogo e Raphael), Thomaz Croft (que ainda assim, sobresahiu muito mais a pé que propriamente a cavallo, quando visconde da Graça), Domingos Poeira, D. Fernando de Noronha (Angeja), Er-

nesto de Mendonça, Luiz Montezuma, Bernardino Almoinha, Henrique Vasconcellos, etc.

Descrever ou traçar os meritos de cada, em especial, equivalia quasi a dizer de todos a mesma cousa, pois se cada um tinha geralmente uma fórmula especial de toureio, o que nenhum se differenciava era na valentia e em procurar sobresahir, ao ponto de quasi electrissarem a assistencia.



CONDE DE POMBEIRO
(Depois Marquez de Bellas)

E os pegadores? Que bellos grupos se organisavam então!

José Augusto Galache, Frederico de Gusmão Correia Arouca (que mais tarde trocou

o calção de anta pela farda de ministro de Estado). os irmãos Rebellos de Andrade (Eduardo, Ignacio, Fernando e Ruy), Cesar Cunha Bellem, D. Luiz Lobo da Silveira (Alvito), D. Manuel Ponte, Ernesto

Calleya, Fernando Antas (depois conde das Antas), D. João Pacheco Pereira Coutinho (actual administrador do concelho de Alcochete) e seu irmão D. Jeronymo Pereira Coutinho (Soydos), José de Barros Lima, Antonio Martins (agora mestre d'armas), D. Alexandre Villa Real, Jayme Piombino, Jorge de Barros Lima, D. José de Mascarenhas pae (que, entretanto, se evidenciou mais n'este genero do que depois como cavalleiro, apesar de se tornar tambem muito apreciado), Braulio



CARLOS RELVAS

Cunha Bellem, José Queiroz (actualmente pintor de merito, e dos que mais se tem dedicado á ceramica), Antonio Rodovalbo Duro (actual critico taurino do *Seculo*), D. José e D. Luiz de Menezes, José, Antonio e Francisco Lisboa, foram os que, se bem nos recordamos, conseguiram pôr-se mais em destaque.

José Galache, ha pouco fallecido, pôde dizer-se que foi o mestre de todos os forcados, além de primoroso escriptor taurino. Foi o iniciador das chronicas tauromachicas e o *Diario Illustrado* o jornal que escolheu para as apresentar.

Frederico Arouca foi um pegador tão fino como destemido. Alliava ao merito a elegancia.

Ignacio Rebello de Andrade, que tem sido por varias occasiões administrador de Salvaterra, foi o forcado mais garboso que pisou as velhas arenas.

D. Jeronymo Pereira Coutinho tornou-se notavel como nenhum outro, não só como *rabeador*, como tambem pelo grande conhecimento que possuia das rézes.

Eduardo Rebello de Andrade foi dos mais sabedores de todos que se seguiram a José Augusto Galache.

Jayme Piombino, finalmente, foi dos pegadores mais

rijos que tomaram parte nas excepçoes festas.

E que de referencias especiaes nos iam suggerindo, se não tivéssemos um espaço restricto para este artigo!

Em todos, porém, se notava, a par do saber e da valentia que os fazia sempre sobresahir, a união que nunca mais se viu n'esta parte do espectáculo, a não ser uma ou outra vez no grupo que mais tarde appareceu capitaneado por Lisboa Perdigão.



VISCONDE DA GRAÇA

Como moços de curro destacaram-se Antonio Galache, Julio Caldeira, João Sarmento, Jeronymo

Teixeira Vianna (que depois passou a tourear a cavallo), Rodolpho Tomazini, João Fletcher (que por qualquer motivo certa vez apodaram d'O *celebre abegão do dia 1*, e

assim ficou sendo conhecido durante muitos annos), D. José Manuel da Cunha Menezes, José Allen, etc.

Apesar de ser um lugar secundario, era de grande responsabilidade, tornando-se por esse motivo muitas vezes difficil alcançar quem o desempehasse com dignidade e brio, principalmente quando tinham que figurar ao lado de pegadores de fama.



ALFREDO ANJOS (AGORA CONDE DE FONTALVA)
(No seu cavallo favorito)

Além das individualidades citadas, quantas e quantas mais entraram em tão brilhantes torneios! Mas d'uns falha-nos a memoria, e d'outros só muito vagamente tivemos conhecimento de n'elles figurarem.

Entretanto, como disse Zacharias d'Aça, a coorte litteraria, que brilhava no folhetim, no poema e no drama, tambem não desdenhava as honras e o pó do circo. Bulhão Pato, o mimoso poeta da *Paqueta* e de *Sob os cyprestes*, foi uma figura de destaque como bandarilheiro em tão bellas festas, da mesma fórma que Lopes de Men-



VICTORINO D'AVELLAR FROES

Joaquim Antonio Victo Moreira (general de divisão e ajudante de campo de El-rei D. Luiz), e D. José Pessanha, tambem muito se distinguiram toureando a pé.

Mas não era só no velho circo do Campo de Sant'Anna que se realisavam as festas taurinas em que os fidalgos tinham larga representação. O pateo do palacio do celebre conde de Vimioso, ao Campo Pequeno, tomou tambem uma parte importante na diversão.

E com que desprendimento a nobreza e a melhor sociedade de então descia á arena a abrilhantar essas interessantes luctas!



FREDERICO PEREIRA NUNES



DOMINGOS ANTONIO POEIRA

donça o foi como forçado, depois de já ter alcançado grande renome como folhetinista.

E' que os tempos eram outros. E é sabido que outros tempos, outros costumes!...

A dirigir tão sumptuosas festas (e não só as celebres *touradas de fidalgos*, como também muitas outras corridas organisadas com os elementos d'aquellas, como as primeiras festas do inolvidavel Alfredo Tinoco) evidenciaram-se José Vellozo Horta (que além de critico notavel foi também honroso companheiro do conde de Vimioso, como forçado), o visconde d'Asseca e o visconde da Graça, Frederico Ferreira Pinto e José Augusto Galache.

Todos são mortos!

Qualquer d'estas imponentes figuras na cadeira da direcção equivalia sempre ao melhor exito do espectáculo.

Tambem não era raro vermos muitos dos nomes citados, mudarem o seu genero ou especialidade de lide.

Por exemplo, Antonio Caldeira por mais de uma vez trocou a casaca de cavalleiro pela jaqueta de ramage; D. João Pereira Coutinho punha o gorro andaluz com a mesma facilidade com que enfiava na cabeça o

do; Victorino Froes, ainda agora tanto se lhe dá pegar um touro como collocar uma farpa ou pôr um par de bandarilhas.

Eram amadores genuinos, a quem as fêras nunca atemorizaram!



DIOGO MANIQUE

Grande é a differença das *touradas de fidalgos* de então, com umas outras a que nos ultimos tempos se lhe tem querido dar tal nome. Aquellas começavam por ser de graça, disputando-se os bilhetes por altos empenhos, a que o Paço não era extranho por vezes, e acabavam

no transporte para a praça. Tudo, absolutamente tudo era diferente!

Hoje é vulgar, salvo raras e honrosas excepções, a apresentação da *conta* de despesas de transporte de cavallos e gratificação a moços de cavallariça, o que então nunca succedeu, como nunca nenhum dos antigos amadores se lembrou de, á ultima hora, dizer que não podia tourear por não ter sapatilhas ou lhe faltar a camisa propria, e pedir cinco ou dez mil réis para isso e para a *tipoia*.

Então todos iam para a praça em carros proprios, de gala, e quem os não tinha alugava-os ou emprestavam-lh'os, sendo vulgar disputar-se entre as mais abastadas familias a honra de transportar um lidador



ANTONIO MANIQUE

barrete verde; a Alfredo Tinoco era-lhe indifferente tourear a pé como a cavallo, como era também um pegador esplendi-



RAPHAEL MANIQUE

para o campo de combate nas melhores e mais ricas carruagens de gala que possuíam.

Compare-se o uso d'esses tempos com o que succede agora ! Um horror! . . .

Especialisar as touradas de fidalgos que deram mais brado, desde as que foram organisadas pela *Sociedade Permanente Tauromachica* até á offerecida pelo grande aficionado Alfredo Anjos (hoje conde de Fontalva) ao rei de Hespanha Affonso XII, quando de visita n'esta capital a El-Rei o Senhor D. Luiz, em 1882, é-nos inteiramente impossivel fazer, porque todas deixaram a melhor impressão nos que tiveram a dita de as presenciar.

Depois d'aquellas, só uma se deu, com esplendor semelhante, ficando verdadeiramente memoravel pelo luxo e brilhantismo de que foi revestida — a que se effectuou no dia 20 de maio de 1898, no Campo Pequeno, a qual fez parte das festas do centenario da India, e foi promovida pelo *Real Club Tauromachico*.

A praça — aproveitando-nos das notas que encontramos na *Historia do Toureiro*, do nosso amigo sr. Antonio Rodovalho Duro — estava ornamentada com muito gosto e capricharam em lhe dar um aspecto desusado.

A segunda ordem

de camarotes era circumdada de pannos brancos, onde se desenharam ornatos e brações dos cavalleiros que mais se teem celebrisado nas lides tauromachicas, e trophéus de farpas e rojões.

A primeira ordem tinha colchas de damasco muito fino, e a galeria do lado do sol era rodeada de pannos de velludo carmezim.

O sector n.º 1, destinado aos socios do Club e suas familias, estava atapetado.

O grandioso circo, completamente cheio de gente, produzia um effeito esplendido, mesmo magestoso.

Viam-se muitos estrangeiros e grande numero de senhoras em todos os logares da praça, até nos mais inferiores.

No camarote real, enfeitado com muito bom gosto, assistiu el-rei D. Carlos, as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, e o infante D. Affonso, assim como a familia Orleans, que se achava em Lisboa.

Os lidadores apresentaram-se com trajos á D. João V.

Os cavalleiros, visconde de Varzea (actual marquez de Castello Melhor), D. Antonio de Siqueira (S. Martinho), Alfredo Marreca, D. Luiz do Rego e visconde de Alverca, montavam ginetes ricamente ajaezados e com as sellas cobertas de valiosos telizes. Vestiam de côres diversas, e apresentaram-se de casaca, collete arrendado, calção,



ALFREDO TINOCO DA SILVA



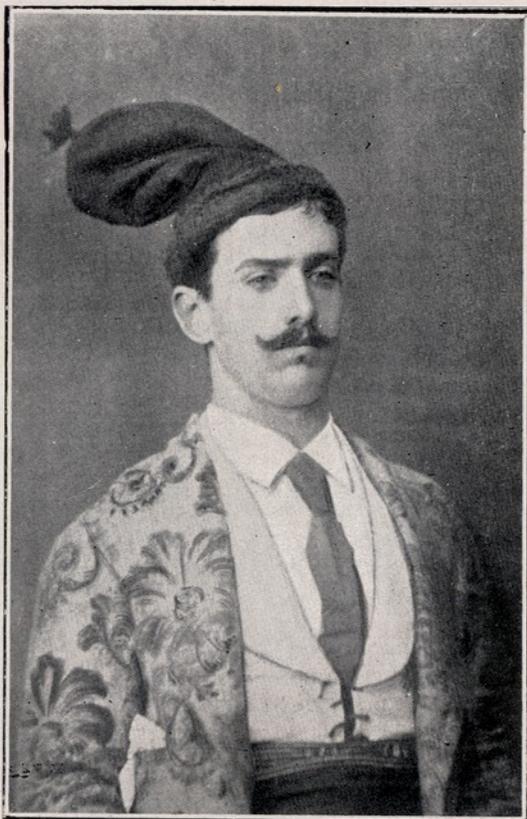
D. JOÃO PEREIRA COUTINHO (SOYDOS)

sapatos e polainas, esporas de prata e tricórnio com cocar de plumas.

Os bandarilheiros Affonso Villar e Alexandre Caldas levavam casaquinha côr de cereja, gibão branco e calção amarelo, tudo de setim, e sapatos de camurça, cabelleira e chapéu braguez.

Mario Duarte e Henrique Avellar da Costa Freire ostentavam casaquinha amarela, gibão azul e calção branco, também de setim, cabelleira e chapéu braguez.

O grupo de forcados era composto dos arrojados pegadores Pedro d'Oliveira (que serviu de cabo), Jorge Rebello da Silva, Alfredo Barbosa, Claudio Lagrange, Pedro Navarro, Alfredo Sirgado, Carlos Gavino e José Castel-Branco. Trajavam todos casaco



JOSE DE BARROS LIMA

Completava-lhes o traje um cabeção branco e cordão, sapatos de salto e chapéu braguez claro.

Os *carecas* (porteiros do touril) e os *papagaios* (porteiros dos cavalleiros), cargos que foram desempenhados por Antonio Cordeiro Feyo, Francisco Sotto Mayor e D. Pedro Pereira Coutinho, vestiam fatos eguaes aos dos bandarilheiros, com a differença de que eram de panno e de côres diversas.

O cargo de *neto* foi desempenhado por Ernesto Avellar da Costa Freire, que, segundo a tradição, trajava á Luiz XIII.

Os moços de curro levavam fatos semelhantes aos dos campinos do Ribatejo, e o grupo era constituido por Carlos da Costa Freire (abegão), José Eugenio de Menezes, Manoel Souto Mayor, José Ma-



FERNANDO REBELLO DE ANDRADE



FERNANDO ANTAS

de panno verde justo ao corpo, calções da mesma côr e tinham couraça de camurça substituindo os antigos arcabouços de couro.

rique Moreira, Alfredo Appleton, Luiz Perestrello de Vasconcellos e D. Nuno d'Almada.

Os andarilhos, que eram os meninos D.

Joaquim de Castello Branco, Eduardo Quintella de Mendonça e D. José de Castro Rezende, vestiam riquissimos fatos á Henrique III.

A corrida foi dirigida pelo sr. visconde de Asseca, pertencendo os touros aos srs. Emilio Infante, visconde de Varzea e Victorino de Avellar Froes.

A lide decorreu animadissima, imprimindo-lhe todos os lidadores o



FREDERICO CORREIA AROUCA

N'essa corrida tomaram parte: como cavalleiros, Carlos Relvas, D. Caetano de Bragança e D. José d'Avillez Junior (hoje conde das Galveias); bandarilheiros, Victorino Froes, Antonio Perestrello, Salvador da França, D. Vasco Belmonte, João Ferreira Pinto e Pedro de Figueiredo; forcados, Ruy Rebello de Andrade (cabo), Manuel Lopes, Duarte Pinto Coe-



EDUARDO REBELLO DE ANDRADE



RUY REBELLO DE ANDRADE

maior luzimento, desde o principio ao fim.

D'entre as *touradas de fidalgos*, organisadas pela nova geração, uma ao menos temos que especialisar, devido ao brilhantismo de que foi revestida — a que se realisou em Cintra a 20 de abril de 1890.

Photogs. da collecção Segismundo Costa e Fernando Viegas.



ERNESTO CALLEYA

lho, Pedro de Oliveira, Jorge Rebello da Silva, Simão de Sousa Coutinho (Redondo), Manuel Figueira Freire e D. Luiz da Camara (Belmonte); abegão, João Lobo de Moura.

Foi esta, como já dissemos, tambem uma festa brilhante, em que o actual conde das Galveias fez auspiciosamente o seu debute nas lides tauromachicas.

CARLOS ABREU.



Notas sobre o Theatro de l'Oeuvre

Lugné-Poe e Suzanne Després

Bo meu eminente confrade H. Hofmannsthal

Homenagem

— «Os latinos teem tudo a ganhar dos allemães. Nos nossos paizes muitos aventureiros dirigem ou querem dirigir o gosto do publico que guarda uma tendencia natural para se aviltar.»

E Lugné-Poe dizendo-me isto, mostra-nos toda a repugnancia pelos *vendedores do templo*, que fazem do theatro um mercado repugnante sem Ideal nem Belleza.

Lugné-Poe teve sempre este condão: seguir um caminho rútilo d'uma Arte cheia de sol. Apesar de todas as barreiras que o acaso ou a malevolencia ergue aos apóstolos sinceros, apesar de todas as tormentas, elle segue timoneiro audaz, ao leme d'essa caravela admiravel de l'*Œuvre*, por mares *nunca d'antes navegados*, á conquista d'uma India do espirito humano. E n'essa intensidade, n'essa nevrose do culto em que elle deixa toda a sua vida, nós vamos encontrar a sua historia dolorida e apaixonada. Elle segue a batalha, a tragica batalha, em que nós vamos todos empenhados, d'uma Arte crucificante e divina, d'uma Ressurreição esperando a alvorada d'um dia eternizador do Bello. E nenhuma outra musa mais o possue, o attrae, o domina; nunca Sphynge mais o perturbou, querendo elle desvendar o mysterio guardado para os Deuses. De ha muito que camaradas meus, n'outras paragens lhe erguiam lenda ou analysavam a evolução de l'*Œuvre*. E a figura de Lugné-Poe surgia-me do negro de desenhos modernos, toda esculptura-

da em Arte e Belleza, eterno caminheiro seguindo o calvario em procura da flôr preciosa da Verdade. E é n'essa *Œuvre*, n'esse labutar de anciedades e de vida, que nós lhe encontramos o poema, todo brocado de alma; toda a côr de imagens roupadas de vigor que nos maravilham e nos atraem. E toda essa existencia dada a uma causa ingrata, todo o cerebro, todo o sangue, está disperso nas tormentas da Batalha, nas paginas memoraveis e historicas como feitos heroicos que atestam as obras erguidas á luz por esse Theatro.

Desde Antoine, o grande, exemplo que abriu caminho a uma reforma artistica, trazendo á figura uma educação definida adentro da movimentação e marcação de cena, notas vividas e impressões que se ligavam, que se completavam, até Lugné-Poe a transformação segue seu curso, a evolução actua pouco a pouco nas suas concepções novas. A vida de Lugné-Poe tem sido semear a Belleza como um incentivo ao desenvolvimento de l'*Œuvre*, e a consagração veiu aos poucos sagrando-o no seu movimento de idéas e de trabalho. Elle esbateu á luz avida da cena francesa, todo esse ramo florido de genios, corbeille d'astros, onde a figura admiravel de Ibsen, o cruel, passa a par de Hauptmann, Sudermann, Bjørnson e tantos outros. E todos estes espectros geniaes deixaram a l'*Œuvre* um traço da sua garra. E n'essa fé d'uma religião de amor, sem li-

mites para o espirito humano Ligné-Poe ergueu o seu estandarte, e foi, Europa em fora como um evangelizador d'um credo novo, levar a esmoia da sua paixão aos seus irmãos d'alem fronteiras que lhe abriam as portas e fraternisavam com elle no mesmo evangelho de Luz, de Amor e de Justiça.

«A arte é bella. A arte é bella!»

E a seu lado, toda aureolada de genio, essa mulher estranha, companheira querida, essa Suzanne Després, que tem sido para elle a amiga dedicada n'essas horas em que a fadiga e a luta ensangentam a vida.

E elle vae, em procura do Bello, venha d'onde venha. Elle vae, caminhos aridos e dificeis no seu trabalho de descentralização, no seu evangelho com suas crises de grandeza, erguel-o até á Verdade nas suas correntes universaes. Elle tem passado a Europa, ante a tela d'um publico avido e cruel, um publico que o analisa de livro em punho, que o segue, cena a cena, detalhe a detalhe, na envergadura das personagens; publico intellectual e terrivel, e terrivel porque é intellectual, que lhe vae no alcance das transições, da marcação, da alegria ou do soffrimento, e Ligné-Poe ganhou victoria. E para isto é preciso ter legado a sua vida á Arte. Em todos os seus ramos elle tem sido o actor e o auctor. Tanto a alma d'um theatro, como a vida d'essa interessante e documentada publicação que elle redige. E' tudo. E' vigor que adeja ahi em todas as suas soberbas manifestações esteticas. O Theatro de l'Œuvre é hoje a personificação d'um poema estranho, e Poe, pelo seu talento e pela sua actividade, tem

conseguido florir a sua grande arvore. D'onde veiu este homem? Quem o conduziu á Arte? A sua vontade e o seu instincto. Dois factores poderosos, que, guiados pela intelligencia, abrem os altares da divinização artistica aos seus apóstolos.

A epopeia de l'Œuvre, é elle que a ergue nos seus braços, que a mostra ás multidões, e essas noites sensacionaes marcam acontecimentos. Basta citar a representação do

Roi Bombance do meu querido camarada Marinetti. Representação turbulenta, cruel, julgando-se alguns criticos no tumulto do *Hernani*, de Hugo. Essa noite comparavel ás tormentas das peças *Ubu-Roi* e *Pan*, deu á deliciosa tragedia de Marinetti um successo enorme. Ligné-Poe foi o creador do papel de *Anguille* e houve-se magistralmente. Marinetti atacado pelo seu manifesto Futurismo, cheio d'uma bella ancia de lucta e de Belleza, encontrou no theatro de l'Œuvre a porta que se abriu ao extravagante e pungente *Roi Bombance*. Essas creações de combate que á força de luta e de genio se erguem contra o máo caminho do gosto publico, deram-lhe a consagra-

ção que atravessou fronteiras e semeou a sua *Œuvre* por toda a parte mundo em fóra...

*
* *

— «Na Allemanha, na mais pequena cidade, ha troupes proprias; sómente nos paizes latinos é que o theatro é precario e nomade.»

Esta phrase pungente, foi a resposta a uma pergunta que eu lhe tinha feito sobre thea-



LUGNE-POE

tro Ella vem até nós, dizer-nos também como nós soffremos do mesmo aniquilamento...

E ao lado de Lugné-Poe eu tenho de frisar essa alta personalidade que é Suzanne Després, a emocionante, e que completa a sua obra. Esta artista é hoje a primeira tragica da França, que nos seus enovelamentos tem o poder sugestivo de Eleonora Duse e que tem acompanhado a travessia do marinheiro audaz, com alta dedicação e amor. E ante o seu fulgor divino eu estranhei que ella não tivesse o seu theatro, como Rejane e Sarah. E tanto mais que na tragedia moderna, n'essa onda de preconceitos e convenções em luta com a verdade, nenhuma a egualou em França. Creadora em todas as obras, artista da nevrose, ella nos traduz o amor nas suas crises, a paixão nas suas avalanches. Ella fôï a tragica viuva *Bratt de Bjærnson*, a *Nora de Ibsen*, a *Poïl de Carotte*; ella animou a *Robe Rouge* e o *Assommoir*. E n'esta carreira estranha, surge-nos ha pouco na *Elektra* do illustre Hofmannsthal, obra con-

sideravel e grande em que ella attingiu o mais alto nimbo de grandeza, espalhando ás mãos cheias, como flores divinaes — a paixão, a dôr, o desespero, o sonho...

E' pois necessario que a França lhe dê um theatro, por justiça e por dever. E' ahi que mais tarde nós iremos prestar-lhe o culto que merece o seu genio, todos nós apostolos da mesma divindade, toda a confraria que se estende as mãos por cima das fronteiras, aproximando Christiania de Paris e de Moscou. Suzanne Després tem ante si o horisonte. Tenho a esperança que se não entreporá ante ella o muro convencional da «*Comédie Française*». Ella deve ter a sua casa. E esta impressão nasceu-me n'uma noite em que sahindo do *Vaudeville* onde ella representava o *Lys*, caminhando atravez dos risinhos *boulevards*, eu seguia essas

pesadas moradias burguezas, como tumulos d'uma cidade cemiterio, onde se poderia erguer o altar d'um Theatro Humano, onde essa figura seguisse o seu rutilo caminho...

Tempo virá...



SUZANNE DESPRES NO PAPEL DE ELEKTRA

ARCHER DE LIMA.





Phantasias de Damião

Ao Antonio Corrêa d'Oliveira

DAMIÃO era um phantasia das minhas relações, mas o mais singular d'esta terra de phantasistas.

Não conheço mercador de pannos que o avantageasse no equilibrio da sua escripturação diaria, desde o *deve ao haver*. Não gastava um phosphoro ou uma linha por desperdicio, vendo sempre deante do desperdicio o desespero dos momentos de falta. Ouvia missa aos domingos, confessava-se, jejuava. Nunca se retrahiou á applicação d'uns synapismos, em caso de defluxo, convencido, como os que não são phantasistas, de que a mostarda continúa a ser panacêa benefica contra os humores do catarhal. Mas se um olhar, uma palavra, um gesto o despertavam para as vertigens da imaginação, elle deixava de ser equilibrado, servo de Deus, devoto da mostarda, mesmo Damião, para ser, eu sei lá!... neve dos Alpes, pennugem macia dos ninhos, perfume bucolico do rosmaninho que na paz dos campos nos acaricia o olfato...

A primeira vez que me julgou digno das suas confidencias, garantiu-me, com segurança, que descendia das vagas do mar, em que se lembrava ter sido espuma, rugido, seiva das algas fluctuantes, berço ora suave ora agitado das conchas e dos buzios, afago das areias d'ouro, agonia dos naufragos abandonados. Sentia ainda em si o echo da ultima palavra — uma palavra penetrada d'amor, de tristeza e de saudade — que uma pobre virgem, ao morrer, lhe confiára na immensa solidão das aguas. Nem conseguia

evocar o seu derradeiro olhar, para o céu negro, revólto e indifferente, sem confrangimentos de piedade — olhar d'amargura e de raiva, em que relampejou, instantaneamente, todo o fôgo da vida e do amor que as vagas suffocavam. Uma recordação, porém, sobrelevava o numero illimitado das outras recordações — pela claridade que lhe projectava na alma. Colhera-a n'um instante suavissimo em que fôra espuma e reflexo. Espuma e reflexo, sorriso das ondas e espelho do céu, embalára no seio sensual o rosto de certa noiva, que resplandecia como um vitral com sol, ao vêr surgir, na praia em que se banhava, o noivo ausente e inesperado. Foi como se a alma, luz do coração, lhe afluasse aos olhos, aos labios, á face ruborisada, e a tocasse do fulgôr das papoilas ao clarear da manhã — e assim a tivera em si, colorida, feliz, para encanto das aguas inconstantes.

Damião, não sei pelo quê, percebeu-me indicios de incredualidade deante da sua origem mythologica, deante das reminiscencias herdadas da primitiva origem. E logo corroborou, n'uma sincera energia:

— Fui vaga do mar, acredita. E senão repara no ondeado do meu cabello, no scintillar dos meus olhos, na alvura dos meus dentes, na minha dôr pelas vegetações emurchecidas, nas agitações da minha carne, nos meus enternecimentos languidos...

Não passaram muitos dias sem afirmar que a onda de que nascera, ao dar-lhe forma humana e sensivel, enclausurára na sua carne uma rajada de vento e um raio terno de luar — e era ainda a rajada que fremia

nos seus impetos de colera, e o raio de luar, esmaecido, mas sempre terno, que lhe vinha espreitar ás pupilas apenas um colo redondo lhe alterava o bater do coração. . .

Damião não deve a sua estranha origem somente ás vagas, ao vento e ao luar. Lembra-se de ter ouvido na flôr das madresilvas o zumbido laborioso das abelhas, e de ser larva na folha d'uma alface. D'isto foi testemunha uma horta que verdejava nas abas de duas serras, sob as prodigalidades paternaes d'um regato e de grandes arvores seculares. Ahi, no tablado d'essa folha e na simplicidade d'essa horta, se desenrolou uma das muitas tragedias da sua incerta vida, na manhã em que um rouxinol cruelmente o devorou. Mas, como á maior dôr não deixou ainda de corresponder pelo menos um segundo de ventura, a larva de Damião desfructou compensações consoladoras. Na viscera do rouxinol fez-se sangue irrequieto, tinta modesta de plumagem, aneio amoroso, e o enlevo d'uma menina pallida que namorava da janella do seu quarto a horas mortas. . .

E asseverou-me até, em ar de plena certeza, que os seus membros, os pellos luzidios do seu bigóde, foram luz das madrugadas.

— Luz das madrugadas?! E como foste luz, Damião? — interroguei, n'uma seriedade simulada.

— Espera, eu explico. . . — o seu olhar projectou a doçura d'um prazer secreto, que se lhe espalhou na face. — Eu explico. . . quer dizer. . . como fui luz, nem sei, devo confessar. Sei apenas que vinha dos lados d'onde vem o sol, mensageira humilde d'um Senhor todo-esplendoroso, atravez dos gorgeios timidos e da gaze subtil da neblina que deve ser o bafo das hervas, cobertas de suor. Vibrava esparso no alvôr que descia do céo, fazia surgir as arvores e os montes da confusão da treva, que a terra a pouco e pouco ia bebendo. E o prazer supremo — as pupilas, ao relatá-lo, tornaram a acender-se-lhe de goso — o prazer supremo das minhas jornadas matutinas estava em insinuar-me, entrar pelas frestas das janellas em quartos de mulher, nos dias cáldos de verão.

Damião concentrou-se, como que a apañhar fios dispersos, a reconstituir a impressão das alcôvas devassadas, das lindas mulheres surprehendidas nos descuidos do somno d'uma manhã abafadiça.

Eu, mordido de interesse, sacudi-o, bradei:

— Damião, vá. . . Damião. . .

Elle esfregou as palpebras, fitou-me — e sorriu-se. A seguir esboçou um bocejo, d'olhos em alvo, distendendo os braços, ainda a sorrir. E falou por fim. . . O que eu não sei, é reconstituir, imprimindo-lhe a sua ductilidade, a sua clareza, o seu poder singular de moldar idéas e sensações, o verbo fulgurante da luz. — Damião, n'esse minuto espiritual de communhão com o infinito, attingiu a eloquencia facil, impressiva da luz, que tudo esclarece e illumina.

Elle fôra luz discreta das madrugadas, em pleno estio. E deve considerar-se que é ao abrir das madrugadas, sob a influencia enervante d'uma atmospherá pesada, que todas as mulheres, as que soffrem, as que amam, as qua fazem soffrer, repousam em somno reparador das fadigas da calmaria, com as roupas em desalinho, ou das emoções que a alma transmite aos nervos, com o abandono d'um ramo quebrado. Era a essa hora que elle vinha esparso na affavel claridade que precede o dia de sol ardente. Percorria o espaço sem limites, acordava nas devesas as aves e os gados, uma ou outra vez demorava-se na folhagem macia dos arvoredos, ou deixava-se deslizar, tremulo e irisado, no seio fresco d'uma gotta de orvalho que era por fim a misericordia d'uma flôr cheia de sêde. E nada lhe dsspertava os innocentes estímulos de quem vê só para illuminar, como entrar em quartos de aroma e recato femininos, podendo gosar, acariciar com amor e com enlêvo a côr, a nobreza alada de certos contornos que a propria estatuaría ignora.

E' verdade que uma manhã ia-se perdendo, bebido pela sêda perfumada d'um lenço. Ficara-se esquecido sobre o abysmo d'uns olhos negros, meio vellados, na tepidez d'uma lagrima silenciosa, a ouvir segredos que só conhece quem sáe d'um coração ensopado no fel da saudade. Valeu-lhe a benigna providencia do acaso — a inclinação subita da face para o escuro da roupa. Ahi, abandonada de luz, irmã do coração d'onde viera, abandonado da felicidade, a lagrima rolou, resignada e sem rumor.

Damião, na intensidade de quem sentiu e sente o que descreve, passou a evocar

bustos de virgens desnudados, no esplendor da mocidade em exuberante florescencia. Uma d'essas virgens, tão fresca como o pampano da vinha ao abrir em folhas, descobrira os braços, descobrira o peito — e do seu peito alteavam-se as duas urnas mais puras que elle tinha visto, tumidas e esphericas, dois sorvetes de leite com morangos a boiar ao alto. O pobre Damião não reconstitue a correcção d'esses braços, a brancura d'esse collo, as urnas altivas em que o mundo se revê na graça, na incerteza, nos mysterios, na fecundidade que não esperimente a illusão de que elles vão pertencer-lhe, tumidos, esphericos e immaculados como n'essa sagrada manhã.

Falou-me tambem, e com louvor, d'um lindo pé.

— Sem calos? — resmúnei, desdenhoso, contundido pela brusca transição dos bustos de virgens para o lindo prosaismo d'um pé.

— Um pé, sim, sem calos — dizia elle, inflammado — e pequenino, leve, setinoso como se o tivessem reduzido, como se carinhosamente o fizessem delicado, breve e setinoso para que pudesse passear, sem o ferir, sobre o setim alvissimo dos lyrios e das rosas. . . Do pé, ligado á perna por uma curva de cólo d'ave que se alteia para o vôo, subia-se ao artelho. . .

Eu começava a ouvi-lo, com o coração de novo oppresso, os olhos dilatados, a respiração desigual, á espera que do traço vivo e quente da sua palavra sahisse a téla dominadora d'uma Danaë authentica, surprehendida na sua immaculada nudez por um Jupiter transformado em luz. . . Mas Damião fez uma pausa inesperada.

— E depois, depois? — inqueri, insoffrido.

Elle bateu socegradamente na testa, e clamou:

— Ah! espera. . . Lembrou-me agora certo quarto, em que entrei furtivamente, diluido na espessura dos reposteiros, e que será para mim, agora e sempre, entre as primeiras, a primeira das minhas recordações.

— Sim? — perguntei, esmorecido.

— E' verdade. Um quarto. . . — as suas pupilas fulguraram, os labios tremeram-lhe n'uma cristação nervosa, e a sua physionomia, como a sua voz, irradiaram um brilho e um calór de incendio. — Um quarto em que havia o perfume de essencias orientaes,

o recolhimento mystico das meias penumbras religiosas, quadros com figuras afogadas em sombra, bibelots que mal se definiam no vago crepusculo ambiente — e um leito comodo, de pau santo, sob um docel majestoso que o envolvia com o ar patriarchal de quem abençoá, com o zelo cauteloso de quem esconde. O leito dominava-se através d'uma ponta do docel levantada.

Baixou a voz, não o ouviu-se alguem. E a sua voz, d'um calor e d'um brilho cada vez mais vivo, lenta, accentuada, com a vibração propria do crepitar d'um tronco em chammas, communicava-me aos ouvidos, aos impetos estuantes do sangue a tensão irreprimivel da ancia de colher, para lá do mysterio a revelação que, n'este caso, repousava sobre o leito de pau santo, no quebranto flacido das formas adormecidas. . .

Mas a linguagem — asseverava Damião, agora contristado — não tinha coloridos, nem linhas bem precisas, nem rythmos bem combinados para corresponder ao encanto da sua visão. Só a phrase d'onde brotasse a côr immortal das telas classicas, embebidas de sol e de sonho, só a expressão que reproduzisse o traço seguro do escopro d'um mestre em marmore que fôsse ao mesmo tempo carne, vida e amor, só o verbo fluido e musical como a harmonia do som, poderiam, e quem sabe, mesmo assim? poderiam arrancar do fundo claro da sua memoria esse corpo divino a que o abandono e a calidez da noite desnudaram o busto. Surgindo d'entre as rendas fluctuantes dos lençoes, lembrava a allegoria de Venus a emergir, pagã e sadia, da espuma inquieta das ondas. Do nariz á bocca, bocca sinuosa, com labios como talhados na polpa d'um gômo de laranja; do queixo ao collo, do collo aos peitos arqueados n'uma altivez solemne de ogiva; dos peitos aos braços, que irrompiam, roliços, da alvura das espaldas indo fechar n'uns pulsos quasi infantis, em mãos descarnadas e esguias, ella affirmava vigorosamente o soberano triumpho da curva. Da testa, regular, brunida e serena, cahia-lhe uma madeixa, em espiral, a que o respirar imprimia uma suave palpição.

Damião era, como disse já, um raio de luz da madrugada. E nunca, como n'esse instante, lamentou não ser o fogo ardente que tudo calcina e funde. Fundindo-a, te-la-

hia absorvido, para que ella, radiosa emanação da belleza recolhida no espirito creador das formas e dos seres, por todo o sempre imprimisse ás fórmulas e aos seres a que dêsse vida, a superioridade das linhas perfectas. Assim, esse corpo magnifico, mas transitorio que devia ter alvoraçado tantos corações, que tantas almas sensiveis devia ter saturado d'amargura, esse corpo ephemero tornar-se-hia transubstanciada fonte de perpetua perfeição. A um afago seu, da terra semeada brotariam hastes mais esbeltas do que as palmeiras novas e em cada haste as flôres teriam o colorido de labios de mocidade humedecidos no ardor dos beijos. E dos flancos fecundados que lhe recebessem a benção, o influxo, o calôr, os ramos da humanidade, á semelhança dos ramos vegetaes, desentranhar-se-hiam em fructos mais puros do que o pómo de Tentação. Onde chegasse o milagre d'um raio luminoso provido da emanação d'essa belleza estranha, esquecer-se-hia, como n'uma região de maravilhas, a existencia remota do disforme e do incorrecto. Não haveria mais aleijados, nem velhos sem amor, nem arbutos retorcidos, n'uma angustia muda e hirta. E tudo o que nascesse sob essa influencia occulta e invisivel, havia de trazer impressa — Damião jurava-o, convictamente — como uma rubrica de origem, a imagem e a semelhança de certo signal voluptuoso que lembrava, a negrejar sobre o velludo branco da sua carne, a marca de fogo d'um desejo.

Mas a espiral de cabello, sacudida pelo respirar, agora mais fundo, roçou-lhe as narinas. Toda ella estremeceu, levando a mão, n'um arripio, ás mucosas irritadas. E ao deixar cahir o braço, tocou a ponta er-

guida do docel, que cahiu tambem e envolveu em penumbra o leito de pau santo.

Elle ainda ouviu um ligeiro murmurio em que se denunciava resaiibo dôce de sonho amoroso — e viu-se de repente, sem saber como, surprezo e confuso, n'um outro quarto, com outro perfume e outro leito, longe d'alli.

Era um quarto que conhecia já e de que fôra expulso duas madrugadas antes, á hora em que recolhia d'um baile aquella que o habitava. Esta, agora, dormia. Ia admirá-la em toda a sua opulencia majestosa e desprevenida, n'um ambiente claro, sem reposteiros, sem docel.

Não é sem horror que Damião reconstitue a impressão que lhe deixou essa mulher que dois dias atraz lhe parecera d'uma opulencia nobre de deusa pagã. Porque, sobre o leito, elle viu o mesmo rosto — mas desbotado como uma frontaria velha sem rebóco, emmurchecido como uma folha em adeantado outomno. A bocca, aberta, n'um vinco de cansaço, era vasia como uma jarra sem flôres. E o peito, a descoberto, gretado, raso e descolorido revelava na sua desolação a tristeza funda da vida que nunca amanhecera para os estímulos sagrados do amor.

Fugia, vibrando na intensidade da surpresa, e viu ainda no marmore do banquinho um cópo de crystal com uma dentadura descarnada — e aos pés da cama, entre as rendas das saias e dos corpetes, destacavam dois hemispherios de borracha, redondos, inertes, seccos como seixos. . .

Foi desde essa madrugada de sensações tão desencontradas que Damião deixou de ser vaga, espuma, luz, para ser apenas e intransigentemente Damião.

SOUSA COSTA.

NEURASTHENICOS, *faligados*
— por excessos de trabalhos —
mentaes — **DEBILITADOS**, por
esforços phisicos e muscula-
— *res, curam-se com a* —

Somatose

em pó ou liquida —
— (dôce ou secca)
— **Vende-se** —
nas farmacias e drogarias



Rainha de Inglaterra

A actual rainha de Inglaterra e imperatriz das Indias, Victoria Mary, era princesa de Teck e nasceu a 26 de maio de 1867. Foi primeiro noiva do irmão mais velho do presente monarca, duque de Clarence, que morreu muito novo. E' uma senhora formosa, adorada pelo povo inglez, pelos seus extremos de bondade e pelo carinho com que suaviza o infortunio dos seus subditos para quem a riqueza não foi prodiga.

A rainha Mary, logo nos primeiros annos da sua juventude, teve de encarar a serio as responsabilidades da vida. Foi obrigada a dirigir a casa de um pae prodigo; adquiriu com esse encargo precoce maturidade. Essa escola tornou-a uma esposa seria e digna. O duque de Clarence ao morrer confiou a sua noiva ao irmão. Foi quasi um capitulo de romance esse casamento.



VICTORIA MARY

Bellas Artes

Oitava exposição da Sociedade Nacional

Menos concorrida ainda pelos profissionaes que a anterior. Encontravam-se ali, todavia,



UMA VELHA
(Retrato a oleo de A. Cardozo)

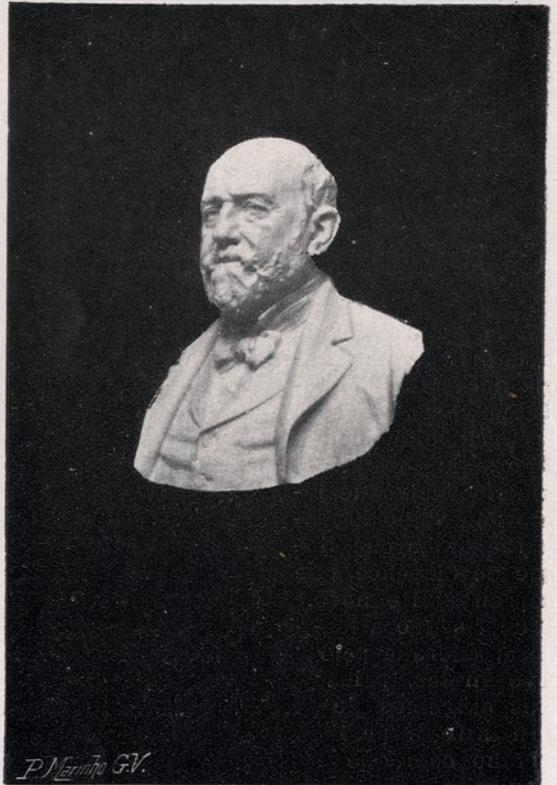
dois bellos retratos de Malhóa, alguns quadri-
nhos de Velloso Salgado, diversas obras de
Souza Pinto, de D. Emilia dos Santos Braga, um



ESTUDO DO NU
(Quadro a oleo de Henrique Franco)

soberbo busto de Costa Motta, aguarellas de Ga-
meiro, e ainda d'outros, de valor e de reputação
feita no nosso meio artistico. Columbano, que
não concorreu, apresentou, no entanto, varios
discipulos seus, os quaes, com as suas obras,
não deixaram esquecer o mestre. O mesmo
succedeu com Carlos Reis, Antonio Ramalho e
Con tantino Fernandes abstiveram-se comple-
tamente, com funda pena para quem se inte-
ressa por coisas de arte.

Abundaram as amadoras e amadores. Entre
tentativas, mais ou menos bem succedidas,
contam-se alguns trabalhos de merito, que nos



BUSTO DO CONDE DE BURNAY
(Por Costa Motta)

consolam um tanto da persistente ausencia
dos artistas de nome feito. Se fosse possivel
promulgar uma lei que multasse pesadamente
esses transfugas!...

Afora esta exposição houve mais três inte-
ressantes. Uma nos armazens Grandella, em
que o illustre pintor Thomaz de Mello e uma
sua discipula, «Emilia», concorreram com telas
de subido merecimento; outra na *Ilustração*
Portuguesa em que o pintor Alberto Silva pa-
tenteou quanto aproveitara com a sua estada
em Paris; e a terceira no lyceu *Camões*, orga-
nizada pelos alumnos, e onde havia alguns es-
tudos denunciadores de aproveitaveis voca-
ções e de grandes promessas no futuro.

Simões de Castro

Simões de Castro é um rapaz novo, cheio de vivacidade, de alegria, de faculdades de estudo e de observação. A litteratura tentou-o e n'ella se lançou



impetuosamente, como sempre succede nos verdes annos. Além de duas peças de theatro *A declaração* e *O irremediavel*, escriptas com fogo e intensidade, conta muitos outros trabalhos, todos elles reveladores de um criterio bem orientado e culto.

A nova canhoneira «Beira»



O SEU LANÇAMENTO A AGUA

Concurso hippico

Decorreu no meio da maior animação o concurso hippico que durate uma semana prendeu a attenção de Lisboa. Houve provas magnificas, cavalleiros que se distinguiram pela sua elegancia e pericia e ainda pelos esplendidos animaes



ALFERES JOÃO DE MENDONÇA

1.º premio de cavallo de apresentação

que montavam. Terminadas as provas no campo, disputadas por cavalleiros portuguezes e estrangeiros, o *Turf* offereceu um jantar aos dois officiaes hespanhoes que tomaram parte no concurso.



ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

Vencedor das provas disputadas por discipulos

Chronica da moda

A Tetralogia de Wagner e as modas actuaes. — Os revoltados contra a moda. — A necessidade d'uma reacção forte para triumpho das senhoras de bom gôsto. — A diversidade dos aspectos da moda. — As «mousselines» de seda plissadas. — Os crêpes da China. — Os bordados em «linon» de 1850, transportados para os nossos dias. — O tailleur de seda azul será uma consagração mundana d'esta época. — Os chapéus. — A moda nas sombrinhas, etc. etc.

O anno passado ouvimos dizer a um dos nossos habitués, de S. Carlos, assistindo á grandiosa obra — a *Tetralogia* —:

«Somos bem desgraçados desde que conhecemos a musica de Wagner!

A maior parte das pessoas não a comprehendem, ficam como que esmagadas por esta grandeza extraordinaria, e comtudo, essa onda de belleza colossal veio-nos lembrar com saudade, as nossas queridas cavatinas d'outra ora, que hoje se tornaram insupportaveis, e até mesmo os bailados que perderam aquelle charme com que nos deleitavamos, batendo o compasso nas passagens mais familiares e que fizeram a fortuna dos orgãos e realejos da *Barbarie*...

Somos bem desgraçados!»

Não acham as nossas queridas leitoras que este capricho — do qual deixamos toda a responsabilidade ao seu auctor e que tanto diz respeito á admiravel revelação musical do *demi-siècle*, desde a apparição do Tristão e a *Tetralogia* — pôde applicar-se a varios assumptos?

Ha coisas que nos encantam durante muito tempo; ha modas que surgem não nos seduzindo de repente, mas influenciando-nos; e, d'um momento para o outro, queimamos os nossos idolos da vespera — sem comtudo nos sentirmos ainda bastante encantados para os podermos substituir — e eis-nos num periodo de amargura infinita!

Pois bem: neste momento as modas fazemos sentir essa amargura:

Toda a gente as discute, e estamos convencidas que no fundo, nenhuma mulher as achará talvez bonitas. Se interrogassem vinte pessoas numa sala, dezanove revoltar-se-iam contra as saias *entravées*, tão apertadas que mal se poderá dançar, andar, descer d'um trem, subir ou descer uma escada; contra as *jaquettes* tão curtas, tão sem elegancia, que fazem lembrar uma simples *matinée*; contra os chapéus, parecendo umas alcôfas ou uns capacetes de *scaphandros*, não falando nos que, pelas suas dimensões, em largura, tornam impossivel o uso das sombrinhas e guarda chuvas; revoltar-se-iam ainda sobre as *toilettes* de noite, que são tão curtas, tão apertadas, tão estranguladas que, mesmo custando alguns centos de mil réis, teem a apparencia de insignificantes vestidinhos, sem luxo, e o seu *chic* não chega a ver-se senão em pequenos detalhes de guarnições, que um profano, mal poderá distin-

guir. Emfim toda a gente critica... e se se pensa em reagir, usando uma saia moderada, uma *jaquette* de comprimento rasoavel, um chapéo que fique bem e uma toilette de noite com saia comprida, harmoniosamente *dupprée* num tecido macio — *chatoyant* — arriscamo-nos a dar a impressão de não sabermos acompanhar a moda... e a sentirmo-nós *démodés*!...

Seria muito triste se isto continuasse; mas parece estarmos finalmente chegados ao extremo. E' preciso unirmo-nos, porque a união faz a força, afim de que tenhamos uma grande energia para o movimento de reacção ser completo e triumpharem então as mulheres de bom gosto, que, graças a Deus, ainda são em grande numero...

Para isto se conseguir, conservando no emtanto todas as modas actuaes, bastaria somente attenuar os pontos de exaggero que chegam ao ridiculo.

Ha tambem o lado consolador que põe termo a certos caprichos:

E' que as modas tem uma tal diversidade de aspectos que se lhes podem applicar maravilhosas audacias, completamente contrarias ás tendencias geraes. E' assim que ao lado de saias d'um metro e vinte de largo, se vêem reaparecer, recentemente, as saias plissadas tendo sete a oito metros de largura, mas conservando sempre e impressão direita a *silhouette affinée*, condição *sine qua-non* da elegancia.

As *mousselines* de seda plissadas acharam tambem nas tunicas, uma encantadora occasião de se manifestarem.

Citaremos por exemplo um modelo delicioso, que constituiu uma das mais primorosas *toilettes* que sahiram da casa de modas, Paris em Lisboa, casa que todos nós conhecemos pela sua justificadissima fama de elegancia e de bom gosto: A tunica direita, plissada em sobrepliz, accentuava assim duplamente o seu nome de tunica de «menino de côro», feita em *mousseline* de seda côr de rosa, bordada, d'uma larga renda de *maline*, assentando sobre uma saia igualmente plissada em *mousseline* cereja apanhada em baixo e fazendo effeito da banda de *charmeuse* que segura a bainha. O *empiecement* ligeiramente *échancre* da tunica e a parte de baixo das mangas, em meio comprimento, eram em renda *maline*, formando, junto ao pescoço, uma delicada e graciosa *collerete* muitissimo bem indicada para este vestido lindo de fórma e tonalidade.

A côr de cereja, transparecendo a côr de rosa da tunica, dava a mais agradável e esplendida combinação.

Os crepes de China (*tussor*) são, entre todos os tecidos de verão, os mais usados, em côres claras, como azul pastel, côr de carne, verde nilo, são d'uma grande frescura de tons e



TRAJES DE PASSEIO

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a suade e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE**.

guarnecem-se de barras de *taffetas* do tom do fundo; por exemplo, num vestido azul claro com ligeiros desenhos, feito em duas saias, a túnica muito comprida, deixa ó ver vinte centímetros da saia de baixo, d'um azul mais escuro que o tecido desenhado; esta túnica embainhada com uma barra de *taffetta* azul, bordado com um cordão grosso, é aberta debaixo do braço, á judia, e guarnecida da mesma barra bordada, deixando ver por uma abertura ao lado, o vestido de baixo; uma pequena *guimpe* interior em *linon* antigo, completa es e conjuncto de *toilette* para menina.

Encontraremos de resto, alliadas a muitas combinações estes finos bordados em *linon* que por si só puzeram uma nota de graça nas modas de 1850, que ha tanto tempo estavam abandonadas.

Hoje sao procuradas com entusiasmo e o seu archaismo é um ponto seguro de successo para as frescas e lindas *toilettes* de verão.

Sobre estes tecidos, applicam-se com o maior apuro de elegancia e bom gosto, as tunicas duplas e as simples tunicas em *mousselines* de seda. A dupla túnica tem qualquer coisa de mais *recherché* e, apesar d'estas sobreposições dos tecidos, é necessario em absoluto que a linha fique sempre delgada; concebe-se tambem que haja obras primas de talhe que por si só revelam a mão d'um mestre que sabe dar á *toilette* uma nota de elegancia desusada e particular.

Segundo se quer aclarar ou escurecer a tonalidade geral, a *mousseline* de seda deve ser do tom do fundo ou do tom do desenho: sobre os *foulards* ou crepes da *China (tussor)* — com fundo branco e desenhos pretos, póde ser velada de *mousseline* de seda preta, verde esmeralda, ou azul saxe; estas combinações dão efeitos de tons verdadeiramente lindos e novos; uma barra de *charmeuse*, do mesmo tom, com o competente forro de lan para o tornar pesado e cahir bem como se deseja.

Esta indicação a proposito das tunicas de *chiffon* de seda em azul saxe é que nós aconselhamos com prazer, repetindo mais uma vez que será esta côr uma das mais queridas e predilectas da estação. O seu successo no emtanto excederá a expectativa geral.

O *tailleur* de seda azul (*moirée*) será das maiores consagrações mundanas e a *toilette* preferida das nossas elegantes.

Em todos os tons naturaes ha sempre uma distincção pratica da melhor ligação e a côr crua allia-se maravilhosamente aos bordados de *linon* do mesmo tom, para se fazer o corpo — blusa — Esta semilhança de côr póde permittir mesmo esta innovação; os casacos sem mangas substituidas pelas da blusa.

Já demonstramos o nosso pouco apreço pelo chapéo *bonet* turco; no emtanto alguns ha que, inspirados nesta fórma, modificando-a, chegam a fazer encantadoras toques em palha leve, entremeadas de fitas de *moirée*, que na realidade são lindas; outros em tule guarnecidos d'aigrettes de dois tons. O *dernier cri* são estas *aigrettes* matisadas, metade de côr mais escura e a outra metade mais clara, ou o

contrario, acabando em preto: côr de rosa e beije, roxa e amethysta, branco e preto, eis as combinações mais apreciadas. Quanto ás plumas ha tambem uma innovação; ás plumas *tigrées*, quero dizer *tachetes* d'uma tinta mais escura que a das plumas, em branco e preto, cinzento em dois tons, dá-se-lhes o nome de pluma *chinchilla*; são muito elegantes e consideradas *chics*.

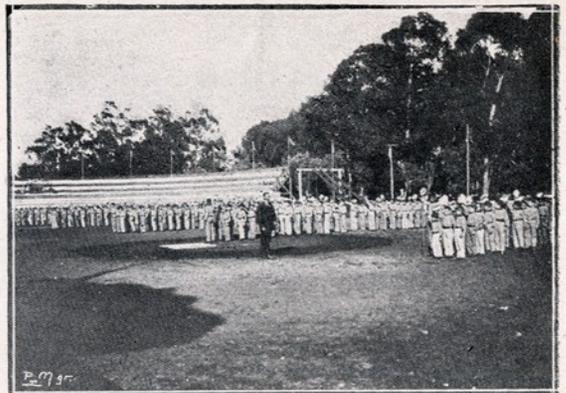
A moda nas sombrinhas acompanha o movimento dos vestidos. São deliciosas e maravilhosamente frageis. Poderão servir para tudo menos, para tirar o sol, pela leveza e transparencia dos seus tecidos. Outra particularidade que se distingue nellas é a altura dos cabos, que medem um metro e vinte centímetros e são em madeira da *Ilha*, ou em junco, substituindo *le pommeau* por uma graciosa caixa para pós de arroz, ou o indispensavel frasco para saes. Temos inumeros modelos a que as nossas leitoras poderão apreciar a divertida novidade e perfeita elegancia.

Na nossa estampa, a primeira figura representa um vestido desenhado em cambraia branca fina sobre a qual são introduzidas barras estreitas de bordado depio em fundo de azul de fumo. O chapéo é preto ornamentado com ave de paraiso.

A segunda figura mostra um traje a *debrum* largo de setim que entrou outra vez na moda. O traje é de *petit drap* em tom delicado de ouro velho com a beira e parte do corsage de «aeolienne» preto. O chapéo é de ouro velho escuro guarnecido com grandes ramalhetes de margaridas em tons de verde pallido.

Para o proximo numero trataremos da *écharpes* e agasalhos de verão.

Na Escola Academica



EXERCICIOS DE GYMNASTICA SUECA

«Contos de março»

Os *Serões* prestam n'este numero homenagem, embora tardia, ao primoroso auctor dos *Contos de março*. Essas lendas, esses sonhos,

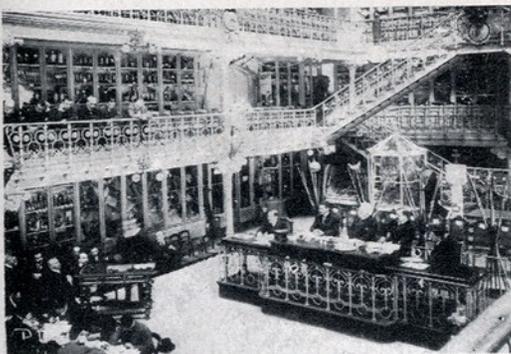


LUIS DA CAMARA REYS

esses amores, essas ironias, escriptas em linguagem san, quente, com requintes de galharda gentileza, leem-se de um trago e deixam após si uma deliciosa fragrança de juventude e de poesia.

Congresso nacional

Um dos acontecimentos de sensação do mez foi a realização do Congresso Nacional na sala Portugal, da Sociedade de Geographia. Discu-

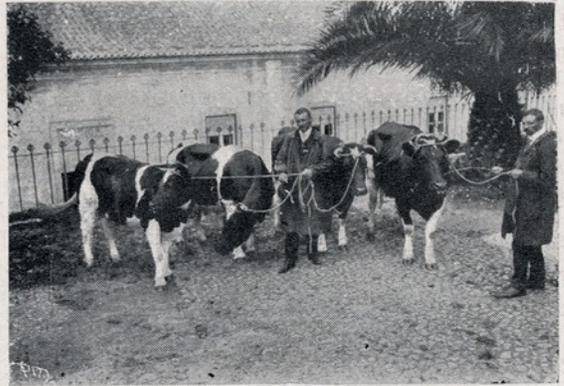


MESA DA PRESIDENCIA

tiram-se ali assumptos que muito interessam a nossa vida social. Estas reuniões offerecem vantagens serias em muitos pontos de vista.

Concurso pecuario

Foi em extremo concorrida a exposição de vaccas leiteiras no Campo Grande. Exhibiram-se ali esplendidos exemplares, portuguezes e estrangeiros. El-rei e o principe real estiveram examinando detidamente os especimens expostos. Dias depois foram distribuidos por



GRUPO DE VACCAS HOLLANDEZAS

Sua Magestade os premios na sede da Real Associação de Agricultura, seguido de um jantar a que presidiu o sr. ministro das Obras Publicas, conselheiro Moreira Junior.

«À margem do código»

D'entre os modernos dramaturgos, um dos que com maior facilidade e mais retumbantemente triumphou, foi Luiz Barreto da Cruz



LUIZ BARRETO DA CRUZ

com a sua magnifica peça *A' margem do código*. Revelou-se n'ella um comediographo de talento e um psychologo de intensa e madura observação. *A' margem do código* não é só uma peça para se ver e applaudir, é tambem uma obra litteraria digna de leitura e de ponderação.

Theatros

D. Amelia. — Como os demais annos, foi recebida com bastante enthusiasmo, a estreia da companhia de zarzuela, tendo por principal figura, no elemento feminino, a *triple* Pilar Marti, a quem o publico dispensou estrondosas ovações.

E' notoria a predilecção do nosso povo por este genero de theatro, que com os seus bailados e estonteantes *seguidillas*, provoca sempre frémitos de applausos e transmite á platea uma nota alegre, como é raro ver-se em outros espectaculos. A musica viva e saltitante, com aquelle tic hespanhol, harmonizada com pandeirêtas, castanholas e requiebros musicaes que nenhuma como a mulher hespanhola, sabe acompanhar n'uma voluptuosidade e ondulações de linhas graciosas e suggestivas, tem, entre nós, um elevado numero de adeptos e consegue aquecer o publico; de fórma, que estas recitas despertam sempre a curiosidade e dão ao theatro um aspecto festivo, que dispõe bem o espectador mais semsaborão. E, em boa verdade, se Zacconi, o celebre tragico italiano, attrae e empolga pela sua sublime arte de representar, Pilar Marti, prende e arrebatada pela sua vivacidade e desenvoltura galante, e a sua arte tem igualmente os seus encantos e as suas seducções. E' a segunda feição porque se encara o theatro; para uns, elle deve applicar-se ao util e dar-nos qualquer coisa que possa servir de estudo e proveito o, — uma lição moral, um exemplo para a vida pratica; para outros, o theatro deve unicamente visar o recreio de espirito; ser coi a passageira que desapareça da retina ao cahir do panno, deixando apenas a recordação d'umas horas bem passadas.

Rir é o lemma para alguns, o theatro é para divertir e nada mais.

Não vem agora para o caso discutir uma ou outra d'estas opiniões, e sim dar cumprimento á nossa missão de informar os nossos amáveis leitores, um pouco resumidamente, porque assim nos impõe o espaço de que podêmos dispôr, do que ha passado pela ribalta dos nossos theatros.

Das zarzuelas já nossas conhecidas, alcançaram novo successo:— *El trebol*, *El santo de la Isidra*, *Los africanista*, *La revoltosa*, *El pobre Valbuena*, *Enseñanza libre*, *Sangre Moza*, *Las Bribonas*, *Verbena de la Paloma*, *La gatita blanca*, *Alegria de la Huerta*, etc., zarzuelas que se impõem pela graça do entrêcho e musica de inspirada melodiá; das novas ha a citar:— *Camisaria*, de Alvarez e Tirado, musica de Lleo, que pertence ao numero das mais felizes, pois que, aproveita com valôr a nota caracteristica das do seu genero: muitas canções bailados e espirito em barda. — *Los hombres alegres*, de Peso y Abati, peça de triumpho seguro, enredo com certa novidade, dialogo vivo e bem manejado, muita graça e numeros de musica de bello effeito. — *La alegria del batallon*, de Arniches e Quintana, peça militar, como o titulo indica; n'ella se entrelaçam as situações comi-

cas, que provocam a franca gargalhada, com outras sentimentaes, dando assim uma variante de côres, que bastante a recommendam. A musica de Serrano está bem orchestrada, sae mesmo do vulgar no genero, o que tudo demonstra haver razão no successo que obteve em Hespanha. — *Ese es mi armanito*, de Monis e Domingues, como na *Camisaria*, exhibe uns typos comicos e caracteristicos: escripta n'umas horas de bom humor, prehenche bem o fim a que se propõe, pois que, obriga a rir o menos expansivo dos mortaes; a musica de Foglietti é alegre e de agradável audição, contraste frisante com a de *El club de las solteras*, do mesmo auctor, que pela cadencia e estlyo não obteve igual agrado. Esta zarzuela original dos laureados escriptores Arniche e Garcia Alvarez, não é tambem das suas melhores obras, o que não quer dizer, que não tenha scenas aproveitaveis e numeros de musica, como por exemplo, o da valsa, que o publico com justiça palmeou. — *Toros en Aranjuez*, é o que se chama, uma farça engraçadissima uma serie de trapalhadas, uma successão de episodios comicos que fazem rir, quem mesmo não queira.

Sem duvida, Camaño e Soler foram muito felizes porque o espirito é realmente ás mãos cheia.

Para complemento d'esta nossa noticia dirêmos tambem que a companhia era de primeira ordem, possuindo bons elementos, de maneira a só termos que elogiar o desempenho de todas as peças enumeradas.

Pilar Marti, Amalia Campos, Dolores Cortêz, Latorre, Bodalo, Hervas, Lamas, etc., são artistas de valor que, no genero — zarzuelas — tem logar d'honra.

Trindade. — A revista *A's armas!* original dos srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, que no theatro Carlos Alberto, do Porto, contou 72 representações, teve igualmente, em Lisboa, um lisongeiro acolhimento, o que é mais para notar, visto a peça visar, em especial, factos passados n'aquella cidade, e portanto na maioria, desconhecidos do publico da capital.

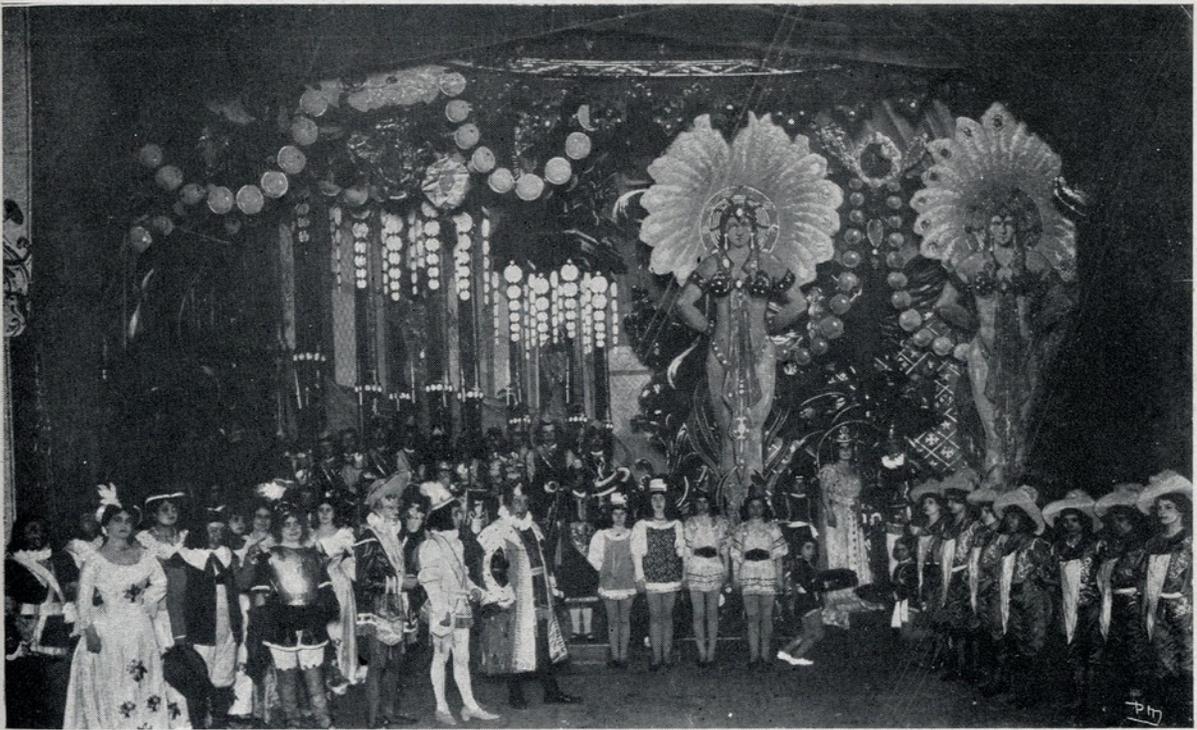
Não é presentemente, tarefa facil fazer uma revista, com os requisitos que o genero exige, e que agrada, como succedia, ha uns annos; as mutilações do lapis azul tira-lhe por completo todo o seu sainete, de que temos um exemplo frisante na revista *O Tim-tim*, do sr. Sousa Bastos, comparando a primeira serie de recitas que ella deu no theatro da Rua dos Condes, com as que vieram depois. Nem o proprio Alfredo de Carvalho, no papel de *Lucas* conseguuiu sustentar o mesmo agrado de *compère*. E já pelo elevado numero de revistas, já pela falta de critica desassomburada e imparcial dos factos, e abusó da pornographia. certo é, que as d'hoje pecam pela ausencia de novidade, graça e valôr critico, dando em resultado a sua decadencia, o que leva a suppôr a sua desaparicção, em época não muito remota, com que francamente, todos havemos de lucrar.

Em tempos antigos, a revista, uma unica por anno, constituia um prato agradável e dava

bôas enchentes; hoje, em geral, umas cem por anno, aborrecem e, o que é mais, algumas na linguagem vão um pouco além do toleravel em theatro. As *piadas*, chamemos-lhes assim, com o *double-sens*, toleram-se, mas a linguagem desbragada que se ouve actualmente, pelos nossos palcos, é que precisa um travão forte, de effeito radical. Graça pornographica qualquer a tem, o difficil é precisamente o contrario; por isso, por causa d'essa incomprehensivel tolerancia, é que o numero dos nossos comediographos augmenta de dia para dia.

Não tem, porém, em absoluto, este segundo defeito, a revista *A's Armas*, a que vimos de nos referir, e crêmos mesmo, que os ditos mais asperos que a peça tem, veem do numero de representações. O 3.º acto, em especial, é bom

cem applauso. Se *O arco da velha*, não fosse já a nôna ou decima d'este anno, tinha obtido um exito muito superior ao que teve na sua *première*. Que precisava uns cortes, é verdade, mas que a par d'uns pequenos *senões*, tem muita coisa aproveitavel, tambem é uma verdade, e comtudo, rapida foi a bôa impressão e quasi despercebida passou a critica em alguns dos quadros, como no que tem por titulo *Madame d'Embrulhar*. Estão os seus três actos polvilhados de bastante graça, sem pimenta em demasia, e o desempenho muito para elogiar tratando-se para mais, de artistas pouco habituados ao genero, excepção feita á actriz Mercedes Blasco; assim temos: Telmo no *compère*, que tirou todo o partido do papel; Cardoso em diversas *rabulas*, bem como, Alegirim, Monte-



THEATRO DA RUA DOS CONDES — *A herança da fada* (2.º acto)

e tem novidade, sendo o quadro *No bazar dos tres vintens*, o de melhor effeito.

O desempenho a cargo de Ernesto Portulez, Mattos, Julio Guimarães, Delfina Victor, Maria Pinto, Marietta Mariz, Albertina d'Oliveira, etc. é bom; muito cuidada a encenação de Portulez e tem bellos numeros a musica de Manoel Benjamin e Paschoal Pereira.

E passamos ao

Gymnasto. — Mais uma revista *O arco da velha*, original dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, com musica dos mae tros Alfredo Mantua e Wenceslau Pinto; e quer acreditem, quer não, succede com estas peças, o mesmo que acontece com o melhor manjar — de muito repetido... enjôa.

O prejuizo é manifesto, pois que, dá como resultado não serem devidamente apreciadas algumas das revistas, que, sem duvida, mere-

ro, Gil, Julio Candeira, Miguel Pereira, Vieira Marques e Brandão; Mercedes, Rosa d'Andrade e Jesuina que deram um optimo conjunto, merecendo os applausos que o publico lhes dispensou.

Justo é uma referencia especial á actriz Alda de Aguiar, que dia á dia, progride de fôrma accentuada, e ao scenographo Luiz Salvador que apresentou uns bellos trabalhos.

Rua dos Condes. — D'esta vez o popular theatro da Rua dos Condes, inaugurou a época de verão, com uma magica *A herança da fada*, arreglo de Celestino da Silva e musica de Luiz Junior; e bem andou, fazendo reviver, como ha duas épocas, o theatro da Trindade, essas peças, de tanto apreço para os nossos avós, e nas quaes a phantasia pode correr pelo tablado do palco, de mãos dadas com a graça e esplendor de guarda-roupa e scenographia, recreando

o espirito, sem pedir favores á logica e desculpas ao lapis das... mutilações. Já tambem tiveram as magicas a sua época, appareciam como os cogumelos, não havendo theatro de feira que não levasse á scena, uma magica nova, por noite; era um inferno; mas tamanho foi o esfalfamento, que ha uns bons trinta e tantos e annos, fugiram dos cartazes. O mesmo ha de succeder ás revistas; mas antes estas do que ellas, e por maior razão, pelo cuidado com que eram escriptas, podendo todo o chefe de familia, sem receio, levar ao theatro as suas esposas e filhas, o que não succede hoje, infelizmente.

A magica *A herança da fada*, recente-se da

falta de habito, no presente, para esses trabalhos, não deixando, porém, de haver agradado e ter o publico palmeado interpretes e auctores, sem esquecer os scenographos José d'Almeida, Venancio e Luiz Salvador.

Principe Real. — Com um novo quadro intitulado, *O hotel do Lagarto*, continúa dando boas casas, a revista *Sol e Sombra*, que no Porto não foi recebida, como em Lisboa. O quadro, novo tem realmente, graça, está bem architectado, cabendo louvores aos artistas, Gomes, Gentil, Lopes, Lucinda, Julia Mendes, Emilia Romo e Isabel Ferreira que o interpretaram muito bem.

H. O.

Bodas de diamante do «Açoriano Oriental»



COMISSÃO INICIADORA DA CELEBRAÇÃO DO 75.º ANNIVERSARIO DO «AÇORIANO ORIENTAL»
EM PONTA DELGADA

Da esquerda para a direita: Em pé: *Annibal Bicudo*, collaborador do «Diario dos Açores»; *Francisco Manuel Bicudo Corrêa*, representante da «Persuasão»; *Padre Manuel Vicente*, representante d'«O Autonomico»; *Alfredo da Camara*, director d'«O Reporter»; *D. Maria Evelina de Sousa*, redactora da «Revista Pedagogica»; *Jacinho Leite do Canto Pacheco*, representante da «Gazeta da Relação»; *Padre Herculanio Romão Ferreira*, representante do «San Miguel»; *Manuel Rezende Carreiro*, do «Diario dos Açores».

Sentados: *Manuel Pereira de Lacerda*, director do «Diario dos Açores»; *D. Alice Moderno*, redactora d'«A Folha».

«O pintor Nuno Gonçalves»

Os nomes do dr. José de Figueiredo e de Luciano Freire andam na bocca de toda a gente que em Portugal e no estrangeiro se interes-



DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

sam pela arte nacional. E, na realidade, nunca homenagem d'este genero foi mais merecida. Ambos são dois benemeritos. Um, o dr. José de Figueiredo, auctorizado critico de arte, entusiasta por tudo quanto significa ar e, es-



LUCIANO FREIRE

creveu um livro, que tem tanto de erudito e de attrahente, como de util e de sensatamente orientado.

Outro, Luciano Freire, pintor conhecido e admirado, restaurou com rara probidade e acerto as obras do seu celebre collega do seculo xv, Nuno Gonçalves.

«Italia»

Justino de Montalvão é hoje um dos nossos mais scintillantes prosadores. O seu recente livro *Italia* representa mais uma demonstração do brilho do seu estylo artisticamente facetado, a acuidade da sua minuciosa observação, o carinho e certeza da sua pupilla sempre ávida de descobrir bellezas e novidades. Justino de Montalvão fixou na sua bella obra um grupo das mais lindas paisagens italianas, e, a sua penna e a sua arte não são inferiores ao pincel e a arte de qualquer dos grandes artistas que tem tratado da Italia.



JUSTINO DE MONTALVÃO

Azulejos artisticos

Jorge Colaço expoz no mez de junho, no seu confortavel *atelier*, uma porção de *panneaux*. Quasi todos tratam de assumptos historicos, taes como a *Tomada de Ceuta*, o *Combate dos Arcos de Valle de Vez*, o episodio de *Guzmun*, *el sereno*, etc., além de incidentes de caça, scenas da vida do Douro, e um soberbo retrato



JORGE COLAÇO

da extincta duqueza de Palmella. Estes trabalhos confirmam todos que o talento de Jorge Colaço n'esta difficilima especialidade attingiu um elevadissimo grau de perfeição.

Redacção do «Diario de Noticias»



REDACTORES EFFECTIVOS E DE MAIS PESSOAL DA REDACÇÃO

Bibliographia

A Atlantida. — O reverendo J. A. Gomes Ribeiro, professor do collegio de Campolide, traduziu o celebre poema catalão *A Atlantida*. A traducção é trabalho de pólpa, estudado com toda a attenção e realizado com mestria.

La littérature portugaise. — João de Barros, espirito estudioso e dos mais lucidos

da moderna geração, publicou ha pouco tempo uma excellente obra com esse titulo. Muito bem feito, escripto com grande sobriedade, compara a litteratura portugueza com as suas congéneres estrangeiras; trata da sua evolução; do lyrismo e dos principaes representantes d'essa escola; do romantismo, do naturalismo, do symbolismo e do movimento idealista contemporaneo. E' um estudo completo e digno de ser devidamente apreciado.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Musica dos "Serões"



RONDÓ

MUSICA
DE
J. HAYDN



Rondó

Allegro.

J. Haydn.

The musical score is written for piano and bass. It begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The tempo is marked 'Allegro.' and the dynamics are marked 'mf'. The score consists of seven systems, each with a treble and bass staff. The right hand (treble clef) features intricate melodic lines with frequent sixteenth and thirty-second notes, often grouped in slurs and accompanied by complex fingerings (1-5). The left hand (bass clef) provides a steady accompaniment with eighth and sixteenth notes, often in a rhythmic pattern. The piece concludes with a final cadence in the right hand.